

GISELE CAMARGO MONTEIRO

A biblioteca escolar na formação de competências em informação: contribuições e perspectivas em bibliotecas do Colégio Pedro II

Dissertação de Mestrado
Junho de 2016



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO - UFRJ
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO - ECO
INSTITUTO BRASILEIRO DE INFORMAÇÃO EM CIÊNCIA E TECNOLOGIA - IBICT
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO - PPGCI

GISELE CAMARGO MONTEIRO

A BIBLIOTECA ESCOLAR NA FORMAÇÃO DE COMPETÊNCIAS EM
INFORMAÇÃO: contribuições e perspectivas em bibliotecas do Colégio Pedro
II

RIO DE JANEIRO
2016

GISELE CAMARGO MONTEIRO

**A BIBLIOTECA ESCOLAR NA FORMAÇÃO DE COMPETÊNCIAS EM
INFORMAÇÃO: contribuições e perspectivas em bibliotecas do Colégio Pedro
II**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, convênio entre o Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia e a Universidade Federal do Rio de Janeiro/Escola de Comunicação, como requisito parcial à obtenção de título de Mestre em Ciência da Informação.

Orientadora: Prof^ª. Dr. Gilda Olinto

RIO DE JANEIRO
2016

M772b

Monteiro, Gisele Camargo.

A biblioteca escolar na formação de competências em informação: contribuições e perspectivas em bibliotecas do Colégio Pedro II / Gisele Camargo Monteiro. _ 2016.

99 f.; 30 cm.

Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Comunicação, Rio de Janeiro , 2016.

Orientadora: Gilda Olinto.

1. Biblioteca escolar 2. Competência em Informação 3. Ciência da Informação -
Dissertação. I. Olinto, Gilda (Orient.). II. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de
Comunicação. III. Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Programa de
Pós-Graduação em Ciência da Informação. IV. Título.

CDD: 027.8

GISELE CAMARGO MONTEIRO

**A BIBLIOTECA ESCOLAR NA FORMAÇÃO DE COMPETÊNCIAS EM
INFORMAÇÃO: contribuições e perspectivas em bibliotecas do Colégio Pedro
II**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, convênio entre o Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia e a Universidade Federal do Rio de Janeiro/Escola de Comunicação, como requisito parcial à obtenção de título de Mestre em Ciência da Informação.

Orientadora: Prof^ª. Dr. Gilda Olinto

Aprovada em: 27/06/2016

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Gilda Olinto
PPGCI/IBICT – ECO/UFRJ

Prof. Dr. Gustavo Saldanha
PPGCI/IBICT – ECO/UFRJ

Prof. Dr.^a. Mariza Russo
UFRJ/CBG

Prof. Dr. Alberto Calil
PPGB/UNIRIO

Prof. Dr. Ricardo Medeiros Pimenta
PPGCI/IBICT – ECO/UFRJ

*Dedico este trabalho aos meus amados
sobrinhos, César, Miguel e Valentina, por me
ensinarem a perceber a beleza e a magia da
vida nos gestos mais singelos, por me fazerem
forte, confiante e capaz.*

AGRADECIMENTO

O caminho percorrido até aqui não foi isento de obstáculos e desafios. Que foram superados com fé e muita ajuda, imprescindíveis para que a caminhada pudesse continuar.

Sempre que se resolve registrar o agradecimento a alguns por uma obra realizada, corre-se o risco de se esquecer de alguém e até magoar aqueles que não foram citados. As pressões presentes neste momento fazem com que a memória não traga todos os nomes aos dedos para digitação, mas o coração sempre os guardará.

Esta pesquisa é fruto de uma construção conjunta, por isso, ao concluí-la, surge a urgência de agradecer às diversas pessoas que, direta ou indiretamente, de uma forma ou de outra, contribuíram para sua concretização.

Assim, agradeço, primeiramente, a **Deus**, por Sua luz que tem me orientado por todo o caminho e me impulsionado a seguir confiante até o fim de cada uma das jornadas enfrentadas até aqui.

Ao meu saudoso pai, **Mario Monteiro**, por ter me apontado a direção a seguir na vida e por, mesmo ausente corporalmente, nunca ter deixado de estar ao meu lado. À minha querida mãe, **Solange**, por seu apoio e incentivo incondicional nesta e em todas as empreitadas da vida.

Agradeço ao meu companheiro de todas as horas, **Mauro**, por todo apoio e compreensão. E à minha irmã, **Fernanda**, por seu estímulo constante.

À minha orientadora, **Gilda Olinto**, pela sua paciência, apoio, tempo, dedicação e esforços dedicados a mim.

Às minhas amigas do peito que estão sempre ao meu lado agradeço por cada gesto, palavra de incentivo, por cada olhar de apoio. Sem elas certamente o caminho seria mais difícil. Em especial, às amigas **Silvana Vetter** e **Jarcélen Ribeiro** por terem posto a mão na massa junto comigo, sem suas contribuições não seria possível ter chegado até aqui.

Aos amigos do PPGCI-IBICT/UFRJ pelos “cafês epistemológicos” que me proporcionaram bons momentos de aprendizado, crescimento e descontração em meio a tantas pressões que fazem parte da vida acadêmica. Que esses anos nos tragam boas lembranças, parcerias e grandes vitórias.

Por fim, minha gratidão a todos que estiveram ao meu lado nesta caminhada e por toda a estrada da vida, até agora.

“Tão importante quanto conhecer a informação é saber onde encontrá-la.”
Confúcio

“Procure e encontrará, pois o que não é procurado permanece para sempre perdido.”
Sófocles

RESUMO

MONTEIRO, Gisele Camargo. A biblioteca escolar na formação de competências em informação: contribuições e perspectivas em bibliotecas do Colégio Pedro II. Orientadora: Gilda Olinto. Rio de Janeiro, 2016. 99 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Instituto Brasileiro de informação em Ciência e Tecnologia, Rio de Janeiro, 2016.

Esta pesquisa de caráter qualitativo discute o papel da Biblioteca Escolar no desenvolvimento de Competências em Informação em alunos do Ensino Fundamental. Parte da análise do papel de educador e mediador do bibliotecário escolar nas atividades de pesquisa escolar. Tem por objetivo identificar a existência de programas e/ou atividades desenvolvidas em Bibliotecas Escolares que apoiem o desenvolvimento de Competências em Informação através do auxílio às atividades de pesquisa escolar. Para cumprir esse propósito, foram selecionadas duas bibliotecas de unidades escolares do Colégio Pedro II, nos *campi* Centro e São Cristóvão. A coleta de dados se deu através de observação das bibliotecas selecionadas e entrevista com os bibliotecários das unidades. Para desenvolver esta pesquisa, utiliza-se também, como subsídio teórico o conceito de Competência em Informação e de aprender a aprender – aprendizagem por questionamento. Apresenta um histórico da Biblioteca Escolar no Brasil, seu conceito, função, missão e os programas e legislações nacionais de incentivo e implantação do espaço nas unidades educacionais. O estudo mostrou que a Biblioteca Escolar ainda não está totalmente incluída no projeto pedagógico escolar, o que prejudica o pleno aproveitamento do espaço, dos recursos e das atividades e programas, principalmente, direcionados ao desenvolvimento e consolidação da Competência em Informação. E também que, apesar dos esforços dos bibliotecários, o lugar da biblioteca na escola ainda é pouco conhecido pelo corpo escolar e, talvez, até pelos seus profissionais.

Palavras-chaves: Biblioteca Escolar. Competência em Informação. Pesquisa Escolar. Bibliotecário Educador.

ABSTRACT

MONTEIRO, Gisele Camargo. A biblioteca escolar na formação de competências em informação: contribuições e perspectivas em bibliotecas do Colégio Pedro II. Orientadora: Gilda Olinto. Rio de Janeiro, 2016. 99 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Instituto Brasileiro de informação em Ciência e Tecnologia, Rio de Janeiro, 2016.

This research has a qualitative aspect and discusses the role of schools libraries on the development of Information Literacy among primary school students. It's based on the evaluation of the part played by the librarians as mediators and educators on the schools researches activates. The purpose is to identify the existence of programs and activates performed on schools libraries that support the development of Information Literacy with the assistance of the schools researches activities. To accomplish this goal, two libraries unities from the Pedro II Scholl (Downtown and São Cristovão) were selected for this research process. The data was collected by observing the selected unites and interviewing their librarians. The development of this research was also based on the theoretical concepts of Information Literacy and the learning thought questioning. It also introduces the concept of schools libraries; an historical background of the institution on Brazil and the programs and national legislations that encourage the implementation of this space on the educational unites. This research has shown that the libraries still haven't been completely inserted on the educational projects of the schools, witch impacts on the achievement of full use of the space, the resources and the program activities, especially the ones directed to the development and consolidation of the Information Literacy. Even despites all the librarian efforts, the library place on the school system still not very well known by the school staff and even by its own professionals.

Key-words: School Library. Information Literacy. Scholar Research. Teacher-Librarian.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	A BIBLIOTECA ESCOLAR NA SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO	14
2.1	A FUNÇÃO EDUCATIVA DA BIBLIOTECA ESCOLAR E DO BIBLIOTECÁRIO ESCOLAR	16
2.2	O USO DAS TECNOLOGIAS NA BIBLIOTECA ESCOLAR	23
3	COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO E BIBLIOTECA ESCOLAR	29
3.1	COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO: TERMO E DEFINIÇÕES	29
3.2	A COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO, A PESQUISA E A BIBLIOTECA ESCOLAR	34
4	A BIBLIOTECA ESCOLAR BRASILEIRA: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES	37
4.1	ALGUNS ASPECTOS HISTÓRICOS E DADOS	37
4.2	CONCEITO, MISSÃO E FUNÇÃO EM PERSPECTIVA TEMPORAL	41
4.3	PROGRAMAS E LEGISLAÇÕES NACIONAIS	44
5	CAMPO DE ESTUDO E METODOLOGIA	51
5.1	O COLÉGIO PEDRO II E AS SUAS BIBLIOTECAS	51
5.2	MÉTODOS UTILIZADOS	52
6	LEVANTAMENTO E ANÁLISE DOS DADOS	56
6.1	A OBSERVAÇÃO	56
6.1.1	A biblioteca do <i>campus</i> Centro	56
6.1.2	A biblioteca do <i>campus</i> São Cristóvão II	59
6.1.3	Considerações sobre as observações	62
6.2	AS ENTREVISTAS COM OS BIBLIOTECÁRIOS	63
6.2.1	Caracterização do uso e usuários da biblioteca	63
6.2.2	Mediação do bibliotecário nas atividades de pesquisa escolar	65
6.2.3	Atividades de familiarização do usuário com a biblioteca e seus recursos	68
6.2.4	O uso da biblioteca pelos professores e parcerias bibliotecário-professor	70
6.2.5	Opiniões e sugestões	73
6.2.6	Considerações sobre as entrevistas	75
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	78
	REFERÊNCIAS	82
	APÊNDICES	90
	ANEXOS	94

1 INTRODUÇÃO

Com o desenvolvimento da Sociedade da Informação (SI) e a propagação das formas de acesso a dados e materiais informacionais, um tema mobiliza os profissionais envolvidos com a questão da informação para a sociedade como um todo: o seu papel na Educação.

A Educação, especialmente na contemporaneidade, tem como uma de suas atribuições contribuir para que todos possam selecionar, coletar, ordenar, gerenciar e utilizar informações e servir-se desse recurso para melhorar sua condição social e econômica. Além disso, a Educação, em geral, e o profissional da informação, em particular, no seu papel educacional, necessitam adaptar-se constantemente às mudanças da sociedade (DELORS, 2010), provocadas, sobretudo, pelo desenvolvimento das Tecnologias de Informação (TIC), que modificou as relações econômicas, sociais, educacionais, culturais e produtivas, provocando, como consequência, a necessidade de adaptação constante e novas habilidades para lidar com essa dinâmica de mudança. Como assinala Beluzzo:

Na atual economia, o único paradigma permanente é a mudança. Entretanto, as pessoas constituem o primeiro elemento de mudança e precisam saber a razão. É importante que estejam informadas sobre as condições e ambiência do seu desempenho na mudança. (BELUZZO, 2007, p. 10).

Desta forma, essa nova configuração social demanda dos cidadãos diferentes formas de pensar, de agir e de comunicarem-se, devido às inúmeras maneiras de adquirir conhecimento, e também em virtude das diversas ferramentas que propiciam aquisição desse conhecimento e o seu compartilhamento. As escolas de Ensino Fundamental e Médio são apontadas como um dos principais ambientes para formação e desenvolvimento de cidadãos providos de um perfil que condiga com as exigências da sociedade contemporânea.

Um dos desafios para a Educação voltada para SI é a transmissão de conhecimentos que propiciem ao cidadão lidar com a enxurrada informacional — que invade os espaços públicos e privados — de forma eficiente, e também a orientação dos educandos para projetos de desenvolvimento individuais e coletivos baseados no uso competente da informação.

Delors (2010) aponta que, como resposta a esses desafios, a Educação deve organizar-se em torno de quatro conceitos de aprendizagens fundamentais — baseados no Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI. Essas aprendizagens, nomeadas pelo autor de “os quatro pilares da educação”, envolvem a aquisição de novas atitudes e valores, como a convivência e o trabalho em colaboração, além da capacidade de aprender a conhecer e a enfrentar novos desafios de forma autônoma (DELORS, 2010, p. 31). São elas:

- aprender a conviver (desenvolver o conhecimento a respeito dos outros, gestão inteligente e apaziguadora dos conflitos inevitáveis);
- aprender a conhecer (adquirir cultura geral, sendo esta o primeiro passo para a educação permanente);
- aprender a fazer (aquisição de competência que deem condições ao indivíduo a enfrentar diversas situações);
- aprender a ser (impulsionar a capacidade de autonomia e de discernimento, acompanhada pela consolidação da responsabilidade pessoal na realização de um destino coletivo).

A Biblioteca Escolar (BE) se insere no paradigma da Educação para a Sociedade da Informação graças à presença de materiais impressos e recursos eletrônicos que compõem seu acervo, tornando o seu espaço determinante no sistema de ensino para a formação do educando direcionada para a emancipação do mesmo, emancipação esta que ocorre pela manipulação e produção autônoma do conhecimento através dos recursos oferecidos pela BE aos seus usuários. Esses recursos certamente contribuem para o desenvolvimento dos pilares da Educação propostos no documento acima mencionado – principalmente o “aprender a conhecer” e o “aprender a fazer”.

Partindo desse entendimento, a Biblioteca Escolar é vista como “um contexto de aprendizagem onde, graças à interação com determinados recursos, processos de ensino e aprendizagem e práticas de leitura são facilitados.” (DURBAN ROCA, 2012, p.26). Entende-se que a biblioteca é o lugar ideal e necessário na formação de cidadãos capacitados a lidar com as exigências da Sociedade de Informação:

A biblioteca escolar representa um contexto de aprendizagem em que os alunos podem treinar, ao longo de sua escolarização, práticas de habilidade intelectuais de leitura de acordo com objetivos distintos e finalidades diversas utilizando os múltiplos materiais que a biblioteca oferece. Logo, a biblioteca escolar se desenvolve como um contexto facilitador de um treinamento intelectual e emocional imprescindível que permitirá iniciar e fomentar nos alunos recursos básicos para o seu desenvolvimento pessoal e social. (DURBAN ROCA, 2012, p.26).

E quais seriam os recursos informacionais básicos que um cidadão precisa adquirir para atender às demandas da Sociedade da Informação promovendo o desenvolvimento pessoal e social? Segundo o documento “Diretrizes sobre desenvolvimento de habilidades em informação para a aprendizagem permanente”, publicado pela *International Federation of*

*Library Associations and Institutions*¹ (IFLA), a competência básica é saber usufruir da diversidade de informações disponíveis:

Um cidadão competente, seja um estudante, um profissional ou um trabalhador, é capaz de reconhecer suas necessidades de informação, sabe como localizar a informação necessária, identificar o acesso, recuperá-la, avaliá-la, organizá-la e utilizá-la. Para ser uma pessoa **competente em informação**, deve saber como se beneficiar do mundo de conhecimentos e incorporar a experiência de outros em seu próprio acervo de conhecimentos. (IFLA, 2008, p.8. grifo nosso).

Essas habilidades de saber reconhecer, localizar, acessar, avaliar e organizar a informação são chamadas de *Information Literacy* pela literatura norte-americana, que pode ser como ‘Competência em Informação’, conforme proposta de Hatschbath (2002). O documento da IFLA (2008) apresenta o seguinte conceito de Competência em Informação:

A competência em informação é um *conjunto* de *destrezas* que pode ser aprendido. Isso inclui atitude certa para a aprendizagem em si mesmo; uso de ferramentas como os tutoriais em linha; o uso de técnicas, como o trabalho com grupos; e o uso de métodos, como confiar nos orientadores, treinadores e mediadores. (IFLA, 2008, p.13).

Sendo a Competência em Informação um tipo de ‘destreza’, que pode ser aprendida e desenvolvida — enfatizando a aprendizagem em si mesmo e o trabalho em grupo —, a BE poderia cumprir o papel de facilitar e contribuir com a escola e seus professores na aquisição destas ‘destrezas’ pelo alunado, através de uma série de recursos materiais que poderiam dar acesso a diversos tipos de suportes informacionais. Assim sendo, a biblioteca teria papel destacado no projeto pedagógico escolar, no qual as suas ações sejam planejadas também em parceria com os professores.

Essas reflexões levam-nos a perguntar, como questões de pesquisa para esta dissertação: de que maneira a Biblioteca Escolar e o profissional bibliotecário estão contribuindo ou podem contribuir para garantir que os alunos se tornem competentes e tenham condições de acessar e usar informação de forma eficaz, filtrando-as, levantando dúvidas sobre a sua autenticidade, validade e confiabilidade? Quais as ações, programas e serviços que a Biblioteca Escolar vem oferecendo ou pode vir a oferecer à comunidade escolar para o desenvolvimento de Competências em Informação nos alunos? Como os bibliotecários estão lidando com as questões que advém dessa nova postura que a Educação demanda? Quais os modos de inclusão deste dispositivo na escola?

A partir dessas reflexões e indagações selecionamos como campo de estudo as bibliotecas de duas unidades do Colégio Pedro II (CPII), nos *campi* Centro e São Cristóvão,

¹ Federação Internacional de Associações e Instituições Bibliotecárias.

observando como estas unidades de informação e seus profissionais buscam desenvolver nos alunos suas Competências em Informação, principalmente através das atividades de pesquisa escolar. O Colégio Pedro II foi escolhido devido ao lugar de destaque que tem tido, ao longo do tempo, como escola de Ensino Fundamental e Médio, sendo exemplo de boas práticas para as escolas públicas de um modo geral.

Buscando investigar a realidade e encontrar as possíveis respostas para as questões levantadas, estruturamos o trabalho da seguinte forma: na seção 2 abordaremos a função educativa da Biblioteca Escolar na sociedade contemporânea, qual o papel do bibliotecário no processo educacional do alunado, como as novas TIC disponíveis na biblioteca podem contribuir para a formação dos alunos e como a BE se insere no processo de aquisição e desenvolvimento de Competências em Informação.

Na seção 3, discutiremos o conceito de Competência em Informação a partir da literatura biblioteconômica e da Ciência da Informação e os motivos que tornam a Biblioteca Escolar espaço fundamental para desenvolvimento de Competência em Informação dos alunos.

Na seção 4 traremos um panorama histórico da Biblioteca Escolar brasileira, como ela tem sido compreendida ao longo do tempo, quais os programas e legislações — em âmbito nacional — voltadas para o incentivo à leitura, ao livro e à biblioteca.

Na seção 5, apresentaremos o campo de estudo escolhido, as razões para sua escolha, os métodos adotados para coleta de dados e os indivíduos envolvidos neste estudo. A seção 6 apresenta a análise e discussão dos dados recolhidos durante o estudo.

Finalizando, na seção 7 traremos as considerações finais, condensando os principais resultados. Encontram-se anexados a este estudo: documentos ilustrativos que foram fornecidos durante o trabalho de coleta de dados e os roteiros que orientaram a observação e entrevista utilizada para a realização deste estudo.

2 A BIBLIOTECA ESCOLAR NA SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO

Nesta seção, abordaremos a função educativa da Biblioteca Escolar na sociedade contemporânea, o papel do bibliotecário nesse processo e como o uso das TIC na biblioteca podem contribuir para a formação dos alunos e para o desenvolvimento das habilidades de saber reconhecer, localizar, acessar, avaliar e organizar a informação.

O paradigma da SI representa mudanças significativas na organização da sociedade em geral que envolvem diretamente a Educação, mudanças essas que são essenciais ao bom funcionamento de uma sociedade baseada na informação e no conhecimento. (LARA, 2007 apud AVENA, 2011, p. 28). A educação escolar, anteriormente voltada para uma sociedade industrial e formadora de mão de obra, vem se transformando de acordo com as novas demandas sociais impulsionadas pela globalização e pelas TIC nos últimos anos do século XX.

A literatura indica que nessa nova ordem social a Educação precisa estar voltada para a autonomia da aprendizagem dos educandos e para o manejo eficiente dos recursos informacionais, sendo estes apenas alguns dos aspectos relacionados ao uso da informação. A crescente oferta de informação e a facilidade de acesso e disponibilização da mesma torna indispensável o desenvolvimento de conhecimentos específicos que assegurem o acesso, a avaliação e a gestão dessas informações disponibilizadas em diferentes suportes.

A preocupação governamental com as mudanças educacionais que atendam às demandas da sociedade, no Brasil, é descrita no livro ‘Sociedade da informação: livro verde’. A publicação destaca a necessidade da aquisição de competências pelo cidadão que lhe permita acessar e processar informações, para sua efetiva participação na sociedade através do conhecimento e do uso das ferramentas tecnológicas:

[...] educar em uma sociedade da informação significa muito mais que treinar as pessoas para o uso das tecnologias de informação e comunicação: trata-se de investir na criação de competências suficientemente amplas que lhes permitam ter uma atuação efetiva na produção de bens e serviços, tomar decisões fundamentadas no conhecimento, operar com fluência os novos meios e ferramentas em seu trabalho, bem como aplicar criativamente as novas mídias, seja em usos simples e rotineiros, seja em aplicações mais sofisticadas. Trata-se também de formar os indivíduos para “aprender a aprender”, de modo a serem capazes de lidar positivamente com a contínua e acelerada transformação da base tecnológica. (TAKAHASHI, 2000, p. 45).

Esses saberes específicos, para lidar com as tecnologias e a explosão informacional características da Sociedade da Informação, estão diretamente ligados à escola e seus parceiros, como nos chamam a atenção Campello (2008); Durban Roca (2012) e Caires

(2014), que reconhecem que a educação formal escolar não é de responsabilidade somente de professores: as bibliotecas e seus bibliotecários são importantes auxiliares nesse processo.

Ratificando esse entendimento, e destacando a BE como local prioritário no desenvolvimento educacional dos estudantes, onde estes encontrarão disponibilizadas informações diversas, que serão acessadas para as mais diferentes necessidades, temos a seguinte afirmativa:

O papel desempenhado pela biblioteca escolar, quanto à educação, consiste na prioridade ao aprendizado, no processo de desenvolvimento educacional e na disponibilização e utilização da informação, como um todo e para todos os seus usuários. (CASTRO FILHO; PACAGNELLA, 2011, p. 97)

O papel educacional da biblioteca envolve a contribuição como espaço informal de formação de hábito de leitura e de aquisição de cultura. Diversos autores (ANDRADE, 2008; CÔRTE; BANDEIRA, 2011; MAROTO, 2012) nos apresentam a BE como um espaço lúdico, um lugar de brincar com os livros e com as letras, lugar do contar e do ouvir histórias, espaço que proporciona o contato com o livro, tornando possível o desenvolvimento linguístico, cultural e cognitivo dos educandos visto que estabelece novos padrões de raciocínio, abrindo outros espaços para que as crianças possam se expressar exercitando a criatividade.

Além desse papel na aquisição do hábito de leitura, destaca-se o papel da biblioteca no apoio à pesquisa escolar. A curiosidade e a inquietação diante da realidade são intensificadas através da pesquisa escolar, onde o aluno, individual ou coletivamente, formula questões e esquadrinha respostas, construindo e reconstruindo conhecimentos através de um processo autônomo.

As Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) apontam a importância das atividades de pesquisa para o desenvolvimento educacional-ético-social do educando, incluindo a contribuição da pesquisa para a sua participação social:

A pesquisa, associada ao desenvolvimento de projetos contextualizados e interdisciplinares/articuladores de saberes, ganha maior significado para os estudantes. Se a pesquisa e os projetos objetivarem, também, conhecimentos para atuação na comunidade, terão maior relevância, além de seu forte sentido ético-social. [...] A pesquisa, como princípio pedagógico, pode, assim, propiciar a participação do estudante tanto na prática pedagógica quanto colaborar para o relacionamento entre a escola e a comunidade. (BRASIL, 2013, p. 164).

O que foi aqui argumentado é que a BE está inserida no contexto educacional para além do despertar o gosto pela leitura como forma de lazer e desenvolvimento; ela tem também como um dos seus objetivos o apoio à pesquisa escolar voltada para a formação do

cidadão capaz de exercitar o pensamento crítico e o desenvolvimento da sua autonomia e aprendizado constante para atuar como cidadão consciente na atual sociedade da informação. Este apoio à pesquisa escolar se dá através da disponibilização de acervo, do uso adequado de recursos tecnológicos e do desenvolvimento de atividades que apoiam o processo de aquisição e desenvolvimento de aspectos da Competência em Informação, conceito que abordaremos adiante com mais detalhes.

2.1 A FUNÇÃO EDUCATIVA DA BIBLIOTECA ESCOLAR E DO BIBLIOTECÁRIO ESCOLAR

Aspectos da função educativa da Biblioteca Escolar serão aqui considerados, tendo em vista alguns princípios educacionais abordados em documentos oficiais sobre educação e na literatura brasileira sobre a BE.

Sobre a amplitude educacional, tomadas como direito do estudante, as DCN (BRASIL, 2013) chamam atenção para a importância de o educando adquirir e desenvolver habilidades comunicativas para seu desenvolvimento:

É importante lembrar que dentre os bens culturais que crianças têm o direito a ter acesso está a linguagem verbal, que inclui a linguagem oral e a escrita, instrumentos básicos de expressão de idéias, sentimentos e imaginação. A aquisição da linguagem oral depende das possibilidades das crianças observarem e participarem cotidianamente de situações comunicativas diversas onde podem comunicar-se, conversar, ouvir histórias, narrar, contar um fato, brincar com palavras, refletir e expressar seus próprios pontos de vista, diferenciar conceitos, ver interconexões e descobrir novos caminhos de entender o mundo. É um processo que precisa ser planejado e continuamente trabalhado. (BRASIL, 2013, p. 94).

Segundo o documento, podemos considerar que a aprendizagem é uma experiência social, mediada pela utilização de instrumentos e signos e pela interação entre a linguagem e a ação. Sobre esse paradigma da aprendizagem, Furtado (2004) chama atenção para a efemeridade da informação, que estimula a aprendizagem continuada, enfatizando que:

Além de habilidade para aprender, a sociedade da informação exige dos cidadãos um processo contínuo de aprendizagem, pois que a informação é cada vez mais efêmera e a sociedade está em processo permanente de mudanças. É o paradigma de aprendizagem contínua. (FURTADO, 2004, p. 250).

A autora também aponta a importância dos sistemas de informação que contribuem para democratização e acesso às informações. Nesse sentido, a BE está inserida no modelo educacional que a SI demanda. Silva (1994) chamava atenção em seu trabalho para o uso da

Biblioteca Escolar na formação de cidadãos críticos, analíticos e preparados para fazer suas escolhas:

Para muito além da missão de transmitir o saber elaborado, absolutamente fundamental, acreditamos numa escola que possa formar cidadãos críticos, capazes de analisar o real e, diante dele, fazerem as suas opções profissionais, culturais e políticas, de forma consciente, livre e autônoma. Para a escola desenvolver um trabalho pedagógico que tenha, no limite, tal finalidade, julgamos indispensável que o professor lance mão de novos instrumentos de ensino em acréscimo à exposição oral e o livro didático adotado. E, entre eles, a **biblioteca escolar pode ocupar um lugar destacado, não como depósito de saber acumulado, mas sobretudo uma agência disseminadora desse saber e promotora da leitura.** (SILVA, 1994, p.18, grifo nosso).

A literatura representada por Costa (1975), Carvalho (1981), Vieira (1971), Oliveira (1971) e Queiroz (1982) vem discutindo o papel educativo da Biblioteca Escolar com frequência, como mostra Campello (2003), ao apresentar, em seu artigo “A função educativa da biblioteca escolar no Brasil”, que o estímulo ao gosto pela leitura, por muito tempo, foi considerado como atividade principal da BE.

A Biblioteca Escolar vem sendo vista como o lugar ideal para estimular a leitura e desenvolver características como a oralidade dos educandos através do acesso aos mais diversos tipos de suporte e materiais. Na BE é possível criar um ambiente onde o educando pode interligar sua história de vida e ambiente à leitura oferecida, e ainda comparar com outras, chamando este aluno à reflexão.

Para Campello (2003), as atividades de incentivo ao gosto pela leitura necessitam de objetivos amplos e planejamento junto ao corpo docente, pois ações esporádicas não atingem este propósito, criando apenas um hábito superficial. A atuação da BE deve ser dinâmica e viva. O domínio e a capacidade de leitura aumentam a capacidade de expressão, de crítica e de pleitear direitos.

Leitura e biblioteca estão intimamente ligadas, no entanto esta não é a única maneira de usar a BE. Para Cerveró² (2007), apud Corte e Bandeira (2011, p. 2), “[...] é preciso dotar o leitor de capacidade para entender os diferentes tipos de leitura, em vários suportes, e desenvolver a capacidade de selecionar, priorizar, avaliar e assimilar informações.”

Ponderações de três autores, citados a seguir, demonstram o reconhecimento da importância da BE na educação pela literatura da área para além do estímulo ao gosto pela leitura, ressaltando seu papel no processo de aprendizagem do educando, destacando a

² CUEVAS CERVERÓ, Aurora. *Lecturas, alfabetización en informacion y biblioteca escolar*. Madrid: Ediciones Trea, 2007.

biblioteca como indispensável no processo de aprendizagem em geral e como centro de comunicação e de investigação:

Portanto, entre os diversos recursos educativos encontra-se a biblioteca, considerada um recurso indispensável para o desenvolvimento do processo ensino/aprendizagem e formação do educando/educador. (PERUCCHI, 1999, p.82).

A biblioteca escolar é considerada como um centro ativo de aprendizagem, possuindo um duplo sentido: ‘é ao mesmo tempo, um elemento de conservação e um centro de comunicação’ (Ibid,p.19)[“*sic*”], mas o conceito moderno atualiza a função de comunicação, como suporte informacional (MARTUCCI; MILANI, 1999, p.79).

A Biblioteca é uma das forças educativas mais poderosas de que dispõem estudantes, professores e pesquisadores. O aluno deve investigar, e a biblioteca é centro de investigação tanto como o é um laboratório para os cientistas. (KIESER; FACHIN, 2000, p.2).

Pinto e Oliveira (2013) também destacam o valor educacional da Biblioteca Escolar na formação do cidadão atuante através da diversidade de serviços e recursos que pode oferecer:

[A biblioteca é] considerada indispensável como uma das unidades dentro de qualquer instituição de ensino básico e superior, que dedica cuidados especiais ao acesso de informação a todo e qualquer cidadão, transformando-se, desta forma, como um dos mais importantes instrumentos educativos e que deve dispor de recursos pertinentes ao estabelecimento do processo de ensino-aprendizagem para formação do educando, proporcionando meios, recursos, serviços, atividade para este fim. (PINTO; OLIVEIRA, 2013, p. 215).

Corte e Bandeira (2011) salienta a importância da BE como suporte aos programas educacionais, participando ativamente do processo de desenvolvimento curricular da instituição à qual assiste. Assinala também a relevância da Biblioteca Escolar na formação do cidadão, sua contribuição político-social e cultural através das atividades desenvolvidas no espaço, em consonância com o programa escolar:

A biblioteca escolar exerce, com suas atividades, um papel político, educativo, cultural e social, contribuindo para:

- ampliar as oportunidades de educação e conhecimento dos alunos;
- colocar à disposição dos alunos acervos e informações que complementam o currículo escolar;
- promover e facilitar o intercâmbio de informações;
- promover a formação integral do aluno;
- tornar-se um ambiente social, cooperativo e democrático;
- facilitar a ampla transmissão da arte, da ciência e da literatura;
- promover a integração entre aluno, professor, ex-alunos e pais. (CORTE; BANDEIRA, 2011, p. 6).

As habilidades de usar a BE contribuem para que os alunos localizem e interpretem informações que ampliam seu conhecimento e permitem que tomem decisões e façam escolhas adequadas às situações. A BE tem condições de contribuir significativamente para a formação do pesquisador autônomo, capaz de ter papel ativo no seu processo educacional:

Sua função, enquanto espaço pedagógico na escola é a de dar suporte e auxiliar de forma direta no preparo de novos cidadãos livres e autônomos, sujeitos no seu próprio processo educacional, onde educadores e educandos estão identificados com seu novo papel de pesquisadores, num mundo cada vez mais informacional e informatizado. (PINTO; OLIVEIRA, 2013, p. 217).

A Biblioteca Escolar é vista como um complemento aos conhecimentos adquiridos em sala de aula, sendo entendida como um laboratório interdisciplinar de aprendizagem (CAMPELLO, 2003). Durban Roca (2012, p. 33) corrobora essa ideia ao apontar a biblioteca como “Contexto de aprendizagem preparado para as experimentações didáticas que podem extrapolar a outras matérias ou níveis.”

Ainda segundo Durban Roca (2012), a biblioteca no ambiente escolar passa a ser entendida não só como um recurso físico, que facilita os processos de aprendizagem e promoção da leitura, e sim como um ambiente de aprendizagem com grande valor pedagógico, composto de equipamentos diferentes aos da sala de aula, materiais em variados suportes, diversificadas fontes de informação, e através da atuação de pessoal qualificado.

Os recursos existentes na Biblioteca Escolar e a atividade de pesquisa são elementos indispensáveis no processo de aprendizagem baseado no questionamento, objetivando a formação de um aluno crítico e reflexivo (FIALHO; MOURA, 2005). A atividade de pesquisa ultrapassa os limites da sala de aula e da escola, pois prepara o estudante para levantar hipóteses e buscar resposta nas mais diversas situações da vida.

As DCN (BRASIL, 2013) apresentam este mesmo entendimento: de que a prática da pesquisa escolar é benéfica para a formação do aluno, para além da sua vida escolar, contribuindo para a formação de um cidadão consciente e ativo na sociedade.

Muito além do conhecimento e da utilização de equipamentos e materiais, a prática de pesquisa propicia o desenvolvimento da atitude científica, o que significa contribuir, entre outros aspectos, para o desenvolvimento de condições de, ao longo da vida, interpretar, analisar, criticar, refletir, rejeitar idéias fechadas, aprender, buscar soluções e propor alternativas, potencializadas pela investigação e pela responsabilidade ética assumida diante das questões políticas, sociais, culturais e econômicas. (BRASIL, 2013, p.164)

As atividades de pesquisa sistematizadas e ocorridas na Biblioteca Escolar representam ferramenta fundamental na construção do conhecimento proporcionando ao educando, “elementos vários, que se forem utilizados devidamente, auxiliarão na assimilação da informação no decorrer de sua vida acadêmica, desde as séries iniciais até as séries posteriores e principalmente nas faculdades.” (PINTO; OLIVEIRA, 2013, p. 216).

A familiaridade do educando com a biblioteca, com a localização dos materiais, com as formas de recuperar informação e com os diferentes suportes informacionais, capacitam o aluno na busca do conhecimento, proporcionando um complemento ao aprendizado adquirido em sala de aula e também promovendo o autoaprendizado.

A partir da prática da pesquisa escolar no espaço da BE, o aluno exercita a autoaprendizagem através do questionamento, desenvolvendo habilidades de escolha de fontes informacionais, temas e recursos a serem utilizados na pesquisa escolar e na solução de problemas cotidianos ou que envolvam a sua própria vida ou a vida de sua comunidade.

Isto posto, sendo a Biblioteca Escolar recurso fundamental para a aprendizagem e formação dos alunos, é importante que nela trabalhem pessoas capacitadas e atentas à eficiência e eficácia dos produtos e serviços oferecidos à comunidade escolar, à formação do aluno; pessoas preocupadas com o aperfeiçoamento dos educandos nas pesquisas e com as ações de incentivo à leitura, auxiliando, deste modo, no processo educacional desses estudantes.

A literatura (CORREA et al., 2002; ALMEIDA JÚNIOR, 2006) vem apontando crescentemente a necessidade de um profissional diferenciado, com um perfil concernente com a configuração educativa que a sociedade atual exige do espaço. Uma das atribuições do bibliotecário escolar é favorecer a igualdade de oportunidades que possibilite a todos os estudantes o acesso ao conhecimento registrado, especialmente quando pensamos no ato de ler como um ato de compreensão simbólica que interage diretamente com o contexto social do educando.

Como nos esclarece Kleiman (1989, p. 10), “leitura é um ato social, entre dois sujeitos – leitor e autor – que interagem entre si, obedecendo a objetivos e necessidades socialmente determinados”. Desta forma, o bibliotecário escolar deve centrar-se na “superação do tecnicismo da profissão e na busca por valores sociais e humanos, constituindo-se, portanto, em uma prática de cunho político.” (CAMPELLO, 2003, p. 5).

As tarefas administrativas fazem parte da rotina de toda biblioteca, para o seu bom planejamento, organização e funcionamento, contribuindo para que a BE alcance todo seu potencial como recurso informacional na escola e atenda de forma eficiente a toda

comunidade escolar, como nos chamam atenção Correa e outros (2002), destacando o aspecto de criatividade envolvida nesse tipo de tarefa:

O planejamento e a organização da biblioteca também são funções do bibliotecário. A ele cabe selecionar o acervo e colocá-lo de maneira mais acessível ao usuário, arrumando a mobília da biblioteca de acordo com a faixa etária atendida para proporcionar mais conforto e praticidade, ter uma homogeneidade em relação a professores da escola e estudantes, coordenar o programa de aquisição, proporcionar uma interação com a comunidade, usando toda a sua criatividade nos projetos da biblioteca, além de classificar e catalogar as obras para que a organização fique mais fácil de ser mantida. (CORREA et al., 2002, p. 116).

No gerenciamento da Biblioteca Escolar, o bibliotecário elabora e implementa projetos e ações, gerencia recursos, materiais, acervos, equipamentos, desenvolve planos de marketing e colaboração, elabora políticas, eventos culturais e de fomento à leitura, e também, organiza, disponibiliza e recupera informação nos diversos suportes.

No entanto, as tarefas administrativas não devem ser o foco principal do bibliotecário, devem ser vistas como mais uma das atividades que garante o bom andamento dos serviços oferecidos pela Biblioteca Escolar, visando facilitar o processo de aquisição de informações. (CORREA et al., 2002)

O bibliotecário que atua na escola vem modificando sua prática e assumindo um papel educacional ao desenvolver situações de aprendizagem no espaço da biblioteca, em complementação e ampliação aos conteúdos desenvolvidos em sala de aula. Ao assumir essa função, o bibliotecário “[passa a ser] visto como um professor informal, responsável pelo uso correto de acervo e, principalmente pelo aprimoramento da mente dos usuários da biblioteca” (MUELLER, 1989, p.65).

A autora completa essa ideia, salientando a semelhança dos papéis de professor e do bibliotecário, quando este assume a função de orientar os educandos na aquisição e manejo das fontes para adquirirem conhecimento de forma independente:

Os traços marcantes do perfil do profissional que atua nessas bibliotecas são muito semelhantes aos do professor, cuja preocupação não é fornecer informação propriamente dita, mas orientar pessoas na aquisição de conhecimentos e prepará-las para que possam, sozinhas, buscar informações sempre que precisarem. (MUELLER, 1989, p.66).

Válio (1990) também destaca o perfil educacional do bibliotecário, ao apontar que este tem a função de ensinar a aprender, um dos aspectos destacados da Competência em Informação na atualidade: “O bibliotecário é um professor cuja disciplina é ensinar a aprender.” (VALIO, 1990, p. 22), através do atendimento personalizado ao seu público.

Segundo Bicheri e Almeida Júnior (2013), para que o bibliotecário exerça seu papel de educador é indispensável que ele esteja inserido na comunidade escolar e integrado ao projeto pedagógico da instituição, atuando junto aos professores, alunos, direção, funcionários e pais, desta forma, sua cooperação e participação contribuirão positivamente no processo de ensino-aprendizagem.

O bibliotecário escolar (leitor, mediador e educador), inserido em sua comunidade, tem como uma de suas atividades, participar do projeto pedagógico atuando junto a professores, alunos, funcionários e familiares de alunos, num trabalho de cooperação e participação, de forma a tornar a biblioteca escolar um espaço dinâmico na escola, favorecendo o processo de ensino-aprendizagem. (BICHERI; ALMEIDA JÚNIOR, 2013, p. 44).

Essa integração seria proporcionada por diversos tipos de colaboração. Campello (2009), baseada em estudos de Patrícia Montiel-Overrall³, apresenta quatro níveis de colaboração do bibliotecário com o projeto pedagógico e a comunidade escolar:

1. Coordenação – nível em que cada participante organiza atividades distintas ou desempenha funções específicas, que devem ser sincronizadas para que se obtenha bom resultado como festas, eventos culturais e outros projetos coletivos;
2. Cooperação – o bibliotecário atua no apoio ao trabalho do professor ao separar materiais que servirão de fontes para pesquisa escolar dos alunos a pedido do mesmo;
3. Instrução integrada – quando o bibliotecário auxilia os alunos na pesquisa escolar através de instrução sobre o uso das fontes de informação e normalização do trabalho escrito;
4. Currículo integrado - quando o bibliotecário interage com a escola como um todo, integrando as atividades da biblioteca com o programa de letramento informacional direcionado a toda comunidade escolar.

Através dos argumentos expostos, podemos compreender que o bibliotecário exerce seu maior potencial de educador quando as atividades desenvolvidas na biblioteca são incorporadas ao projeto pedagógico escolar, e quando o profissional instrui os alunos sobre o uso das fontes informacionais durante a atividade de pesquisa escolar, o que lhes proporcionam participação ativa no seu próprio processo de ensino-aprendizagem, e de aquisição e desenvolvimento de aspectos da Competência em Informação.

³ Professora da *School of Information Resources & Library Science da University of Arizona (EUA)*. Toward a theory of collaboration for teachers and librarians. **Scholl Library Media Research**, v. 8, 2005. e A theoretical understanding of teacher and librarians collaboration (TLC). **School Librarians Worldwide**, v. 11, n. 2, p. 24-48, 2005.

O fortalecimento da Biblioteca Escolar passa pelo fortalecimento da relação entre professores e bibliotecários, o que contribuirá positivamente com o trabalho pedagógico escolar. É primordial, na perspectiva de Correa e outros (2002), que o bibliotecário participe dinamicamente de todos os acontecimentos do ambiente escolar, que tenha conhecimento da política educacional da instituição, além de sempre levar em consideração os aspectos técnicos do seu trabalho, essencial para o funcionamento adequado da Biblioteca Escolar.

Podemos concluir que o bibliotecário desempenha funções educativas, porém de forma diferente de um professor. Suas funções educativas estão ligadas ao auxílio no uso adequado das fontes de informação, capacitando os educandos e educadores a aproveitarem essas habilidades também fora do ambiente escolar, fazendo escolhas políticas e culturais a partir do desenvolvimento de atitudes analíticas e críticas, tornando-os competentes informacionalmente.

O bibliotecário atua como educador também ao selecionar, organizar e catalogar o acervo, garantindo acesso fácil e adequado às fontes informacionais; ao planejar atividades de orientação na utilização desse acervo e ao planejar atividades de incentivo ao hábito de leitura, demonstrando aos alunos a importância do hábito de ler para os trabalhos escolares e para o entretenimento.

O trabalho conjunto de bibliotecários e professores no planejamento de atividades de aprendizagem e orientação desses alunos em busca de soluções para seus problemas informacionais propicia o desenvolvimento de Competências em Informação mais sofisticadas, auxilia na consciência do uso e compartilhamento coletivo preparando o educando social e culturalmente.

Nesse novo contexto histórico-social-econômico, a BE vem se tornando, apesar das dificuldades, uma moderna instituição promotora do saber na Era da Informação; e o profissional bibliotecário pode acompanhar essa modernização, através da busca pelo dinamismo, pela pluralidade de materiais e técnicas, pela interação com todos os membros e setores da escola e através do oferecimento de atividades e programas que favoreçam o desenvolvimento de habilidades que tornem seus usuários competentes informacionalmente, inclusive quando se trata da informação eletrônica e virtual, assunto que trataremos a seguir.

2.2 O USO DAS TECNOLOGIAS NA BIBLIOTECA ESCOLAR

A enxurrada informacional que vivenciamos hoje, na velocidade com que as informações surgem, se desatualizam e são compartilhadas, só é possível devido ao

desenvolvimento da Tecnologia de Comunicação e Informação. Computadores, *tablets*, *smartphones* e internet, todas essas tecnologias ao alcance de nossas mãos fazem parte do nosso cotidiano 24h por dia, trazendo e enviando informações sobre os mais diversos temas.

As TIC mudaram o comportamento e o estilo de vida, transformando a maneira de acessar informações. Esses recursos eletrônicos são cada vez mais usados pelas pessoas para se comunicar e adquirir informações, e o seu uso está cada vez mais evidente na Educação.

A internet é amplamente reconhecida pela literatura como uma fonte de informação e pesquisa que complementa o acervo da biblioteca. Sobre essa percepção da complementaridade que a internet propicia, Campello e outros (2000), já na virada do século XXI, afirmavam:

A internet representa, de forma clara, essa abundância informacional e tem sido amplamente reconhecida como um meio de entretenimento, principalmente para crianças e jovens. Por outro lado, as escolas começam a percebê-la como recurso de aprendizagem e implementam laboratórios que facilitam para seus alunos o acesso à rede. As bibliotecas, como tradicionais espaços de informação, também começam a visualizar a *web* como um recurso informacional. (CAMPELLO et al., 2000, [p.3]).

Possuindo, entre outras, a função de proporcionar à comunidade escolar a que serve o acesso à informação em suas diversas fontes, incluindo também as novas tecnologias, além da internet, os recursos audiovisuais e eletrônicos que também devem fazer parte do acervo, e são uma rica fonte de pesquisa, conseqüentemente, a BE vem repensando suas atividades e acervos, buscando se modernizar incorporando esses recursos eletrônicos no cotidiano dos seus usuários e funcionários. Nesse contexto, de acordo com Castro Filho e Pacagnella:

Ao promover uma biblioteca escolar à modernidade, com a inclusão das Tecnologias da Informação e Comunicação, estará apta e plenamente integrada à sociedade da informação, estabelecendo novos conceitos, reformulando a sua missão, função e atividades, no intuito de melhorar o desenvolvimento da formação do usuário e respeitando e se adequando às realidades sociais, culturais, educativas e tecnológicas da sociedade. Nesse sentido, na medida em que vão surgindo novos suportes de informação e documentação, as bibliotecas escolares adequam sua forma de atuação perante a comunidade estudantil, aprimorando sua tecnologia. (CASTRO FILHO; PACAGNELLA, 2011, p. 103).

As DCN (BRASIL, 2013) destacam o uso das tecnologias como ferramenta pedagógica enriquecedora para aprendizagem e estimulam o seu uso complementarmente a outras ferramentas de apoio pedagógico às atividades escolares:

As tecnologias da informação e comunicação constituem uma parte de um contínuo desenvolvimento de tecnologias, a começar pelo giz e os livros, todos podendo apoiar e enriquecer as aprendizagens. Como qualquer ferramenta, devem ser usadas e adaptadas para servir a fins educacionais e

como tecnologia assistiva; desenvolvidas de forma a possibilitar que a interatividade virtual se desenvolva de modo mais intenso, inclusive na produção de linguagens. Assim, a infraestrutura tecnológica, como apoio pedagógico às atividades escolares, deve também garantir acesso dos estudantes à biblioteca, ao rádio, à televisão, à internet aberta às possibilidades da convergência digital. (BRASIL, 2013, p. 25).

De acordo com Lanzi; Vidotti e Ferneda (2014), o uso da informática nos processos de ensino-aprendizagem vem sofrendo mudanças ao longo dos anos, e vem sendo costumeiro como ferramenta de ensino, assim como a televisão educativa. No entanto, com a presença maciça de tecnologia no dia a dia dos educandos, essa importante ferramenta também deve ser usada como meio, ou seja, deve-se aprender com a tecnologia. Educar-se através de conteúdos disponibilizados especificamente online, ou através de suportes eletrônicos.

Usar a tecnologia como meio pressupõe que os alunos já estejam habituados ao seu uso; as Bibliotecas Escolares precisam se adaptar a esse consumidor de informação eletrônica, oferecendo essa tecnologia e treinamento específico para que os alunos possam usufruir desse meio de forma consciente e eficaz.

[...] trabalhar com tecnologia numa visão construtiva significa usar as tecnologias para engajar ativamente os alunos no processo de aprendizagem. Essas tecnologias podem estar em qualquer ambiente ou em um conjunto de atividades que permitam o envolvimento dos alunos no processo. (LANZI; VIDOTTI; FERNEDA, 2014, p. 106).

Encontramos na literatura orientações sobre como usar a tecnologia para auxiliar o processo de ensino-aprendizagem dos educandos e motivar a aprendizagem de forma autônoma. A internet é considerada uma das melhores aliadas da escola no processo de ensino-aprendizagem e a Biblioteca Escolar o lugar ideal para que os educandos se aprimorem no uso da mesma para fins educativos, aprendendo a selecionar informações confiáveis e também usando-a como espaço de socialização e compartilhamento:

En definitiva la biblioteca escolar ha de dar respuesta a las nuevas necesidades de los nuevos usuarios manteniendo un equilibrio entre los servicios más tradicionales y los que se pueden facilitar a través de las nuevas tecnologías. (JIMÉMEZ FERNÁNDEZ, 2013, p.30).

De acordo com o pensamento da autora, a BE tradicional – enquanto local de estudo, reflexão e leitura – ainda preserva sua importância, mas a inserção de uma nova estrutura tecnológica pede a transformação da BE, no que diz respeito aos serviços e recursos tecnológicos, transformando-os em elementos essenciais à aprendizagem.

A pesquisa de Lanzi; Vidotti e Ferneda (2014, p. 111) feita com 30 estudantes adolescentes entre 12 e 18 anos, em um Colégio na cidade de Marília em São Paulo,

demonstra que estes consideram a internet e os buscadores como “fonte confiável dos mais diversos assuntos”, como questões sociais, legais, políticas e culturais. Esses alunos consideram também a internet como a “solução para dúvidas e questionamentos”.

Além disso, os autores chamam a atenção para o comprometimento das competências informacionais dos estudantes devido à facilidade de encontrar informações na rede, pois estes consideram os conteúdos da internet confiáveis e atualizados, e não se preocupam em verificar a origem dessas informações. Nesse sentido, o bibliotecário escolar é um grande aliado na orientação desses alunos como mediador, estimulando o conhecimento através do uso adequado das TIC. (LANZI; VIDOTTI; FERNEDA, 2014).

A internet é um ambiente informacional em constante atualização, e garimpar por seus caminhos requer prudência e um olhar crítico para saber como usar, onde procurar, como e o quê selecionar, além de saber como considerar as diversas maneiras de interagir com a informação disponibilizada. E isso é possível através do aprimoramento da competência informacional, tanto do alunado como do próprio bibliotecário.

Há evidências da importância do uso das tecnologias para resolução de dúvidas e questões que envolvem o amadurecimento do adolescente na passagem para a vida adulta. Além disso, o desenvolvimento de habilidades de busca por informação influencia a vida do educando também fora do ambiente escolar, o que reforçaria o papel da BE e do bibliotecário nesse processo. O estudante busca por um facilitador — o bibliotecário — para ajudá-lo a desvendar os recursos disponíveis no acervo e online.

Jiménez Fernández (2013) salienta em sua pesquisa, feita em 517 sites de bibliotecas escolares públicas e privadas em Andalucía e Extremadura (Espanha), a importância de a BE oferecer os mesmos serviços presenciais em versão online, quebrando barreiras espaciais e temporais, sendo esta uma demanda dos próprios alunos. Desta forma, os alunos encontrarão auxílio nas questões informacionais mesmo fora do ambiente escolar.

A pesquisa feita por Pereira (2015) com alunos do sexto e sétimo ano do Ensino Fundamental também sugere que os alunos julgam a internet como uma ferramenta fundamental para a construção do conhecimento.

As pesquisas acima mencionadas deixam patente a importância da internet, sendo esta preferida como fonte de pesquisa pelos adolescentes, além de destacarem a necessidade de se incorporar as TIC no ambiente da Biblioteca Escolar. O uso dos meios digitais e de diversas mídias atraem os jovens e atuam como porta de entrada para as demais ferramentas informacionais. A identificação da BE e de seus profissionais como mediadores no processo de identificação e busca de informação também fica evidente.

Nesse contexto, o uso de recursos, como os sites das bibliotecas escolares para divulgação de informações complementares aos conteúdos disciplinares, e outros assuntos de interesses dos alunos, passam a ter destaque como garantia de acesso a informações confiáveis, essenciais no processo de aprendizagem (JIMÉNEZ FERNÁNDEZ, 2013). E também disponibilizar acesso ao seu acervo na *web* e outros serviços relacionados ao mesmo, permitindo a comunidade escolar acessar essas informações em qualquer local e hora.

As reflexões e estudo apresentados indicam que o acesso e uso à internet tornaram-se importante espaço de interação social e recurso educacional, e seu uso está diretamente relacionado ao desenvolvimento de determinadas competências. Sendo assim, a presença destas na biblioteca é essencial para o sucesso do processo de educação e autoaprendizagem na contemporaneidade.

Para que os alunos tenham acesso ao potencial informacional que a internet proporciona é preciso que a biblioteca tenha um papel destacado na escola e que o bibliotecário tenha, ele próprio, determinadas competências, além de conhecimento detalhado das necessidades informacionais dos usuários da biblioteca. A partir desse conhecimento, podem ser desenvolvidos produtos e serviços que viabilizem a aquisição de informação de forma dinâmica, investigativa e crítica, proporcionando a construção de novos conhecimentos.

Tendo em vista os argumentos até aqui apresentados, fica clara a necessidade de uma reformulação no modelo de Biblioteca Escolar tradicional. Novas diretrizes e novas competências no ambiente escolar são necessárias, para proporcionar aos educandos a melhor experiência na utilização das TIC no processo de pesquisa escolar e construção do conhecimento.

E o bibliotecário deve estar preparado para usar esse recurso no seu dia a dia, para poder desenvolver programas e atividades que favoreçam aos alunos a utilização eficiente das TIC para o acesso e uso da informação, propiciando aos seus usuários o desenvolvimento e aperfeiçoamento de habilidades específicas no manejo das diversas fontes e suportes informacionais, através da atividade de pesquisa escolar.

Observamos que o potencial educativo da BE também se dá através dos benefícios do acesso aos diversos materiais presentes em seu acervo para formação do cidadão, ao atuar como centro e laboratório de aprendizagem com o uso das TIC, dando suporte ao programa educacional e projeto pedagógico da unidade escolar, além do fomento à leitura.

E para que a BE trabalhe e seja inserida e consolidada no ambiente escolar, ela precisa tornar-se catalizadora das mudanças nas práticas pedagógicas, e também precisa que o bibliotecário — atualizado e competente no uso das TIC — assuma seu papel de responsável

por um recurso pedagógico extremamente importante dentro da escola. Nessas reflexões trazemos implicitamente o conceito e alguns aspectos da Competência em Informação, que trataremos mais especificamente na próxima seção.

3 COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO E BIBLIOTECA ESCOLAR

Para que este cidadão seja capaz de atuar positivamente na sociedade e seja capaz de resolver seus problemas de forma lógica, criativa e questionadora, através do uso efetivo da informação e do conhecimento, são necessárias habilidades específicas, que vêm sendo chamadas pela literatura de “Competência em Informação”.

Nesta seção discutiremos o que é Competência em Informação de acordo com a literatura biblioteconômica e da Ciência da Informação, definições e conceitos, e porque a Biblioteca Escolar torna-se essencial para o desenvolvimento de Competência em Informação dos alunos.

3.1 COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO: TERMO E DEFINIÇÕES

A Competência em Informação como tema de estudo surgiu nos Estados Unidos na década de 1970 (CAMPELLO, 2008, 2009; DUDZIAK, 2001; PEREIRA, 2015), inicialmente o conceito foi usado para designar as habilidades em lidar com informações armazenadas em computadores e redes eletrônicas:

O termo letramento informacional (*information literacy*) foi usado pela primeira vez nos Estados Unidos, na década de 1970, para caracterizar competências necessárias ao uso das fontes eletrônicas de informação, que começavam a ser produzidas na época. (CAMPELLO, 2009, p. 12).

O termo e o conceito de *Information Literacy* foram apropriados pela classe biblioteconômica norte-americana após a publicação de um relatório que analisou a situação do ensino público no país em relação à aprendizagem de habilidades intelectuais sem citar as bibliotecas nesse processo, e isso desencadeou a publicação de documentos demonstrando preocupação com a não consideração do papel da biblioteca na reconstrução do sistema educacional americano (CAMPELLO, 2003⁴ apud PEREIRA, 2015, p. 11).

Essa preocupação foi demonstrada, pela American Library Association⁵ (ALA) e pela IFLA, duas grandes organizações internacionais bibliotecárias, que publicaram documentos estabelecendo conceitos para “*Information Literacy – Information Literacy Competency Standards for Higher Education*” e “Diretrizes sobre Desenvolvimento de Habilidades em

⁴ CAMPELLO, Bernadete. O movimento da competência informacional: uma perspectiva para o letramento informacional. **Ciência da Informação**, Brasília, DF, v. 32, n. 3, p.28-37, set./dez., 2003.

⁵ Associação Bibliotecária Americana.

Informação para a Aprendizagem Permanente”⁶ – respectivamente, que se tornaram base para as discussões desenvolvidas a respeito do tema até os dias atuais.

Para a ALA, a *Information Literacy* está relacionada às habilidades que os indivíduos necessitam para discernir quando e qual informação é necessária, de que maneira localizá-la, avaliá-la, e como utilizá-la de forma efetiva:

*Information literacy is a set of abilities requiring individuals to recognize when information is needed and have the ability to locate, evaluate, and use effectively the needed information.*⁷ (ALA, 2000, p. 2).

Dudziak (2001), ao analisar em seu estudo os diferentes entendimentos de *literacy*, conclui que o seu conceito é dinâmico e complexo, não podendo ser reduzido apenas a sua mais simples tradução: alfabetização. De uma forma mais ampla, *literacy* corresponderia às habilidades de leitura, escrita e compreensão, tendo em vista as necessidades que surgem na sociedade com o desenvolvimento das TIC.

Esse entendimento vai ao encontro da definição de *literacy* que Lyman (1979, p. 196) apresenta em seu artigo: “*Literacy, then, is the ability to understand materials, read critically, use complex material, and learn for oneself.*”⁸ Sendo assim, podemos entender que a leitura crítica na escolha, compreensão e uso de materiais para a autoaprendizagem são competências.

Desta forma, *literacy* relaciona-se diretamente a um processo de capacitação ligado à “educação continuada e [a]o aprender a aprender” (DUDZIAK, 2001, p. 56). E esse processo está integrado à vida do cidadão, renovando e ampliando o conceito de *literacy*, indo além da concepção do ler e compreender.

Modernamente o conceito de *literacy* é expandido, incluindo não só a leitura e compreensão de textos impressos ou eletrônicos, como também a habilidade de se comunicar oralmente e pela escrita, e a habilidade de utilizar vários *hardware* e *software*. Dadas tais dimensões, estabelecem-se níveis de *literacy*, variando de pessoa a pessoa, de grupo a grupo. O contexto também é importante, pois é ele que vai determinar a natureza e a complexidade do aprendizado. Nesse sentido, a utilização do termo **competência** talvez fosse mais adequado para a tradução de *literacy*. (DUDZIAK, 2001, p. 56, grifo nosso).

⁶ Documento traduzido para o português por Regina Célia Baptista Belluzzo.

⁷ “Literacia da informação é o conjunto de habilidades que os indivíduos requerem para ‘reconhecer quando a informação é necessária e a capacidade de localizar, avaliar, e utilizar de forma eficaz as informações necessárias.’” (Tradução livre)

⁸ Literacia, então, é a capacidade de compreender matérias, ler criticamente, usar material complexo, e autoaprendizagem. (Tradução livre)

A autora sugere que o termo ‘competência’ seria o mais indicado, pois se relaciona a uma ação responsável, mobilizando conhecimentos recursos e habilidades informacionais, apesar de manter o termo original em inglês em suas discussões. E conceitua:

Information Literacy é o processo contínuo de internalização de fundamentos conceituais, atitudinais e de habilidades necessários à compreensão e interação permanente com o universo informacional e sua dinâmica, de modo a proporcionar um aprendizado ao longo da história. (DUDZIAK, 2001, p. 143).

Para a autora, esse processo é mais do que uma aquisição de habilidades, revela uma mudança de postura diante da informação e do que ela representa para a sociedade, proporcionando *know-how* para manipular a informação em seus diversos contextos, contribuindo para o aprendizado ao longo da vida.

As considerações de Hatschbach (2002, p.48) ressaltam que a Competência em Informação representa a capacidade e habilidades em utilizar a informação através de processos cognitivos e tecnológicos preconizando “o conhecimento de fontes, o pensamento crítico, a formulação de questões, a avaliação, a organização e a utilização da informação.”

Em dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia em convênio com a Universidade Federal do Rio de Janeiro, a autora faz um estudo aprofundado sobre os termos e conceitos de *Information Literacy* e assinala que algumas das expressões usadas para traduzir o termo são reducionistas, ora vinculadas apenas as habilidades para o uso das TIC, ora reforçando e contrapondo as questões do analfabetismo. E declara que:

A “Competência em Informação” é uma área de estudos e de práticas que trata das habilidades acerca do uso da informação em relação à sua busca, localização, avaliação e divulgação, integrando a utilização de novas tecnologias e a capacidade de resolução de problemas de informação. (HATSCHBACH, 2002, p.95)

As considerações de Hatschbach vão ao encontro do entendimento de Bruce (1997), quando conceituou *Information Literacy* – em seu trabalho “*Seven Faces of Information Literacy in Higher Education*” – e destacou a autoaprendizagem e o processo de aprendizado ao longo da vida:

Information literacy is usually described as the ability to locate, manage and use information effectively for a range of purposes. As such it is an important ‘generic skill’ which allows people to engage in effective decision-making, problem solving and research. It also enables them to take

responsibility for their own continued learning in areas of personal or professional interest.⁹ (BRUCE, 1997, p. 137)

Campello conceitua como Competência Informacional: “o conjunto de habilidades necessárias para localizar, interpretar, analisar, sintetizar, avaliar e comunicar informação, esteja ela em fontes impressas ou eletrônicas.” (CAMPELLO, 2008, p. 10).

Gasque em seu artigo, “Arcabouço conceitual do letramento informacional”, publicado em 2010, argumenta que o letramento é um processo de aprendizagem necessário ao desenvolvimento de competências e habilidades específicas para buscar e usar informação.

O letramento informacional constitui um processo que integra as ações de localizar, selecionar, acessar, organizar, usar informação e gerar conhecimento, visando à tomada de decisão e à resolução de problemas. (GASQUE, 2010, p. 83)

Para a autora, competência refere-se a algo que é construído e desenvolvido ao longo de um processo, neste caso o processo de letramento informacional, seria o ‘saber fazer’ que os conhecimentos pessoais junto às práticas proporcionam. O processo de letramento ocorreria em duas etapas: a alfabetização informacional que seria a compreensão dos códigos e conceitos relacionados à informação e seus suportes; e a aplicação prática desse conhecimento. A competência seria o resultado final do letramento.

Isso porque o letramento informacional possibilita, mais do que a aquisição de conteúdos e competências, a sabedoria do aprender a aprender, contribuindo para a sustentabilidade da vida e a solidariedade humana na sociedade contemporânea. (GASQUE, 2010, p.90).

O documento traduzido da IFLA (2008) ratifica a definição do termo para o uso geral, pois “é suficientemente abrangente para abarcar todo o espectro das **competências em informação**: desde a sabedoria tradicional dos ‘Inuit’ até às máquinas de busca de alta tecnologia, e, provavelmente, seja aplicável durante várias décadas.” (CAMPBELL, 2004 apud IFLA, 2008, p. 8).

Para melhor visualizarmos as diferenças e semelhanças entre os conceitos e termos usados para definir *Information Literacy* apresentamos o Quadro 1 - comparativo de conceitos e termos para *Information Literacy*.

⁹ Literacia da informação é geralmente descrita como a capacidade de localizar, gerenciar e utilizar informações de forma eficaz para uma variedade de propósitos. Como tal, é importante ter "habilidades gerais", que permitam que as pessoas se envolvam de forma eficiente no processo de tomada de decisão, solução de problemas e de pesquisa. Elas também permitem ao indivíduo assumir a responsabilidade pela sua própria aprendizagem continuada nas áreas de interesse pessoal ou profissional. (Tradução livre)

Quadro 1 - Comparativo de conceitos e termos para <i>Information Literacy</i>		
Autoria	Termo	Conceito
BRUCE, 1997	<i>Information literacy</i>	[...]capacidade de localizar, gerenciar e utilizar informações de forma eficaz para uma variedade de propósitos. Como tal, é importante ter “habilidades gerais”, que permitam que as pessoas se envolvam de forma eficiente no processo de tomada de decisão, solução de problemas e de pesquisa. Elas também permitem ao indivíduo assumir a responsabilidade pela sua própria aprendizagem continuada nas áreas de interesse pessoal ou profissional. (Tradução livre)
ALA, 2000	<i>Information Literacy</i>	[...]é o conjunto de habilidades que os indivíduos requerem para ‘reconhecer quando a informação é necessária e a capacidade de localizar, avaliar, e utilizar de forma eficaz as informações necessárias. (Tradução livre)
DUDZIAK, 2001	<i>Information Literacy</i>	[...]é o processo contínuo de internalização de fundamentos conceituais, atitudinais e de habilidades necessários à compreensão e interação permanente com o universo informacional e sua dinâmica, de modo a proporcionar um aprendizado ao longo da história.
HATSCHBACH, 2002	Competência em Informação	[...]é uma área de estudos e de práticas que trata das habilidades acerca do uso da informação em relação à sua busca, localização, avaliação e divulgação, integrando a utilização de novas tecnologias e a capacidade de resolução de problemas de informação.
CAMPELLO, 2008	Competência Informacional	[...]conjunto de habilidades necessárias para localizar, interpretar, analisar, sintetizar, avaliar e comunicar informação, esteja ela em fontes impressas ou eletrônicas.
GASQUE, 2010	Letramento informacional	[...]constitui um processo que integra as ações de localizar, selecionar, acessar, organizar, usar informação e gerar conhecimento, visando à tomada de decisão e à resolução de problemas.

Fonte: Autoria própria.

Entendemos que a essência dos conceitos é que o domínio da informação – o que envolve também o domínio e conhecimento dos mecanismos e ambientes informacionais – possibilita aos indivíduos resolverem problemas a partir da avaliação crítica da informação e

uso competente e efetivo da mesma. E que, ao adquirir essas competências, o indivíduo acumula conhecimentos que proporcionam o autoaprendizado num processo contínuo ao longo da vida.

Concluimos, a partir da exposição da literatura, que a Competência em Informação envolve novos valores e atitudes diante da informação, assim como conhecimento e habilidades necessárias no processo de busca da informação, uma *expertise* para o manejo da informação abundante, no auxílio à formação de cidadãos criativos, questionadores e críticos que atendam às demandas da Sociedade da Informação.

3.2 A COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO, A PESQUISA E A BIBLIOTECA ESCOLAR

O relatório da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI para UNESCO – “Educação: um tesouro a descobrir” –, publicado em 2010, assinala a relevância da necessidade da educação ao longo da vida e suas vantagens para responder às novas situações que ocorrem tanto na vida privada, quanto na vida profissional. Para superar esses desafios “impõe-se que cada um aprenda a aprender” (DELORS, 2010, p.13)

O desenvolvimento de Competências em Informação deve ser estendido a todas as disciplinas e a todos os ambientes de aprendizagem – inclui-se aqui a BE – e em todos os níveis de ensino, permitindo aos alunos dominar conteúdo e expandir suas investigações, fazendo com que assumam maior controle sobre sua própria aprendizagem. De acordo com ALA (2000), o educando competente informacionalmente é capaz de:

- ✓ determinar a dimensão das informações necessárias para resolução do problema;
- ✓ acessar as informações necessárias de forma eficaz e eficiente;
- ✓ avaliar a informação e suas fontes criticamente;
- ✓ integrar as informações selecionadas ao seu estoque de conhecimento;
- ✓ usar as informações de forma eficiente para realizar um propósito específico;
- ✓ compreender as questões econômicas, legais, éticas e sociais que envolvem o uso da informação

Para o desenvolvimento das competências indicadas, o estudante deve ter condição de realizar qualquer processo de busca e uso de informações para realização de tarefas e projetos investigativos – os trabalhos de pesquisa escolar atuam diretamente como prática para o desenvolvimento dessas características nos educandos.

A pesquisa escolar é um instrumento didático que se realiza por meio de etapas metodológicas com a intenção de aprofundamento em relação a uma temática ou objeto com fins de desenvolvimento da capacidade de aprendizagem, intencionando a aquisição de conhecimentos e habilidades. O objetivo da pesquisa escolar é conduzir o educando “a desenvolver habilidades referentes aos procedimentos de buscar, consultar, localizar, selecionar/interpretar e extrair a informação relativa ao conteúdo a ser estudado, de acordo com seu entendimento.” (BEZERRA, 2008, p.3).

Podemos associar essas etapas necessárias à execução da pesquisa escolar às sete categorias de Competência em Informação estipuladas por Bruce (1997):

Quadro 2 – Categorias de Competência em Informação	
Categorias	Foco
1 – Tecnologia da informação	a concepção de competência está diretamente associada à utilização de tecnologias de informação e comunicação para recuperar, acessar e manipular a informação que foi localizada.
2 – Fontes de informação	a concepção de competência está associada ao conhecimento das fontes de informação, autonomia para sua utilização e flexibilidade no seu uso, tanto independentemente como com o auxílio de um intermediário.
3 – Processo de informação	a concepção de competência está associada às estratégias implementadas no trato com a informação, no sentido de obter e utilizar a informação desejada.
4 – Controle de informação	a concepção de competência está associada ao controle/organização da informação através do uso da memória e do computador para armazenar e recuperá-la facilmente.
5 – Construção do conhecimento	a concepção de competência está associada ao uso da informação de forma crítica para construir uma nova base de conhecimento pessoal.
6 – Extensão do conhecimento	a concepção de competência está associada ao uso do conhecimento pessoal para construção de novas informações e/ou novos conhecimentos.
7 - Sabedoria no uso do conhecimento	a concepção de competência está associada ao uso da informação em benefício dos outros, considerando os valores morais e éticos para que a informação seja utilizada.

Fonte: Pereira (2004, p. 5) com adaptações.

Inferimos que através da pesquisa escolar é possível o aluno desenvolver características de uma pessoa competente em informação, quando executada em ambiente propício. A Biblioteca Escolar faz-se lugar ideal para essa prática, pois podemos considerá-la como integrante do processo educativo, sendo essencial ao desenvolvimento das Competências em Informação, do ensino-aprendizagem e da cultura.

Pereira (2015) desenvolveu, em um Colégio de Ensino Fundamental da rede pública no estado do Mato Grosso do Sul, os programas Clube da Biblioteca e Disciplina Experimental em Competência em Informação e identificou uma significativa melhora na produção intelectual dos alunos participantes. Essa melhora envolve aspectos organizacionais, intelectuais e éticos do uso da informação, conclusão a que chega após comparar os trabalhos escolares feitos antes e depois da participação dos alunos no programa.

Campello e outros (2010) demonstram em seu trabalho que a participação ativa de bibliotecários no auxílio na construção e elaboração do trabalho de pesquisa escolar colaborou para que os alunos adquirissem habilidades específicas de busca, escolha e uso de informações, e ainda habilidades de organização e apresentação das novas informações e conhecimentos gerados em padrões usados em trabalhos científicos.

A pesquisa escolar motivada pelo professor e orientada pelo bibliotecário implica no treinamento dos alunos para o reconhecimento de uma questão, para a seleção de fontes de informação confiáveis e sua interpretação, que auxiliarão na resposta dessa questão, trazendo como consequência a geração e registro de novos conhecimentos, tendo o espaço da BE como laboratório de experimentação e treinamento para a investigação científica.

Compreendemos que a Competência em Informação é transdisciplinar e é um processo contínuo de aprendizagem. Nesse contexto, o professor é um facilitador e o bibliotecário é mediador e ambos devem fazer parte da equipe atuante nos programas voltados para o desenvolvimento dessas competências em Bibliotecas Escolares. Logo, a Biblioteca Escolar mostra-se imprescindível no processo de desenvolvimento de Competência em Informação pelos educandos principalmente como local de prática da pesquisa escolar.

Adquirindo essas competências, o aluno será capaz de identificar corretamente a informação pertinente para realizar uma atividade específica ou resolver um problema, realizar busca de informação de forma eficiente, organizar e reorganizá-la, interpretá-la e analisá-la, avaliar a exatidão e confiabilidade da informação e das fontes a partir de preceitos éticos, comunicar e apresentar os resultados da análise e interpretação e utilizá-los para a efetivação de ações e obtenção de resultados.

Buscando compreender como a Biblioteca Escolar estabeleceu-se e vem atuando na Educação brasileira, trataremos na seção seguinte de alguns aspectos históricos, conceituais e legais.

4 A BIBLIOTECA ESCOLAR BRASILEIRA: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

A discussão sobre o papel da BE na Sociedade da Informação no país suscita a indagação sobre qual o papel que ela exerceu ao longo do desenvolvimento educacional e social dos educandos brasileiros nos anos antecedentes ao “bum” tecnológico e informacional, o que mudou e o que permanece a respeito do seu entendimento e atuação.

A partir desse questionamento, nesta seção discorreremos sobre a Biblioteca Escolar brasileira, tal como vista pela literatura da área, em perspectiva temporal; como tem sido concebida ao longo do tempo – conceito, função e missão – e ainda quais os programas e legislação voltados para o incentivo à biblioteca que marcaram a sua trajetória.

Esta revisão da literatura visa apenas apontar alguns conceitos básicos. Também chamamos atenção para a exiguidade de fontes que abordam a história das Bibliotecas Escolares no Brasil e ainda ressaltamos os lapsos temporais na literatura levantada, consequência dessa carência de trabalhos sobre o tema.

Destacaremos a preocupação governamental no âmbito nacional com o recurso educacional ao implantar políticas, programas e legislações de incentivo à leitura e ao livro. O propósito é situar a BE no âmbito da legislação sobre o tema.

4.1 ALGUNS ASPECTOS HISTÓRICOS E DADOS

Os primeiros livros presentes na Educação brasileira datam da segunda metade do século XVI, sendo estes apenas uns poucos que os jesuítas usavam para alfabetizar a população. Com a vinda paulatina para o Brasil de mais livros para instrução dos alunos, e, também, para o aperfeiçoamento dos professores, foram formadas as primeiras Bibliotecas Escolares, curiosamente chamadas de “Livrarias”.

A primeira delas, foi a Livraria do Colégio da Bahia (LEITE, 1938, p. 543); outras unidades foram sendo criadas em outros locais onde os jesuítas se estabeleciam, como nos esclarece Ermakoff:

O trabalho de instrução e evangelização fez com que os religiosos viajassem pelo litoral, e em 1570 já havia não apenas colégios na Bahia, no Rio de Janeiro e em Pernambuco, mas também escolas de instrução elementar em Porto Seguro, Ilhéus, Vitória, São Vicente e São Paulo de Piratininga. Cartilhas e livros, portanto, tornaram-se material de uso permanente, associando-se pequenas bibliotecas às atividades de ensino, nas quais se incluía a preparação de novos religiosos. (ERMAKOFF, 2015, p. 38).

Outras ordens religiosas, que se ocupavam da instrução dos colonos – franciscanos e carmelitas – também possuíam bibliotecas em suas escolas.

De acordo com Moraes (2006), os acervos dessas bibliotecas eram de grande qualidade, sendo estes comparados aos de faculdades. Entretanto, com a expulsão dos jesuítas do país, na segunda metade do século XVIII, todos os bens pertencentes a eles foram confiscados, ocorrendo o fechamento dos colégios e, conseqüentemente, a perda de suas bibliotecas. A respeito da grande perda e do destino dado a essas bibliotecas jesuíticas, O o autor comenta:

As bibliotecas sofreram um golpe terrível com a expulsão da Companhia de Jesus. Todos os bens foram confiscados, inclusive as bibliotecas. Livros retirados dos colégios ficariam amontoados em lugares impróprios, durante anos, enquanto se procedia ao inventário de bens dos inacianos. (MORAES, 2006, p. 10).

Além das considerações de Moraes (2006) sobre a história das Bibliotecas Escolares brasileiras, não encontramos dados na literatura por quase um século. Novas informações sobre a criação de “Bibliotecas Escolares” – considerando estas como uma coleção de livros, e não um espaço dentro da escola – surgem na segunda metade do século XIX, com a preocupação de Vicente Pires da Mota (presidente da província de São Paulo de 1848 a 1851) em relação à educação dos provincianos.

O Conselho de instrução do Império cria, então, a primeira “biblioteca escolar brasileira” – tratava-se de uma coleção de adaptações de “Os Lusíadas” e de “Fábulas” de La Fontaine, e não do espaço especificamente – estas adaptações incorporavam características nacionais às histórias. Essa iniciativa deu-se devido à recusa às obras traduzidas enviadas de Portugal ao Brasil (VALIO, 1990), que não se adequavam à realidade cultural brasileira.

A partir de 1880 até 1915, segundo Válio (1990), as bibliotecas das Escolas Normais foram surgindo, sendo a primeira a Biblioteca da Escola Normal Caetano de Campos em São Paulo. De acordo com Válio (1990, p. 18), essas foram as primeiras “bibliotecas escolares, no sentido hoje entendido”. Ainda segundo este autor, entre os anos de 1915 a 1921, a publicação de livros no Brasil teve um grande avanço, também neste período a literatura infantil começava a ser usada com finalidade educacional.

Até as décadas de 1930 e 1940, segundo Silva (2011), o uso do livro e da biblioteca era exclusivo, apenas, para alunos de Escolas Oficiais e Particulares. Somente após esse período, as Escolas Estaduais passam a contar com uma biblioteca em suas unidades.

As propostas do projeto de renovação do ensino – Escola Nova, movimento que ganhou impulso na década de 1930 – reconhecem a importância da Biblioteca Escolar na

Educação, incluindo-a nesse processo de renovação, levando em conta prioritariamente o seu papel no incentivo ao gosto pela leitura.

Já nos anos de 1940/50, ainda segundo Silva (2011), inicia-se a preocupação com a formação do acervo da BE e a participação direta dos alunos e pais torna-se o foco quando da instalação da BE. Interessante é o destaque que foi dado, no período, à participação dos pais e alunos na composição do acervo da Biblioteca Escolar, revelando uma preocupação com o envolvimento total da comunidade nas atividades escolares.

É interessante observar também que nas décadas de 1940/1950 ocorre o discurso da importância da composição do acervo e da participação direta dos usuários discentes e dos pais na construção da biblioteca escolar por meio de ações pedagógicas. (SILVA, 2011, p. 497).

De acordo com o exposto, percebemos que a década de 1950 foi um marco na instalação de Bibliotecas Escolares no Brasil, através do entendimento pedagógico de que este espaço deveria ser valorizado e consolidado, retomando o prestígio conquistado na época dos jesuítas, onde eram reconhecidas pela qualidade dos seus acervos.

Mais uma vez, esbarramos na falta de dados sistematizados na literatura sobre a história da Biblioteca Escolar brasileira. Porém, Maroto (2012) nos traz informações sobre a reforma do Ensino Médio em 1969, que trouxe as escolas Polivalentes que modernizavam o currículo e traziam bibliotecas bem estruturadas como recurso educacional. De acordo com a autora, o projeto foi extinto e mais uma vez na história tivemos o fechamento de Bibliotecas Escolares, desta vez para a criação de salas de aula.

Dados quantitativos apresentados por Maroto (2012) dão uma ideia do tratamento dado à BE nos anos de 1985 até 2005. Segundo a autora, a pesquisa feita pelo Ministério da Educação (MEC) e pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 1985, apurou que apenas 8% das escolas de Ensino Fundamental e Médio das redes públicas e particular possuíam bibliotecas. Ainda dados levantados pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa Educacionais (INEP) e pelo MEC apresentavam os seguintes resultados: 51% dos estabelecimentos de ensino brasileiros possuíam Biblioteca Escolar em 1998, e apenas 23,39% em 2005. Os dados oficiais mostram que entre 1985 a 1998 houve um crescimento de 43% no número de Bibliotecas Escolares no Brasil; e que, no entanto, entre 1999 e 2005 houve um declínio de 27,61% na presença da BE nas escolas brasileiras.

Maroto atribui esse declínio ao fechamento da BE e sua reutilização em outras atividades. Sobre este assunto, a autora chama atenção para a falta de conhecimento sobre a importância das fontes de informação disponibilizadas nas Bibliotecas Escolares no processo de ensino-aprendizagem:

Muitas escolas públicas, ainda hoje, subestimam ou ‘ignoram’ a importância que os recursos bibliográficos e outras fontes de informação disponíveis na biblioteca escolar representam para o processo ensino-aprendizagem. Por esse motivo, estão frequentemente desativando esse espaço, quando existe, para dar lugar a uma sala de aula ou para desenvolver outras atividades consideradas mais relevantes. (MAROTO, 2012, p. 63).

Dados apresentados em matéria do jornal Estado de São Paulo¹⁰ trazem uma comparação entre os Censos de 2008 e 2011, a partir de levantamento feito pelo movimento Todos Pela Educação, os quais demonstram que, entre as escolas construídas nesse período de três anos – 7.284 novas unidades –, nenhuma delas conta as instalações de uma biblioteca. Há de se verificar se os espaços de leitura existentes dão conta de receber e colocar à disposição da comunidade escolar os acervos recebidos (VIEIRA; LINS, 2014).

Cabe salientar que em 20 anos (1985-2005), além das flutuações de números, houve um crescimento de apenas aproximadamente 15% de Bibliotecas Escolares. Em matéria publicada pelo jornal O Globo¹¹, encontram-se dados referentes aos Censos Escolares de 2010 e 2013, que nos revelam que em 2010 é de 33,1% o número de unidades escolares que contavam com espaço de acesso à leitura e ao conhecimento e, em 2013, este percentual aumentou para 35% (VIEIRA; LINS, 2014). Portanto, em três anos, houve um crescimento de menos de 2%. Considerando o período entre 2005 e 2013, o crescimento foi de 11,61%.

A exposição desses dados busca assinalar que a história da Biblioteca Escolar brasileira sofreu altos e baixos desde o período colonial, e que, apesar do relativo crescimento nos últimos oito anos, a BE ainda não mostra, no Brasil, evidências de incentivos suficientes para um crescimento constante e presença maciça nas escolas brasileiras.

Silva (2004) aponta uma possível causa para a atual condição de subutilização da Biblioteca Escolar: sua natureza dual, não estando clara a sua vinculação às áreas acadêmicas da Pedagogia ou da Biblioteconomia. Para a autora, isso causaria problemas na sua identidade e atuação, tornando-a desconhecida ou negligenciada por ambas as áreas, tendo seu desenvolvimento negligenciado por uma e outra. Esse fato explicaria a visão fria, rígida e burocratizada da biblioteca, afastada dos profissionais e dos alunos.

Podemos perceber que, mesmo enfrentando problemas de valorização, o potencial educacional da BE sempre esteve em debate, justificando todos os esforços e pesquisas para que esse rico espaço seja cada vez mais incluído na educação para a Sociedade da Informação.

¹⁰ Disponível em: <http://www.estadao.com.br/noticias/geral,em-72-5-das-escolas-nao-ha-biblioteca-lei-preve-obrigatoriedade-ate-2020-imp-,987556>

¹¹ Disponível em: <http://oglobo.globo.com/sociedade/educacao/censo-65-das-escolas-brasileiras-nao-tem-biblioteca-12594751>

4.2 CONCEITO, MISSÃO E FUNÇÃO EM PERSPECTIVA TEMPORAL

O que é uma Biblioteca Escolar no Brasil? A literatura que analisa a situação brasileira nos mostra que muitas respostas são dadas ao fazermos essa pergunta. Para podermos discutir com consistência o papel da Biblioteca Escolar, é preciso primeiro designar o que é a Biblioteca Escolar, qual a sua função, missão e qual o seu papel, tal como abordado pela literatura. Apresentaremos, assim, a visão de alguns autores em relação à BE a partir da década de 1970 até os dias atuais.

Como vimos no tópico anterior, as primeiras bibliotecas brasileiras foram sendo formadas visando o uso do livro para a educação dos alunos e também o aprimoramento dos professores. E a exposição que se segue tem por fim recuperar o variado conjunto de definições e entendimentos sobre a BE através dos anos, buscando evidenciar aspectos que permaneceram, as semelhanças, as diferenças, e a evolução na forma de compreender essa instituição.

Devido à sua desvalorização e constante fechamento e subutilização, como já assinalado, a BE passou a ser vista como depósito, local de castigo, espaço inútil ou aproveitado para outras finalidades. Essa situação vem se perpetuando até hoje, em muitos casos. Alguns analistas nos dão ideia da situação:

Em grande parte das escolas esse dispositivo não existe como tal, sendo substituído por salas de leitura, ‘cantinhos’, etc. O desenho de bibliotecas nos projetos arquitetônicos das escolas é raro, inclusive quando foram projetadas como parte do edifício escolar, e a dinâmica institucional conduz ao ‘reaproveitamento’ das bibliotecas como salas de aula, sempre que a escola pensa em expansão de matrícula. (PAIVA; BERENBLUM, 2009, p. 185).

No Brasil a biblioteca escolar sofre, constantemente, com o descaso, sucateamento do conhecimento e a inexistência ou a precária existência da própria biblioteca dentro das instituições de ensino. Livros, ou melhor, alguns livros empilhados num armário, em uma sala qualquer, estão sendo considerados como uma biblioteca pelos dirigentes das escolas. (CASTRO FILHO; PACAGNELLA, 2011, p. 99).

Santos (1973) aponta o início da década de 1970 como o período em que se inicia a superação do conceito de BE apenas como um depósito de livros. Assumindo a função de centro de cultura e informação, de atendimento às necessidades individuais de educação e, além disso, com o auxílio do desenvolvimento tecnológico, ampliam-se o conceito e a função da BE. Não só o incentivo ao gosto pela leitura é considerado, mas também o apoio ao

processo de aprendizagem começa a fazer parte do conceito de BE, como destaca Cerdeira (1977, p.36).

A biblioteca deixa de ser apenas um depósito de livros, periódicos e publicações existentes em cada escola; a presença de novos recursos informacionais transforma a BE em “laboratórios de autoaprendizagem”, ampliando sua conceituação e enfatizando sua função pedagógica (CERDEIRA, 1977).

Nos anos de 1980, surgem novas percepções sobre sua função social por intermédio do hábito de leitura. Além do incentivo à leitura como lazer e ao suporte às necessidades educacionais do aluno, passa-se a refletir sobre o papel das BE no suprimento das necessidades sociais e intelectuais necessárias ao desenvolvimento do potencial deste educando.

Sobre a função social da Biblioteca Escolar, Carvalho (1981, p.28) nos esclarece que, ao assumir o papel de um centro de aprendizado, a biblioteca estaria apta a proporcionar “[...] o desenvolvimento das potencialidades do educando, prevendo suas necessidades intelectuais e sociais e oferecendo-lhe meios de satisfazê-las através de suas próprias indagações e pesquisas”. Para a autora, a leitura adequada e o uso apropriado da biblioteca propiciam êxito escolar e conhecimentos úteis para a vida adulta.

Para Barroso (1984, p.13), a BE “[...] é um laboratório de aprendizagem integrado ao sistema educacional” que tem como função facilitar o acesso, a disponibilização e a utilização dos seus recursos para toda comunidade educacional. Entender a BE como um laboratório, ou seja, como um local de experimentação, assegura o uso do espaço para satisfazer as necessidades particulares do educando. E, de acordo com Ramalho (1988, p. 89), com a vantagem de a BE ser um local “[...] livre do estigma de avaliação que a sala de aula carrega”, tendo como “[...] meta principal o seu usuário, e não o seu acervo”.

Nos anos de 1990, a literatura propõe o conceito de BE reafirmando seu potencial de laboratório de aprendizagem com foco no usuário. A “biblioteca seria ‘o laboratório de aprendizagem’ contribuindo para a formação de estudantes bem sucedidos e adultos capacitados” (VALIO, 1990, p. 21) a fazer uso da informação selecionada. Válio também destaca a função de suporte ao ensino-aprendizagem através do atendimento ao currículo da instituição à qual pertence. A potencialidade cultural da Biblioteca Escolar e a sua interação com o currículo escolar se dá para além do incentivo à leitura:

A biblioteca escolar é uma instituição que organiza a utilização dos livros, orienta a leitura dos alunos, **coopera com a educação e com o desenvolvimento cultural da comunidade escolar e dá suporte ao atendimento do currículo da escola.** (VALIO, 1990, p. 20, grifo nosso).

No final do século XX, a Biblioteca Escolar passa a ser vista como elemento integrador entre ambiente escolar e desenvolvimento do educando, o que continua a ser explorado no século XXI. Neste novo século, acrescenta-se (ou retoma-se) a ideia do apoio informacional da biblioteca ao docente, que necessita atualizar seus conhecimentos e aperfeiçoar os métodos de ensino. Sobre isto vejamos o que dizem os autores:

Biblioteca Escolar [deve atuar] como órgão auxiliar e complementar da escola, facilitando aos alunos o livre acesso aos livros – o mundo fantástico do saber, das descobertas, dos sonhos, do imaginário conto de fadas ao mundo do assombrado. Bem como, a orientação clara e precisa para o estudo, para a solução de problemas e dos deveres de classe, ou ainda, o de incrementar as pesquisas referenciando-as, utilizando mais de um livro, sintetizando, criticando e, fundamentalmente como apoio informacional ao pessoal docente. (KIESER; FACHIN, 2000, p.2).

Além do foco no aluno, tende a ser difundido o entendimento de que a BE seja vista como um recurso não apenas ao estudante, mas também do professor, pois ela proporciona apoio ao trabalho do docente e da coordenação educacional e contribui para o desenvolvimento curricular.

Moro e Estabel (2011, p. 17) voltam a destacar o papel de mediação da leitura pela BE e reforçam sua função como espaço de aprendizagem que proporciona autonomia ao seu usuário: “A biblioteca escolar é o centro de mediação entre a vida e a leitura que propicia um espaço de aprendizagem onde o ser humano deve buscar espontaneamente e aprender com prazer.”

Ao conceituar a Biblioteca Escolar, Corte e Bandeira (2011) chamam atenção para as diversas funções da BE incluindo a função de centro cultural, de fomento à leitura e de construção do conhecimento:

A biblioteca escolar é um espaço de estudo e construção do conhecimento, coopera com a dinâmica da escola, desperta o interesse intelectual, favorece enriquecimento cultural e incentiva a formação do hábito de leitura. (CORTE; BANDEIRA, 2011, p. 8).

Coutinho e Xerxenesky (2011) acrescentam a importância dos diversos formatos e meios para adquirir informação na composição do acervo da BE e para a formação de leitores competentes na utilização da mesma. Salientam também para a cooperação entre bibliotecário e professor para que a Biblioteca Escolar exerça seus papéis de apoio didático e de formadora de cidadãos capacitados:

O papel preponderante desta biblioteca é servir como um importante instrumento no apoio didático-pedagógico. Assim sendo, se faz necessária a existência de um esforço de interação e cooperação entre docentes e

bibliotecários, pois a missão desta biblioteca é formar pensadores críticos e efetivos usuários da informação em todos os formatos e meios. (COUTINHO; XERXENESKY, 2011, p.177).

Os autores chamam a atenção para a ampliação do atendimento da BE à comunidade onde ela está inserida, tornando-se um espaço de inclusão de todos por meio do acesso à informação, assumindo, às vezes, o papel de Biblioteca Pública.

[...] atender à comunidade da escola na sua plenitude e ao bairro no qual está inserida, permanecendo de portas abertas a todos e acolhendo quem precisar de seus préstimos é o objetivo maior da biblioteca escolar. (COUTINHO; XERXENESKY, 2011, p.178).

A partir das abordagens apresentadas, podemos depreender que a Biblioteca Escolar vem se reafirmando como recurso indispensável ao processo de aprendizado nas últimas décadas, exercendo a função de formadora de um cidadão crítico e autônomo que precisa lidar com a velocidade e variedade informacional e também com o avanço das TIC. Reforçam estas abordagens também a necessidade e a importância das atividades oferecidas e desenvolvidas no ambiente da Biblioteca Escolar.

Acompanhando a evolução tecnológica e as novas demandas da sociedade, o conceito de BE transpôs a visão tradicional e define-se hoje em termos modernos: seu conceito revela uma nova biblioteca onde o dinamismo, a renovação e estímulo à aprendizagem predominam. A BE consolidou-se como um centro de integração da comunidade à qual está inserida. Oferecendo ao seu usuário um local de acesso a crescente gama de informações disponíveis, sobretudo através das TIC.

É possível concluir, a partir da exposição de conceitos feita neste item, que a compreensão de BE vem sofrendo alterações e amplificou-se para satisfazer as demandas tecnológicas e sociais da Sociedade da Informação, mas não perdeu sua essência, retomando seu papel fundamental na educação.

4.3 PROGRAMAS E LEGISLAÇÕES NACIONAIS

A literatura brasileira sobre a BE vem destacando uma preocupação governamental na construção de escolas e na formação de professores, e aponta também que essa preocupação não tem vindo acompanhada de atenção com a BE. Esta tem ficado esquecida no processo de ensino-aprendizagem, não sendo considerada uma prioridade pelas ações e políticas governamentais. Programas de incentivo à leitura são formulados, no entanto essas ações não

estão ligadas diretamente a uma política de Biblioteca Escolar, enquanto espaço, na instituição escolar.

Autores como Viana, Carvalho e Silva, (1998); Campello, (2010); Maroto, (2012); Campello e outros, (2011) e Bicheri e Almeida Júnior, (2013) demonstram em suas pesquisas que as BE que existem tendem a ser ineficientes, pois estão instaladas em locais inadequados, com acervos sem tratamento apropriados, quando não, ainda embalados ou trancados em armários. Junta-se a isso a falta de pessoal qualificado.

Esses resultados refletem a falta de iniciativas governamentais específicas para Bibliotecas Escolares. Para que esta situação seja superada há a necessidade de que o Estado assegure à população o direito à cultura e à informação através do uso da BE, de programas, ações e dispositivos legais.

A IFLA (2000, p. 2), em seu Manifesto para Biblioteca Escolar, atribui aos governos a responsabilidade pelo espaço, através de programas, legislações e políticas próprias relacionados ao espaço:

A responsabilidade sobre a biblioteca escolar cabe às autoridades locais, regionais e nacionais, portanto deve essa agência ser apoiada por política e legislação específicas. Deve também contar com fundos apropriados e substanciais para pessoal treinado, materiais, tecnologias e instalações.

No Brasil, na década de 1990, percebe-se em nível governamental nacional, iniciativas para desenvolvimento da Biblioteca Escolar, mesmo que ainda de maneira tímida. Podemos destacar, nesse sentido, a criação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), que estabelece as diretrizes e as bases da Educação brasileira em 1996, e dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) – referenciais para a renovação e reelaboração da proposta curricular da escola em 1997.

Os PCN foram formulados para divulgar os princípios da reforma curricular e também para orientar os professores a buscarem novas abordagens e metodologias de ensino, contextualizando o conhecimento escolar quanto à sua interdisciplinaridade, incentivando o raciocínio e a capacidade de aprender do aluno.

Ambos os documentos entendem que a leitura oferece condições favoráveis e estímulo ao aprendizado para a aquisição e desenvolvimento de hábitos investigatórios e para construção do conhecimento, mas não trazem diretrizes ligadas diretamente a ações para criação ou uso de espaço propício ao desenvolvimento destes hábitos, tratando apenas dos benefícios da leitura e do acesso a objetos e espaços que sirvam de apoio pedagógico.

Também em 1997, o Governo Fernando Henrique Cardoso criou o Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE). Essa iniciativa visa fornecer acervos, materiais didáticos e de

referência às escolas públicas do Ensino Básico nas três esferas governamentais; o programa vem desenvolvendo modificações e adequações de acordo com a realidade educacional brasileira.

Os acervos são distribuídos em anos alternados: em um ano são contempladas as escolas de Educação Infantil, as de Ensino Fundamental e de Educação de Jovens e Adultos; no ano seguinte as escolas de Ensino Fundamental e de Ensino Médio. Conforme ressaltam os autores citados anteriormente, alguns desses acervos permanecem embalados, o que nos permite inferir que a distribuição de acervos não faz com que a BE seja efetivamente existente em algumas unidades escolares.

E por que esses acervos permanecem embalados? Este é um reflexo da falta de espaço próprio para a existência de uma biblioteca real e da falta de pessoal especializado para o tratamento adequado dos acervos disponibilizados pelo programa, ou pelo descaso das autoridades, como acontece nos acervos destinados às bibliotecas públicas (Medeiros, 2015). Programas para promoção e desenvolvimento de acervos como esses, juntamente com incentivos específicos para um espaço físico que os abrigue, são vitais para a concreta existência da BE.

Em outubro de 2003, o presidente Luís Inácio Lula da Silva sancionou a Lei nº 10.753, que institui a Política Nacional do Livro. O dispositivo legal tem como uma de suas diretrizes instalar e ampliar livrarias, bibliotecas e pontos de venda de livro em todo território nacional, e estabelece em seu parágrafo único que cabe ao Poder Executivo implementar programas de manutenção e atualização de acervos de Bibliotecas Escolares, públicas e universitárias anualmente. Além disso, a referida lei também trata da difusão e acesso ao livro através de importação e exportação, incentivo à leitura e à produção intelectual de escritores e autores brasileiros. O ordenamento atribui a responsabilidade ao Fundo Nacional de Cultura pelo financiamento da modernização e expansão do sistema bibliotecário brasileiro e dos programas de incentivo à leitura. Um dos diferenciais dessa lei é a garantia de acesso a materiais específicos para deficientes visuais.

Em agosto de 2006, foi instituído, através da Portaria Interministerial – Ministério da Cultura e da Educação –, o Plano Nacional do Livro e Leitura (PNLL), regulamentado pela presidenta Dilma Rousseff em 1º de setembro de 2011. O Plano traça diretrizes para uma política pública voltada à leitura e ao livro no Brasil, particularmente à biblioteca e à formação de mediadores. Diversas iniciativas contribuíram para a formulação do Plano, entre elas o PNBE. Um dos eixos do Plano é a democratização do acesso à leitura por meio do

fortalecimento da rede de bibliotecas públicas e a implantação de bibliotecas municipais e escolares através da continuidade dos programas já existentes.

Outra iniciativa que ganhou destaque no Brasil emanou da classe bibliotecária por meio do Conselho Federal de Biblioteconomia (CFB), juntamente com os Conselhos Regionais de Biblioteconomia (CRB), que elaboraram o “Programa mobilizador: biblioteca escolar construção de uma rede de informação para o ensino público” (CFB, 2009).

Essa iniciativa teve como objetivo conscientizar a sociedade e os governantes para a necessidade da criação de bibliotecas de qualidade nas escolas, assim como sobre a importância da universalização da mesma. Essa mobilização teve como um dos resultados a promulgação da Lei nº 12.244, em maio de 2010, que dispõe sobre a universalização das bibliotecas nas instituições de ensino do país, sobre a obrigatoriedade de acervo mínimo e da presença do bibliotecário nas unidades, estipulando um prazo de 10 anos para adequação do sistema de ensino. Este foi considerado um grande marco na história da Biblioteconomia escolar.

As Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) – normas obrigatórias concebidas e fixadas pelo Conselho Nacional de Educação (CNE) – orientam o planejamento curricular das escolas e dos sistemas de ensino em geral, tendo como base a LDB. O documento foi oficializado em 2010. Existem as diretrizes gerais para Educação Básica e também as diretrizes específicas para a Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio. Essas diretrizes trazem definições doutrinárias sobre os princípios, os fundamentos e os procedimentos na Educação Básica para orientar as escolas na organização, sistematização, desenvolvimento e avaliação de suas propostas pedagógicas.

Em sua versão de 2013, as DCN destacam que o acesso e a utilização adequada dos objetos e espaços culturais, como as bibliotecas, são importantes para a educação da criança. O documento se refere à BE como um dos espaços de apoio ao programa pedagógico escolar, contribuindo para constituição do conhecimento, destacando a participação de todas as categorias de sujeitos envolvidos na escola e a utilização dos seus diversos ambientes na efetivação da educação.

[A educação] efetiva-se não apenas mediante participação de todos os sujeitos da escola – estudante, professor, técnico, funcionário, coordenador – mas também, mediante aquisição e utilização adequada dos objetos e espaços (laboratórios, equipamentos, mobiliário, salas-ambiente, biblioteca, videoteca, ateliê, oficina, área para práticas esportivas e culturais, entre outros) requeridos para responder ao projeto político-pedagógico pactuado, vinculados às condições/disponibilidades mínimas para se instaurar a primazia da aquisição e do desenvolvimento de hábitos investigatórios para construção do conhecimento. (BRASIL, 2013, p. 152).

Em 2012, o Projeto de Lei da Câmara nº 28/2012, de autoria do deputado Sandes Júnior, entra em discussão. O PL altera a LDB e propõe instituir a obrigatoriedade de criação e manutenção de Bibliotecas Escolares em todas as instituições públicas de ensino.

Ainda em tramitação, o Projeto, em seu texto inicial, visava acrescentar dois artigos na LDB, atribuindo a responsabilidade da criação e manutenção das Bibliotecas Escolares aos sistemas de ensino em todas as instituições públicas, a obrigatoriedade da presença de bibliotecários nas instituições, assim como a garantia de acervos atualizados, acessíveis e em local próprio.

Em sua última versão, o Projeto¹² propõe a alteração dos artigos 9º, 10 e 11 da seguinte forma:

‘Art. 9º. [A União incumbir-se-á de:]..... II – organizar, manter e desenvolver os órgãos e instituições oficiais do sistema federal de ensino e o dos Territórios e **garantir a criação e a manutenção de bibliotecas escolares nessas instituições, assistidas por bibliotecários com formação em nível superior ou profissionais da educação com capacitação específica;**’ (NR)

‘Art. 10. [Os Estados incumbir-se-ão de:]..... I – organizar, manter e desenvolver os órgãos e instituições oficiais dos seus sistemas de ensino e **garantir a criação e manutenção de bibliotecas escolares nessas instituições, assistidas por bibliotecários com formação em nível superior ou profissionais da educação com capacitação específica;**.....

IV – autorizar, reconhecer, credenciar, supervisionar e avaliar, respectivamente, os cursos das instituições de educação superior e os estabelecimentos dos seus sistemas de ensino, **condicionando o funcionamento das escolas de educação básica à disponibilidade de bibliotecas escolares, assistidas por bibliotecários com formação em nível superior ou profissionais da educação com capacitação específica;**.....’ (NR)

‘Art. 11. [Os Municípios incumbir-se-ão de:]..... I – organizar, manter e desenvolver as instituições oficiais e os órgãos dos seus sistemas de ensino, integrando-os às políticas e planos educacionais da União e dos Estados e **garantindo, nas escolas das respectivas redes, a criação e a manutenção de bibliotecas assistidas por bibliotecários com formação em nível superior ou profissionais da educação com capacitação específica;**.....

IV – autorizar, credenciar e supervisionar os estabelecimentos do seu sistema de ensino, **condicionando o seu funcionamento à disponibilidade de bibliotecas escolares, assistidas por bibliotecários com formação em**

¹² Disponível em: <http://legis.senado.leg.br/mateweb/arquivos/mate-pdf/137345.pdf>

nível superior ou profissionais da educação com capacitação específica;.....'(NR). (grifo nosso)

O PL demonstra um esforço do governo em garantir a criação e manutenção das BE, reforçando a necessidade da presença de profissional especializado atuando no espaço. No entanto, há uma controvérsia na nova versão do projeto proposto, relativa à assistência nas BE por “profissionais da educação com capacitação específica” sem condicioná-la à presença de um bibliotecário, aspecto amplamente discutido pelos profissionais bibliotecários, que discordam dessa solução para o funcionamento ideal da BE. Essa seria uma solução razoável para a existência e adequado funcionamento da BE?

As iniciativas analisadas ressaltam a importância da BE na vida do educando, assim como os benefícios que a utilização desses locais propicia para o ensino-aprendizagem. As recentes discussões no âmbito legislativo sobre a Biblioteca Escolar, demonstram a inserção do tema nas pautas políticas de maior relevância.

No entanto, as ações efetivas giram especialmente em torno da distribuição de acervos, buscando incentivar a leitura, uma questão que envolve diretamente a Biblioteca Escolar, mas não leva em consideração a construção de espaços físicos para abrigá-las. Tais iniciativas têm sua importância, mas são restritas, pois o fomento a serviços e à criação de locais que garantam oportunidades de acesso aos conhecimentos existentes nesses acervos não são estimulados. Apenas a distribuição de livros não contribui para a formação de leitores, a mediação acontece por intermédio do uso da biblioteca e pela atuação de seus profissionais.

A Lei nº 12.244/2010, já mencionada, apresenta perspectivas positivas para o futuro da BE brasileira. Porém, a falta de determinações específicas que garantam a concretização do estipulado no dispositivo legal causa certo receio quanto ao seu efetivo cumprimento. A inclusão de orientações específicas em relação à construção, implementação e pessoal da BE, na LDB, como proposto no PL 28/2012, garantiria mais atenção e visibilidade a esse espaço pedagógico. Desta forma, professores e bibliotecários estariam formalmente juntos na missão de promover a Biblioteca Escolar, sendo esta também inserida no orçamento anual direcionado à educação.

Tendo a sociedade da informação como cenário principal desta discussão, nos questionamos sobre como esses programas e legislações contribuem e influenciam a ação educativa do bibliotecário escolar e o ensino-aprendizagem dos educandos no contexto das tecnologias digitais. A BE tem nuances muito específicas que devem ser levadas em

consideração na elaboração de programas ou políticas que garantam sua construção, desenvolvimento e uso.

Além dos dispositivos legais, existe a necessidade de delimitação de orçamentos específicos para a construção de novas bibliotecas, melhoramento e ampliação daquelas já existentes, assim como a formação e contratação de profissionais especializados, e a continuidade da conscientização da classe bibliotecária, com vistas a contribuir na busca de alternativas para as falhas legislativas e para a afirmação da importância da Biblioteca Escolar. A combinação das políticas de distribuição de livros com ações de dinamização, construção, implantação e promoção dos espaços de leitura, a introdução de tecnologias multimídias e a formação de profissionais especializados é o grande desafio a ser vencido.

5 CAMPO DE ESTUDO E METODOLOGIA

Nesta seção, apresentaremos o campo de estudo escolhido para o desenvolvimento deste estudo, assim como as razões que levaram a sua escolha. Também exporemos os métodos adotados durante a coleta de dados.

5.1 O COLÉGIO PEDRO II E AS SUAS BIBLIOTECAS

A escolha do Colégio Pedro II (CPII) para este estudo justifica-se pela tradição e excelência em ensino que a instituição pública federal, localizada no estado do Rio de Janeiro, possui. O Colégio tem alto índice de rendimento no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e no Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) e conta com bibliotecas e com bibliotecários nos seus quadros de funcionários. Suas bibliotecas têm sido objeto de estudo dos programas de extensão universitária e de alunos de programas de pós-graduação.

O Colégio foi fundado há 178 anos e conta com quase 13 mil alunos. Conta com 15 *campi*, atuando desde a Educação Infantil até o Ensino Médio, além da Educação de Jovens e Adultos (Proeja) e Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (Pronatec). Está presente nos municípios do Rio de Janeiro, Niterói e Duque de Caxias.

Em junho de 2012, o Colégio foi equiparado aos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia (IFES) e hoje conta com cinco pró-reitorias e cinco programas de pós-graduação. Em 2004, foi criado o Sistema de Bibliotecas e Salas de Leitura do Colégio Pedro II e, em 2014, esse sistema passou por algumas reformulações para se adequar à nova estrutura organizacional de IFES.

Esse sistema inclui: cinco salas de leitura no primeiro segmento; nove Bibliotecas Escolares; três midatecas; e uma biblioteca de pós-graduação. Como campo de estudo, foram selecionadas duas bibliotecas da rede: a do *campus* Centro e a do *campus* São Cristóvão (SCII)¹³.

Foi no prédio do *campus* Centro do CPII que teve início o primeiro colégio de instrução secundária oficial do Brasil, fundado em dezembro de 1837. O prédio passou por reformas feitas por grandes arquitetos, como Grandjean de Montigny. Em 1983, o prédio foi tombado pelo Patrimônio Histórico e Cultural. Recebendo atualmente os alunos do 6º ao 9º

¹³ Informações retiradas do site <http://www.cp2.g12.br/index.php> e de apresentações nos eventos: I Seminário Diálogos Biblio e I Seminário do Centro de Documentação e Memória do Colégio Pedro II.

ano do Ensino Fundamental e os alunos da 1ª a 3ª série do Ensino Médio Regular, a unidade conta com uma biblioteca que atende a todos os seguimentos.

São Cristóvão abriga o maior número de alunos do CPIL. Atendia inicialmente aos alunos do Ensino Fundamental e Médio até o ano de 1999, quando houve o desmembramento em: Unidade Escolar São Cristóvão II — que atende exclusivamente os alunos do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental — e Unidade Escolar São Cristóvão III, que atende os alunos do Ensino Médio, ambas as unidades contam com suas respectivas bibliotecas¹⁴.

A escolha das unidades deveu-se a seu destaque como *campi* do Colégio; ambos possuem bibliotecas dedicadas ao atendimento dos alunos do Ensino Fundamental e Médio, com a presença de bibliotecários; a escolha dessas unidades também foi devido a estarem localizadas numa área central dentro do município do Rio de Janeiro, o que favoreceu o acesso às visitas para coleta de dados. O acesso às unidades foi facilitado pela coordenadora da Seção de Biblioteca e Salas de Leituras do CPIL, Márcia Feijão.

5.2 MÉTODOS UTILIZADOS

A abordagem metodológica escolhida para desenvolver esta dissertação foi a pesquisa qualitativa com o uso das técnicas de observação e entrevista. Consideramos este tipo de abordagem, pois, como enfatizam Strauss e Corbin (2008, p.17), proporciona uma análise mais aprofundada de situações onde há interpretação de experiências e fenômenos que envolvem processos de pensamento, cognitivos e emocionais, atitudes, opiniões e hábitos de grupos de pessoas ou grupos específicos.

A pesquisa envolveu uma etapa inicial de revisão de literatura voltada à exploração de conceitos que estão na base do estudo desenvolvido nas unidades informacionais selecionadas. O quadro referencial tomou corpo a partir de consultas às bases de dados disponibilizadas pelo Sistema de Biblioteca e Informação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (SIBI/UFRJ), em sites de periódicos e repositórios de anais de eventos científicos da área.

A literatura selecionada para este trabalho incluiu algumas abordagens já clássicas sobre o tema da Competência em Informação. Houve, também, ênfase nos estudos brasileiros,

¹⁴ As informações sobre as unidades foram retiradas dos sites:

http://www.cp2.g12.br/sobre_campus/campus_centro_historico.html e

http://www.cp2.g12.br/sobre_campus/campus_centro_historico.html. Acesso em: 10 maio 2016.

pois consideramos importante destacar nossas especificidades locais, sociais e econômicas para consolidação da nossa base conceitual.

Conforme já mencionado, os instrumentos de coleta de dados usados neste estudo foram: a observação e a entrevista. Sobre a importância da observação nas pesquisas, temos o seguinte esclarecimento:

A importância dessa técnica reside no fato de podermos captar uma variedade de situações ou fenômenos que não são obtidos por meio de perguntas, uma vez que, observados diretamente na própria realidade, transmitem o que há de mais imponderável e evasivo na vida real. (CRUZ NETO, 2003, p. 59).

Através das observações foi possível examinar como o ambiente e o comportamento dos profissionais atuando na biblioteca favorecem, ou não, a prática de atividades que possibilitem o desenvolvimento da Competência em Informação nos educandos. A interação entre profissionais e os alunos e a interação entre alunos foram aspectos destacados no processo de observação.

O método de observação adotado foi o não participante e nesta atividade foram contempladas questões ambientais e comportamentais, como segue (para maiores detalhes ver APÊNDICE A):

- ✓ Ambiente externo da biblioteca - sua localização dentro da unidade escolar, as condições de acesso e a sinalização para a biblioteca;
- ✓ Ambiente interno da biblioteca - presença de sinalização dos espaços, o mobiliário, equipamentos e tecnologias disponíveis, o uso de materiais de divulgação de atividades desenvolvidos na biblioteca, a decoração do ambiente, as condições de conservação, climatização e limpeza;
- ✓ Outros ambientes da biblioteca - a existência ou não de espaços reservados para leitura, estudos individuais e em grupo, e outras atividades;
- ✓ Características dos usuários, da equipe da biblioteca e a interação entre eles - quais os tipos de usuários que frequentam a biblioteca, como os usuários utilizam os espaços disponibilizados, como os usuários interagem com o acervo, como se dá a interação entre usuários-usuários e usuários-profissionais, e também quais os contextos que ocorrem essa interação.

A entrevista semiestruturada foi o método adotado neste estudo para a coleta de dados junto aos bibliotecários das unidades. No *campus* Centro, a equipe conta com dois bibliotecários, e a equipe do *campus* São Cristóvão II com três. Foram entrevistados apenas

quatro bibliotecários, dois de cada unidade. Um dos bibliotecários não aceitou participar do estudo. Os entrevistados foram identificados neste estudo por letras e números (B1, B2, B3 e B4).

As questões abordadas na entrevista (ver APÊNDICE B) foram divididas em seis blocos. Através das perguntas que orientaram as entrevistas, buscamos investigar o quanto o bibliotecário está envolvido no processo de desenvolvimento de aspectos da Competência em Informação dos educandos, e quais as práticas adotadas que contribuem para o desenvolvimento das características definidas pela ALA (2000) para educandos competentes informacionalmente (determinar, acessar, avaliar, integrar, usar informação, e compreender as questões que envolvem esse processo).

No primeiro bloco de perguntas, focamos na caracterização do uso e dos usuários da biblioteca, para determinar quais atividades a biblioteca é usada por seus frequentadores, quais os interesses dos grupos que buscam a biblioteca e se há predominância no uso individual ou em grupos. Conforme mencionado pela literatura, o trabalho em grupo é um dos aspectos da Competência em Informação a ser enfatizados na atualidade.

No segundo bloco, investigamos se há procura da biblioteca para fazer pesquisa, quais as solicitações dos alunos aos bibliotecários ao realizar a pesquisa, quais os recursos que a biblioteca oferece para essa atividade, qual a contribuição do bibliotecário no processo de pesquisa escolar dos alunos, qual a receptividade dos alunos à interferência do bibliotecário, quais as dúvidas mais recorrentes, e como os alunos lidam com a tarefa de pesquisar.

No conjunto de temas abordados neste bloco, buscamos evidências sobre as ações que caracterizem o uso da biblioteca para a pesquisa, assim como o trabalho de mediação do bibliotecário nas atividades de pesquisa. Em outras palavras, buscamos indícios de que os aspectos da Competência em Informação enfatizados pelos autores, como Bruce (1997) e outros, estão sendo focalizados nas atividades da biblioteca: como acessar, determinar e avaliar as informações necessárias à resolução das questões estabelecidas pelos alunos em suas pesquisas.

O terceiro bloco de questões trata das atividades que visem à familiarização do usuário com a biblioteca e seus recursos, quais as atividades e programas que a biblioteca oferece para proporcionar aos alunos melhor conhecimento sobre o espaço e recursos, a quem são oferecidas essas atividades, com que frequência são oferecidas e quais os resultados alcançados com as atividades. As perguntas buscam indícios de como a BE contribui para a autonomia informacional do usuário, uma dimensão da Competência em Informação também enfatizada pela literatura.

Investigamos neste bloco de questões especificamente o oferecimento de treinamento no uso da biblioteca, tanto do acervo quanto envolvendo o uso do computador. Enfatizamos também como os profissionais veem o retorno dado pelos alunos e se buscam registrar os resultados alcançados.

O uso da biblioteca pelos professores e a parceria bibliotecário-professor foi o foco do quarto bloco de perguntas, através do qual almejamos apurar se essa parceria tem sido consistente, quais as suas características e como está contribuindo para beneficiar os alunos no processo de aquisição de Competência em Informação. Para isso, procuramos caracterizar o uso da biblioteca pelos professores, qual frequência do seu uso, qual a demanda dos professores aos bibliotecários, quais as parcerias feitas entre professores e bibliotecários em atividades desenvolvidas no espaço da biblioteca, qual o envolvimento dos bibliotecários em reuniões de planejamento pedagógico, qual o envolvimento de professores no desenvolvimento do acervo.

Nos momentos finais da entrevista, buscamos apurar dados sobre a conscientização do bibliotecário em relação à importância da Competência em Informação no processo de ensino-aprendizagem dos usuários da biblioteca e quais as suas opiniões sobre os meios para melhorar a participação da biblioteca e de seus profissionais nesse processo.

Buscamos, neste bloco, ainda, identificar as opiniões dos bibliotecários entrevistados sobre tipos de medidas que podem contribuir para melhorar a atuação da biblioteca, especificamente no desenvolvimento da Competência em Informação de alunos e professores. Indagações também foram feitas para obter opiniões sobre a situação atual e possibilidades de melhoria na interação dos profissionais da biblioteca com o corpo docente; assim como sobre a interação entre as bibliotecas que compõem o sistema de bibliotecas do CPII.

O último momento da entrevista foi reservado para as características dos profissionais entrevistados, visando identificar aspectos da sua formação e experiência profissional, aspectos que podem ajudar a explicar diferenças na conscientização e na atuação dos profissionais no sentido de contribuir efetivamente para a Competência em Informação dos alunos.

6 LEVANTAMENTO E ANÁLISE DOS DADOS

Esta seção dedica-se à apresentação dos dados levantados ao longo do trabalho de campo desta pesquisa. Inicialmente, serão apresentados os dados obtidos através da observação das bibliotecas pesquisadas, e, na sequência, dados das entrevistas realizadas com os bibliotecários das unidades selecionadas. No final das seções, serão apontadas as considerações a respeito dos dados obtidos.

A apresentação da observação está sistematizada em duas categorias: 1) observação do ambiente e 2) observação das ações e interações. Os dados das entrevistas foram divididos em cinco categorias que seguem a estrutura do questionário, buscando identificar a atuação da biblioteca no desenvolvimento da Competência em Informação do usuário: 1) caracterização do uso e do usuário; 2) a mediação do bibliotecário na atividade de pesquisa; 3) as atividades de familiarização do usuário com a biblioteca e seus recursos; 4) o uso da biblioteca pelos professores e parcerias bibliotecário-professor; e 5) opiniões e sugestões.

As observações foram feitas durante dois dias dos meses de outubro e novembro de 2015, nos dois turnos de funcionamento das bibliotecas. Os responsáveis foram informados dos objetivos da pesquisa e houve bastante receptividade nos dois *campi* em estudo.

As entrevistas foram realizadas, no período de novembro e dezembro de 2015, com 4 bibliotecários responsáveis cada um por um dos turnos nos dois *campi*. Também consideramos que houve bom acolhimento por parte desses profissionais para a concessão das entrevistas.

6.1 A OBSERVAÇÃO

Na sequência seguem as informações levantadas através das observações feitas nas bibliotecas das unidades Centro e São Cristóvão II. Primeiramente, serão apresentados os dados relacionados ao ambiente físico, e, na sequência, os dados relacionados à interação dos usuários e equipe e das ações desenvolvidas nas bibliotecas.

6.1.1 A biblioteca do *campus* Centro

a) Observando o ambiente

Ao visitarmos a biblioteca do CPII *campus* Centro, a primeira impressão que se tem é de deslumbramento, o prédio histórico que a abriga, a escadaria externa que dá acesso à sua entrada, o mosaico que há no *hall* de entrada da biblioteca e o seu ambiente histórico impressionam.

A biblioteca fica no primeiro andar do prédio histórico, localizado na avenida Mal. Floriano e funciona de segunda-feira a sexta-feira, de 07h às 22h, e aos sábados, de 07h às 17h. A equipe é formada por dois bibliotecários (um chefe); dois assistentes administrativos; um técnico e um funcionário terceirizado. A atuação da equipe é dividida em turnos: dois funcionários pela manhã, três no turno da tarde e um no turno da noite.

O salão onde se situa a biblioteca é mobiliado apenas com mesas para grupos de seis pessoas. Não há espaços reservados para estudo individual, não há computadores para uso dos frequentadores, não há sinal de internet *wifi*, os cartazes apontam muitas restrições e o silêncio é exigido. Existem dois computadores para uso da equipe, um no setor de referência e outro em uma mesa no fundo da biblioteca, onde é feito o processamento técnico das obras do acervo.

A imponência da biblioteca contrasta com algumas incidências de descuido. Percebemos infiltrações, ares condicionados quebrados, ventiladores barulhentos e o som do apito constante do guarda de trânsito no cruzamento onde fica localizado o prédio no centro financeiro da capital do Rio de Janeiro. A iluminação inadequada dificulta a leitura, e, ao entardecer, o ambiente fica ainda mais escuro.

Apesar de estar localizada bem na entrada do Colégio, a sinalização em relação à localização do espaço é precária e pode passar despercebida. A respeito da questão da acessibilidade para portadores de deficiência física, não há rampa; no entanto, é possível acessar o segundo pavimento, onde o espaço se encontra, usando o elevador, mas um degrau relativamente alto impede o acesso de cadeirantes.

Na parte interna da porta, há um cartaz relembrando as regras da biblioteca (proibido comer, beber, ocupar mais do que seis lugares nas mesas, confeccionar cartazes e trabalhos de corte, colagem e pintura, portar mochilas e circular ou ficar em pé ao redor das mesas), e outro pedindo respeito e atenção às regras.

O setor de referência, à direita da porta de entrada, é composto por uma mesa grande em forma de “L” onde ficam: um computador para uso dos funcionários, um livro de controle de entrada de usuários e folhetos sobre violência contra mulher. Estantes com obras de referência completam o setor.

À esquerda da porta, há um expositor com edições de jornais do dia – O Globo e Folha de São Paulo –, um conjunto de estantes com o acervo de literatura infanto-juvenil e o guarda-mochilas.

Seguindo o setor de referência, ficam expositores com novas aquisições de literatura, outro com revistas (Época, Galileu, Mundo Estranho, Gibis e Guia do Estudante), e os catálogos manuais de literatura e de obras gerais.

A disposição dos móveis caracteriza os diversos setores da biblioteca, apesar de não haver paredes delimitando os espaços. O espaço de leitura possui nove mesas retangulares para grupos de seis. O mobiliário é novo; no entanto, pouco confortável e não há espaços para estudo individual.

O acervo, que visa atender alunos do 6º ano do Ensino Fundamental ao 3º ano do Ensino Médio, está organizado em estantes novas, as obras são classificadas de acordo com a Classificação Decimal de Dewey (CDD) e é de acesso livre aos usuários. É composto por livros didáticos, literatura em português, inglês, francês e espanhol, revistas, gibis, *mangás*, obras de referências e obras de assuntos gerais.

A sinalização é feita através de etiquetas coladas nas estantes. As aquisições mais recentes ficam em estante destacada. As estantes de gibis, *mangás* e revistas são as primeiras a serem vistas ao entrarmos na biblioteca. O acervo infanto-juvenil fica em estantes separadas e há também uma estante e um expositor dedicados aos materiais voltados para o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM).

As etiquetas de identificação localizadas nas lombadas dos livros não possuem o tradicional número de classificação da obra, e sim etiqueta contendo letras que representam o gênero ou disciplina a que se referem – matemática (M), romance (R), terror (T) e outros.

Os catálogos ainda são manuais; o catálogo de obras gerais tem chamada para autor e título e o de literatura infanto-juvenil tem chamadas para autor, título e assunto. A informatização dos catálogos da rede de bibliotecas do Colégio está em andamento. Nas estantes, há cartazes chamando atenção para o prejuízo que o furto de livros causa ao acervo e aos usuários e uma lista com os códigos CDD.

b) Observando ações e interações

A equipe oferece atendimento regular aos alunos, no entanto, demonstrou-se pouco acolhedora. Apesar disso, parece bem integrada, criando momentos de interação e descontração entre os profissionais. Percebemos também que mantém um relacionamento amistoso com outros membros do corpo de funcionários do Colégio, que estiveram na biblioteca para conversar.

Pudemos verificar, durante a observação, que a biblioteca estava na maior parte do tempo vazia, poucos alunos estiveram lá. Os que estiveram na biblioteca foram para estudar, cochilar, bater papo, folhear jornal ou usar o celular, aparentemente aproveitavam o ar-condicionado que funcionava. Um grupo buscava um espaço para fazer um trabalho em grupo com cartolina, tesoura e cola e foram impedidos, pois uma das regras proíbe o uso desses materiais na biblioteca.

Percebemos, durante o período que estivemos presente na biblioteca, que os acervos de literatura e quadrinhos foram os mais acessados por alunos que aparentavam ser das séries iniciais do segundo segmento do Ensino Fundamental. Notamos que os alunos do Ensino Médio procuraram a biblioteca para estudar, usando seu próprio material para essa atividade.

Observamos que o número de alunos devolvendo obras foi bastante expressivo, podendo indicar a preferência pela leitura fora da biblioteca, visto que o ambiente é pouco iluminado, pouco aconchegante e desconfortável. Nenhuma atividade diferenciada — como atividades de incentivo à leitura, debates ou algum tipo de treinamento — foi desenvolvido durante o período de permanência na biblioteca.

6.1.2 A biblioteca do *campus* São Cristóvão II

a) Observando o ambiente

A biblioteca Professor Francisco Pinheiro Guimarães, mais conhecida como “Biblioteca do Pedrão”, chama atenção pelo seu tamanho. Ela está situada num espaço amplo, no segundo pavimento do *campus* São Cristóvão II e seu acesso se dá através de rampas. Fica ao lado da quadra de esportes e da pista de atletismo, em frente a um grande pátio onde os alunos circulam durante os intervalos de aula e horários de entrada e saída. Não há sinalização sobre a localização da biblioteca.

O horário de funcionamento é de 07h30 às 18h, de segunda-feira a sexta-feira, e aos sábados, de 07h30 às 15h. A equipe é formada por três bibliotecários (um chefe); três assistentes administrativos e dois auxiliares de biblioteca. O funcionamento é dividido em dois turnos e a equipe dividida em quatro funcionários por turno.

O ambiente amplo, fresco e iluminado contrasta com o pouco conforto, com o mobiliário antigo e desgastado, com a falta de estrutura elétrica, com a decoração simples e pouco alegre; dois confortáveis sofás amenizam o desconforto e trazem descontração ao ambiente.

A entrada da biblioteca é feita através de uma grande porta de vidro. Perto da entrada, do lado externo da biblioteca, ficam os armários para a guarda de mochilas e uma sala de uso do Grêmio Estudantil. Nesse espaço, encontramos frequentemente alunos sentados no chão conversando, lendo, jogando ou tocando violão. A porta é adequada para entrada de cadeirantes, mas não há piso guia para cegos.

Na parte externa da biblioteca há um *display* para avisos. Na ocasião da observação, havia um cartaz de um evento de quadrinhos que estava acontecendo na biblioteca. Há também aviso sobre a programação do Grêmio Estudantil, e uma estante de livros coletivos instalada pelo Grêmio.

Junto à porta de entrada, há um “Pegue e Leve” da biblioteca com diversas revistas. Nesta porta ficam colados avisos sobre o horário de funcionamento da biblioteca, horário dos funcionários por turno, sobre a obrigatoriedade do uso do uniforme escolar nas dependências do Colégio, e sobre as proibições na biblioteca.

O balcão de referência fica à direita da entrada, onde ficam os funcionários em mesas com computadores, uma estante com obras de referência e uma coleção de quadrinhos. Sob o balcão, um livro para controle de entrada de usuários.

Há avisos sobre a proibição do uso de tesoura, cola, mochilas e alimentos no interior da biblioteca, sobre a criminalização do mau tratamento ao funcionário público no exercício da função. Nas costas de um computador há um aviso com endereço do blog da biblioteca (bibliotecadopedrao.weebly.com).

Compondo o espaço de referência, há, também, uma mesa com exemplares de livros e revistas para os alunos e um aviso que proíbe a leitura dessas obras nos sofás: o uso deve ser feito apenas nas mesas.

Ao lado esquerdo da porta, há um expositor com periódicos, cartazes com os eventos da rede Pedro II, quatro computadores para uso dos alunos e um espaço para os funcionários, formado por uma pequena copa e um local para trabalho.

A delimitação de espaços entre balcão de referência e salão de leitura é feita pelo mobiliário. O espaço de leitura possui dois sofás, três mesas para grupo de seis pessoas e dez mesas para grupos de quatro; conta com duas estantes exppositoras de novas aquisições de obras da literatura infanto-juvenil e mesas retangulares para uso individual ou em grupo. Sobre as mesas ficam alguns livros expostos para uso dos frequentadores.

O acervo da biblioteca Central é voltado para o segundo seguimento do Ensino Fundamental, está classificado de acordo com a CDD e organizado em estantes baixas com

três prateleiras. Os livros didáticos também ficam em local acessível, separados por ano (série) e disciplina. As aquisições mais recentes ficam em estante destacada.

Há estantes de periódicos, como a Revista Geográfica Universal, livros em outros idiomas, arte e música, também livros de história geral africana e indígena. A sinalização é feita através de etiquetas coladas nas estantes.

Esse acervo é de acesso e uso livre dos frequentadores. Há também um acervo de uso restrito – o acesso só é feito com a presença de um funcionário. Nesse acervo estão obras raras e de outras áreas, herdadas de outras unidades. O catálogo ainda é manual com chamada para autor e título e fica na parte restrita do acervo; a informatização dos catálogos está em andamento.

A biblioteca possui quatro computadores para uso dos alunos com conexão à internet e, de acordo com avisos afixados nos equipamentos, só devem ser utilizados para assuntos relacionados à vida escolar, por um período de 20 minutos e de forma individual; para um tempo maior é necessário solicitar autorização aos funcionários. É requisitado o uso de senha e cadastro do usuário junto aos funcionários.

b) Observando ações e interações

Conforme já mencionado, as observações foram feitas durante dois dias nos dois turnos de funcionamento da biblioteca. Durante o período da manhã, percebeu-se significativa circulação de alunos que, ao consultarem as estantes, mostraram total intimidade com o acervo. Aqueles que estiveram na biblioteca para usarem os computadores, o fizeram de forma independente; em poucas ocasiões houve solicitação de auxílio à equipe, que se dedicava aos trabalhos técnicos, à arrumação do acervo e a chamar atenção para as regras de conduta.

A interação entre a equipe de profissionais da biblioteca do turno da manhã não demonstrou momentos de descontração, aparentemente tratavam basicamente de assuntos profissionais. No momento da troca de turnos das equipes, também notamos pouca interação entre elas.

No turno vespertino, os momentos de interação descontraída foram mais perceptíveis, tanto entre alunos e membros da equipe, quanto entre membros da equipe. Alunos sendo chamados pelo nome, alguns bate-papos entre funcionários e alunos. Os serviços técnicos seguiam normalmente, porém a atenção ao usuário era prioridade. Havia certa animação, na ocasião, devido a um evento organizado pela biblioteca: “Desvendando quadrinhos com as Ciências Sociais”.

O evento destinava-se a discutir com os estudantes do Ensino Fundamental e Médio, os conceitos de preconceito, estereótipo, racismo e discriminação, tendo como cenário as histórias em quadrinhos. O evento ocorreu em parceria com professores das Ciências Sociais, sendo que, para essa atividade, foi designado um espaço para debate dentro da biblioteca.

O movimento de alunos no turno da tarde foi grande, sem muitas solicitações deles à equipe da biblioteca. Pudemos perceber, através da observação, que os acervos mais procurados foram os de literatura; o uso do computador pelos alunos ocorreu de forma independente, e não notamos solicitações de auxílio à equipe. Durante o período de observação, não houve visitas de outros membros do corpo escolar além do alunado à biblioteca.

6.1.3 Considerações sobre as observações

A partir da observação, encontramos evidências de que a biblioteca do CPII do *campus* Centro é um ambiente pouco acolhedor para seus frequentadores, isento de decoração dedicada ao público a que atende — crianças a partir dos 10 anos de idade. Essa característica vai de encontro ao proposto por autores como Andrade (2008), Côrte e Bandeira (2011) e Maroto (2012) que definem a BE como espaço lúdico que deve ser receptivo para proporcionar o desenvolvimento linguístico, cultural e cognitivo dos educandos.

A falta de espaço específico para trabalhos e discussões em grupo, as proibições existentes no espaço a respeito do uso de certos materiais (cola, cartolina e tesoura), e as restrições de silêncio dificultam as trocas de ideias e o compartilhamento de informações no ambiente.

A “Biblioteca do Pedrão” possui limitações semelhantes à do *campus* Centro, como problemas de manutenção, falta de espaços específicos para estudo em grupo, mobiliário desconfortável e desgastado. Também não são permitidos o uso de materiais como cola e tesoura.

Podemos, assim, depreender que os ambientes não se mostraram favoráveis para a prática de atitudes que contribuiriam para o desenvolvimento aspectos da Competência em Informação, como as discussões e trocas de ideias que surgem durante a execução de trabalhos em grupo e auxiliam os alunos a compartilharem estratégias de acesso e avaliação de fontes informacionais, táticas e uso e integração de informações – favorecendo o aprender a aprender.

Se considerarmos o conceito de Biblioteca Escolar como um laboratório de aprendizagem, como enfatizam autoras como Campello (2013) e Durban Roca (2012), onde a experimentação leva à aquisição de competências, e o intercâmbio de informações proporciona a ampliação dos estoques de conhecimento favorecendo ao aluno a apropriação do seu próprio processo educacional. O que foi observado na biblioteca do Centro não mostra atenção a essa função da biblioteca.

A partir das observações do ambiente da biblioteca do *campus* Centro, também foi possível perceber que o uso predominante do espaço é para atividades de leituras, o que vai ao encontro de pesquisas da área indicando que a Biblioteca Escolar ainda não está integrada no processo de ensino-aprendizagem de forma proeminente.

No *campus* SCII, podemos perceber que a presença de computadores com acesso à internet amplifica a utilização do espaço. Há procura da biblioteca para o uso desses computadores, além do acervo de literatura.

O evento “Desvendando quadrinhos com as Ciências Sociais” abriu o espaço para debate entre os professores, colegas e equipe da biblioteca. Consideramos que iniciativas como essa contribuem para que os frequentadores adquiram um novo ponto de vista a respeito do espaço – a biblioteca como espaço de convivência e troca de experiências – e também uma aproximação diferenciada com a equipe.

6.2 AS ENTREVISTAS COM OS BIBLIOTECÁRIOS

Nas entrevistas com os bibliotecários buscamos identificar atividades ou programas que fomentem nos alunos as características indicadas pela ALA (2000) para educandos competentes em informação, principalmente através dos processos que envolvem as atividades de pesquisa escolar. Nas seções que seguem, apresentaremos as respostas dos bibliotecários obtidas através das entrevistas, considerando as grandes temáticas abordadas conforme anteriormente mencionado.

6.2.1 Caracterização do uso e usuários da biblioteca

De acordo com os respondentes, a biblioteca do *campus* Centro é frequentada por alunos do segundo segmento do Ensino Fundamental e alunos do Ensino Médio. Os entrevistados consideraram – ao serem questionados sobre como caracterizavam o uso da biblioteca pelos seus frequentadores – que o uso necessita ser melhorado. Segundo eles, a

melhoria física do espaço, a autonomia financeira, a renovação do acervo e o aumento do número de funcionários, seriam condições necessárias para impulsionar a frequência de usuários, como vemos nas falas a seguir:

Já foi mais utilizada. Atualmente devido à perda da autonomia financeira da biblioteca, da falta de renovação do acervo (inclusive assinatura de periódicos) e das condições físicas do espaço (falta de ar-condicionado, iluminação deficiente, goteiras) e redução no número de funcionários, a frequência diminuiu consideravelmente. (B1)

Pode-se melhorar: mais incentivo, novos livros, maior conforto. (B3)

Em contrapartida, na “Biblioteca do Pedrão”, apesar do pouco conforto, alguns problemas estruturais e alguma defasagem no acervo, há uma frequência alta de usuários, “200 a 250 visitantes/dia” (B2) – sendo em sua maioria alunos do *campus*, e esse número quase dobra no período de provas, de acordo com os entrevistados.

Em relação ao uso da biblioteca, os entrevistados do *campus* Centro apontam a leitura, empréstimo, estudo e pesquisas como as atividades que mais levam os alunos ao espaço, como vemos nas seguintes falas: “[o espaço é utilizado] *Para leitura recreativa e estudos*” (B3). “[o espaço é utilizado para] *Empréstimo, leitura local (principalmente de gibis, revistas e jornais), pesquisas*” (B1).

No *campus* SCII, de acordo com os respondentes, as mesmas atividades levam os alunos à biblioteca, acrescentando-se o uso do espaço para convivência ou interação, como segue: “*O espaço é utilizado para trabalhos e estudos em grupo, leituras de lazer, estudo individual, pesquisas escolares (acervo e internet) e espaço de convivência/interação.*” (B2), “[o espaço é utilizado para] *Leitura recreativa, estudo para as disciplinas e pesquisa em computador*” (B4).

Os entrevistados de ambas as unidades, assinalam que os meninos são os maiores frequentadores da biblioteca, buscando o espaço para estudo individual, enquanto as meninas procuram o espaço para leitura e são as que mais emprestam obras de literatura. Deduzimos, então, que apesar da procura da biblioteca se dar a partir de várias necessidades, o uso para estudo e leitura ainda prevalecem, caracterizando, uma visão tradicional da biblioteca por parte dos alunos.

A partir das falas dos entrevistados no *campus* Centro, notamos que os aspectos físicos e materiais da biblioteca, como a falta de computadores, o pouco conforto, a falta de renovação do acervo, recursos humanos insuficientes e as condições físicas inadequadas tornam o ambiente pouco atrativo aos frequentadores; isso se reflete no potencial da biblioteca

em fazer parte do processo educacional dos alunos e no desenvolvimento de Competência em Informação que a BE pode oferecer.

6.2.2 Mediação do bibliotecário nas atividades de pesquisa escolar

Segundo o depoimento dos entrevistados do *campus* Centro, os alunos vão à biblioteca para pesquisar em períodos de averiguação ou quando há exigência dos professores; eles contam com o acervo e a orientação dos profissionais bibliotecários para as pesquisas escolares, já que não dispõem de computadores para consulta. Conforme os bibliotecários, os alunos recorrem a eles quando têm dúvidas relacionadas ao trabalho de pesquisa escolar e as indicações e interferências são bem aceitas.

Uma das maneiras de auxiliar os alunos nos trabalhos de pesquisa escolar, como os bibliotecários nos informam, seria através de indicação de obras aos alunos, de acordo com seus conhecimentos do acervo, além da possibilidade de fornecer informações sobre a relevância do autor da área, e da identificação das obras mais recomendadas pelos professores e das mais requisitadas pelos alunos. Segundo um respondente: *“Normalmente indicamos as obras mais bem comentadas e solicitadas tanto pelo alunato quanto pelos professores.”* (B3)

Outra forma de auxiliar os alunos – na opinião dos entrevistados – é separar materiais do acervo com antecedência para uso dos alunos e selecionar materiais na internet e disponibilizá-los para consulta: *“Nós separamos todo o material com potencial para seus estudos com antecedência.”* (B3). Um dos entrevistados mostra o seu empenho nesse processo de obtenção do material para os alunos:

[...] como nem sempre dispomos de um quantitativo de livros para atender a uma mesma pesquisa, fazemos um levantamento em todo o acervo [...] separamos esse material, apenas para consulta na biblioteca; assim, nenhum aluno fica sem informação. No caso de, ainda assim, o material ser insuficiente, fazemos busca na internet, selecionamos o material, imprimimos e disponibilizamos para xerox. (B1)

De acordo com os entrevistados, as dúvidas mais frequentes dos alunos referem-se à definição dos termos para busca, determinação do assunto de pesquisa e uso dos catálogos existentes na biblioteca. Como vemos nas seguintes falas: *“As dúvidas mais frequentes são sobre a definição dos termos de busca, do uso dos catálogos e a localização dos livros nas estantes.”* (B1). *“[As dúvidas mais frequentes são] Com relação a determinado assunto e à sua identificação nas obras existentes.”* (B3).

Um procedimento anteriormente utilizado para auxiliar o aluno a despertar seu interesse para as questões de pesquisa e uso da biblioteca – mas descontinuado com o passar do tempo, segundo um dos respondentes – era a disponibilização de três folhetos explicativos sobre: como usar a biblioteca, como encontrar informação e como fazer uma pesquisa. Mesmo não sendo mais uma prática utilizada na biblioteca, alguns panfletos foram disponibilizados para nosso estudo, abaixo segue a descrição dos mesmos.

No folheto “Uso de Bibliotecas” (ANEXO A), há instruções básicas como a definição de biblioteca, os tipos, como são organizadas, o que há nelas e como usar um catálogo. Com essas instruções os alunos podem circular não só pela biblioteca do Colégio, mas por qualquer outra unidade.

“Onde encontrar a informação que preciso?” (ANEXO B) é o tema do segundo folheto; nele encontramos explicações de como usar as principais obras de referência: dicionários, enciclopédias, biografias, e ainda como escolher a obra adequada para cada tipo de necessidade informacional.

O terceiro folheto, “Como fazer uma pesquisa” (ANEXO C), auxilia o aluno com instruções de como definir o assunto a ser pesquisado, definir a qual área ele está ligado e quais os aspectos do assunto são pertinentes a sua pesquisa. Também indica o caminho para escolher fontes, organizar o material e apresentar o resultado final.

Consideramos que esses instrumentos auxiliam para o desenvolvimento de Competências em Informação do alunado, favorecendo a autonomia para que executem as atividades de pesquisa. Os folhetos abordam questões que estão ligadas aos aspectos da Competência em Informação apontadas pela ALA (2000) e outros autores, como determinar, acessar e avaliar as informações necessárias à resolução das suas questões.

Os bibliotecários da “Biblioteca do Pedrão” percebem que os alunos possuem preferência pelas pesquisas na internet e não solicitam tanto o auxílio dos bibliotecários. Eles apontam também que a procura da biblioteca para pesquisa vem aumentando com a presença dos computadores.

Desde que disponibilizamos computadores para os usuários, o uso da biblioteca para pesquisa escolar tem aumentado. É uma tecnologia que desperta interesse das crianças e para que elas façam bom uso é bom incentivarmos e orientarmos. (B4)

Há uma preferência dos alunos pelo uso da internet para realização de pesquisas. (B2)

Os respondentes declaram que, mesmo com as poucas solicitações de ajuda aos bibliotecários, a equipe está sempre atenta às necessidades dos usuários e buscam mostrarem-

se disponíveis – perguntando se precisam de auxílio, se conhecem as fontes, por exemplo – para aqueles que não se sentem à vontade em pedir auxílio.

Entre as dúvidas dos alunos, apontadas pelos entrevistados, relacionadas às buscas de informações disponíveis na rede, destaca-se: como identificar as fontes confiáveis – um dos aspectos da Competência em Informação – dificuldade esta que se estende às obras impressas:

No geral auxiliamos no uso de fontes de informações confiáveis na internet, programas de computador e as próprias obras da biblioteca. (B4)

Ainda sobre as solicitações feitas pelos alunos estão: a definição do assunto a ser pesquisado; a relação entre tema e áreas do conhecimento; e o significado dos termos a serem buscados. São dificuldades recorrentes dos alunos ao utilizarem o acervo, segundo os entrevistados:

Em alguns casos percebemos que os alunos não compreenderam corretamente o que o professor pediu, então fazemos eles entenderem a pesquisa para facilitar a busca. (B4)

Quando utilizam o acervo, talvez a maior dificuldade seja em relação à pesquisa inicial, principalmente quando necessitam utilizar material de referência. Não é raro o aluno que não sabe como consultar um dicionário ou enciclopédia impressos. (B2)

Geralmente quando eles não possuem nenhuma noção sobre o assunto que desejam pesquisar. Por exemplo, já atendemos um aluno que não sabia em que livro poderia encontrar informações sobre os modernistas para um trabalho de História, uma vez que relacionava o termo apenas à literatura. (B4)

Os depoimentos acima mostram que os bibliotecários estão capacitados e de fato atuam no auxílio ao processo de pesquisa, contribuindo para a Competência em Informação dos alunos. Os depoimentos, por outro lado, revelam que os alunos apresentam dificuldades que sugerem que o seu treinamento para a atividade de pesquisa, incluindo especificamente o uso da internet para essa finalidade, não é feito sistematicamente na sala de aula ou em outro ambiente escolar.

Ao ponderarmos sobre a dificuldade dos alunos em utilizar o acervo físico, percebemos que ela se reflete nas buscas por informação na internet. Assim como as dificuldades no uso da rede influenciam no uso da informação impressa, a rede tem ainda um agravante: os mecanismos de busca disponíveis dão opções de termos para definir o assunto da pesquisa, o que poderia facilitar a vida do aluno-pesquisador. Entretanto, essa sugestão pode até dificultar o processo de pesquisa do aluno destreinado, pois este, por não possuir

discernimento crítico para determinar e selecionar os termos e fontes de informação adequadas aos seus propósitos, não saberá utilizar adequadamente as opções fornecidas.

Para auxiliar o educando em suas dúvidas, a equipe busca demonstrar maneiras de reconhecer fontes e autoridades na área do assunto a ser pesquisada, qualidade, atualidade e fidedignidade das fontes. No entanto, o trabalho é feito individualmente e os alunos que não buscam o auxílio da equipe não adquirem esses conhecimentos. Como veremos nas falas a seguir:

No momento que o usuário nos aborda, perguntamos primeiramente se ele tem preferência por algum autor ou se o professor indicou algumas referências. Não sendo o caso ou havendo necessidade de complementar a pesquisa, apresentamos fontes que possam atender à necessidade ou, utilizando o conhecimento do usuário com nossa habilidade para pesquisa, encontramos as principais fontes e autoridades na área. (B4)

Quando nosso auxílio é solicitado, selecionamos três ou mais fontes, se disponíveis, e as apresentamos ao usuário. Eu, particularmente, costumo destacar as diferenças que sejam mais claras entre os materiais, como linguagem utilizada, data de publicação ou autor mais reconhecido na área, deixamos a escolha final para o usuário. (B2)

Consideramos que as técnicas de auxílio, que os bibliotecários usam para despertar nos alunos questões relacionadas à seleção de fontes confiáveis, qualidades e atualidade de fontes informacionais, contribuem para desenvolver aspectos relacionados à Competência em Informação nos alunos, auxiliando-os a avaliar e determinar as informações necessárias à resolução do seu problema. Essas mediações, entretanto, não parecem estar sistematicamente integradas no processo de ensino-aprendizagem do Colégio.

6.2.3 Atividades de familiarização do usuário com a biblioteca e seus recursos

Na biblioteca do *campus* Centro, a apresentação do espaço é feita para a comunidade escolar e para o público geral. A apresentação é feita aos alunos novos e àqueles que estão nas séries iniciais, aos professores, nas reuniões pedagógicas e de pais. *Folders*, cartazes, murais e eventos também fazem parte dos métodos de apresentação e divulgação da biblioteca. O público em geral encontra informações sobre a biblioteca no site institucional. Como nos esclarecem os entrevistados:

Apresentação da biblioteca aos alunos novos e das séries iniciais (6º ano do EF e 1ª série do EM); divulgação dos serviços da biblioteca em reuniões pedagógicas e oferecimento de parceria para atividades; participação em reuniões de pais; divulgação no site do *Campus*; *folder* com informações sobre a biblioteca e os serviços oferecidos; mural e cartazes com lista de

novas aquisições e “pacotes” de empréstimo especial (férias, p. ex.); feira de livros e eventos diversos. (B1)

Conforme nos informam os entrevistados do *campus* São Cristóvão, as atividades de familiarização com a biblioteca praticamente não existiam até pouco tempo; as poucas que existiam estão sendo aos poucos reativadas e outras estão em fase de discussão.

Um dos entrevistados enumerou essas iniciativas de apresentação do espaço; entre elas estão o uso de um *blog* como canal de comunicação oficial com o público, o uso do site institucional e visitas guiadas:

1 – Reativação do *blog* Biblioteca do Pedrão. Se antes o *blog* era iniciativa pessoal de uma servidora lotada na biblioteca, atualmente ele serve como canal oficial de comunicação com nossos usuários e é bastante utilizado para divulgar nossos eventos, novidades e quaisquer outros itens que possam ser de interesse do nosso público.

2 – Uso da página oficial do *campus* SCII, ao qual estamos administrativamente subordinados, para divulgação de nossas iniciativas aos professores, alunos, pais e responsáveis. Esta mesma divulgação ocorre nos murais disponíveis nos espaços comuns e de circulação do *campus*.

3 – Também passamos a oferecer visitas guiadas ao nosso acervo, que por ter uma área restrita ao público, sempre causou bastante curiosidade entre os alunos. Aproveitamos a oportunidade e explicamos sobre sua formação, qual o tipo de material disponível e conscientizamos sobre o uso correto e conservação do mesmo, além de apresentarmos curiosidades sobre nosso espaço, sua história e funcionamento.

4 – As visitas também são realizadas em parceria com projetos especiais realizados no complexo São Cristóvão, sejam eles voltados para o público interno ou externo. (B2)

A visita guiada, citada pelo respondente, aconteceu em apenas uma ocasião – até o momento da entrevista –, mas podem ser realizadas através de solicitação de interessados durante o ano letivo. Sobre o foco dessas atividades, um dos entrevistados nos esclarece que a equipe busca sensibilizar os alunos sobre a importância do acervo e do espaço como um todo para a vida escolar deles, e busca, ainda, maneiras de transformá-los em aliados na defesa do espaço junto à comunidade escolar.

Com os professores, um dos respondentes nos diz que a equipe procura enfatizar, nas visitas, que a biblioteca necessita ser considerada uma extensão da sala de aula, envolvendo-a em atividades colaborativas e no apoio às aulas. Essas iniciativas são importantes e estão apenas no início. Em longo prazo, segundo ele, toda a comunidade estará conscientizada da importância da biblioteca no universo escolar.

No *campus* do Centro, não há atividades ou programas para familiarização do usuário com os recursos eletrônicos e disponíveis através da internet, pois, como observamos, não existem computadores disponíveis para os usuários.

No *campus* SCII, quatro computadores estão disponíveis para uso do público; através destes equipamentos, os frequentadores têm acesso ao Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), ao acervo da Fundação Dorina Nowill para Cegos e a outros sites dedicados a conteúdos relacionados à Educação. No entanto, não há treinamentos para uso desses recursos informacionais, como nos esclarecem os entrevistados.

6.2.4 O uso da biblioteca pelos professores e parcerias bibliotecário-professor

No *campus* Centro, a equipe considera a biblioteca subutilizada pelos professores da unidade, que a procuram apenas esporadicamente, e nem sempre para apoio às suas atividades didáticas, mas para coletar informações de apoio para suas pesquisas de pós-graduação, para sua disciplina ou para usar o espaço físico da biblioteca, como descrevem os relatos a seguir:

O professor ainda subutiliza os serviços da biblioteca, subestimando, por vezes, seu potencial no processo de ensino-aprendizagem. (B1)

[Os professores pedem] Levantamento bibliográfico de assuntos específicos, principalmente de sua disciplina, e de interesse particular (normalmente para apoio ao mestrado ou doutorado), pedido e/ou indicação de livros para compra, uso do espaço para aula, encontro com autores, exposições, lançamentos de livros, premiações. (B1)

[Os professores nos procuram para] Separação de materiais, uso do espaço, e pesquisa direta no acervo. (B3)

Ao serem questionados sobre as razões que levariam ao pouco uso da BE pelos professores, os bibliotecários apontam principalmente a falta de tempo, o desconhecimento do potencial educativo do espaço e o fato de não terem sido estimulados a frequentar bibliotecas durante sua formação, e também pela sobrecarga de trabalho com diferentes turnos e/ou escolas, como causas da pouca procura do espaço pelos professores.

Acho que pelo fato de ele mesmo ter pouca familiaridade e/ou uso de bibliotecas (talvez até, neste sentido, por falha na sua própria formação escolar/acadêmica) e desinformação dos serviços oferecidos e seu potencial de interação. (B1)

[O professor usa pouco a biblioteca] por razões de escassez de tempo – correria na troca de escolas. (B3)

Sobre as parcerias feitas com o corpo docente do CPII, os entrevistados apontaram que o pouco conhecimento e uso dos serviços oferecidos pela biblioteca pelos professores refletem nas parcerias entre a biblioteca e o corpo docente que tendem a se restringir a atividades de promoção da leitura.

Já realizamos parcerias como lançamentos de livros, renovação do acervo de uma determinada área do conhecimento; a vinda de autores, feira de livros e gibis; exposição de trabalhos; semana da cultura. (B3)

Normalmente para eventos e, ocasionalmente, alguns projetos de leitura. (B1)

No *campus* Centro, há participação de representantes da biblioteca em reuniões de planejamento pedagógico. Segundo um dos entrevistados, a direção da unidade dá voz para que esse representante apresente a biblioteca, proponha projetos e parcerias, e mostre aos professores as diversas possibilidades de colaboração do espaço no processo educacional dos alunos:

[Nas reuniões é feita a] Apresentação da biblioteca, divulgação dos serviços oferecidos e projeções de projetos a serem desenvolvidos, encaminhamento e recebimento de sugestões de trabalhos conjuntos. (B1)

Mesmo com um trabalho de apresentação da biblioteca ao corpo docente, como vimos anteriormente, o uso da biblioteca pelo professor ainda é considerado baixo pelos bibliotecários. Diante dessa situação, a pergunta que fica é: quais os reais motivos para o pouco aproveitamento da biblioteca pelos professores?

Segundo os entrevistados, na biblioteca do Centro, não há atividades de familiarização ou treinamentos no uso da biblioteca e seus recursos dirigidos aos professores. E na “Biblioteca do Pedrão”, a situação não é diferente, pois esta também é pouco usada pelos professores, que, em sua maioria, solicitam os serviços dos bibliotecários para questões pessoais, como apoio a pesquisas de pós-graduação, como vemos na fala abaixo:

O espaço não é utilizado ou frequentado pelos professores, em sua maioria. Com raras exceções, as visitas dos professores são relacionadas exclusivamente a necessidades pessoais, como pesquisas para especialização, mestrado, doutorado etc. Não há uma utilização para complementação do conteúdo oferecido em sala de aula. (B2)

Ao serem questionados sobre quais as razões da baixa frequência do uso da biblioteca pelos professores, notamos na fala de um dos entrevistados uma sensação de isolamento da BE em relação às atividades didáticas regulares. Contudo, essa sensação parece estar sendo

substituída por uma percepção de mudança – trata-se uma realidade que se coloca no passado.

Vejamos o que foi dito:

Infelizmente, por um longo período, a biblioteca foi ignorada como um espaço de construção do saber, tanto pelo seu público como pelos seus responsáveis. Muitos sequer conheciam a localização da biblioteca até pouco tempo, ainda que sua localização seja em um ponto central do *campus* e de fácil acesso.

Acredito ainda que este distanciamento proposital foi mantido anteriormente como forma de dificultar a oferta de atividades no espaço, resultando em uma menor carga de trabalho. Um pensamento cruel, mas bem próximo do que ocorria.

Além de todos os pontos expostos anteriormente, a falta de divulgação do que o espaço teria a oferecer para seu público com certeza é uma das causas da baixa frequência, além da falsa ideia de que a internet dispensa a visita às bibliotecas. (B4)

Os bibliotecários entrevistados também informam que os representantes da biblioteca não participam de reuniões de planejamento pedagógico no *campus* SCII, o que, acreditamos, deve dificultar a aproximação com o corpo docente e as possíveis parcerias com a biblioteca.

Quanto aos projetos em parceria com professores, um dos respondentes nos informa que algumas iniciativas foram realizadas, mas com professores que possuem maior proximidade com os funcionários da biblioteca.

Tivemos alguns “ensaaios” para futuras parcerias. No segundo semestre de 2015, recebemos uma exposição com objetos do Museu do Folclore, fruto da primeira parceria com o professor de Artes de SCII. A exposição, bastante apreciada pelos visitantes, foi complemento a uma iniciativa da equipe da biblioteca de comemorar o mês do folclore com atividades e decoração relacionadas à data.

Em outubro/novembro organizamos, em parceria com a equipe de Ciências Sociais, o minicurso “Desvendando os quadrinhos com as Ciências Sociais”, no qual discutimos questões relacionadas a racismo, preconceito e minorias com a utilização de histórias em quadrinhos. O evento contou com palestras de especialistas em histórias em quadrinhos, incluindo um professor convidado da UFRJ, e oficinas para que os alunos pudessem produzir suas próprias histórias.

Participação na 2ª Jornada Pedagógica, oferecendo duas oficinas nas quais trabalhamos a empatia como forma de compreender as necessidades especiais específicas, com debates e atividades em torno dos curtas de animação “Out of sight” e “Cuerdas”. (B2)

Observamos aqui que há perspectivas de mudanças no relacionamento entre biblioteca e corpo docente por parte dos bibliotecários. Notamos isso também a respeito do desenvolvimento de atividades de familiarização ou treinamento no uso da biblioteca e seus recursos direcionados aos professores. Segundo os bibliotecários, não há atividades no

momento, mas há planos para que haja atividades desse tipo a partir do primeiro semestre de 2016.

6.2.5 Opiniões e sugestões

Respondendo à pergunta sobre como a biblioteca pode contribuir para que alunos e professores utilizem o espaço e seus recursos de forma mais eficaz, os bibliotecários do *campus* Centro destacam vários fatores, como a conscientização da direção em relação ao papel da biblioteca, mais investimentos nos recursos humanos, no ambiente físico da biblioteca, no acervo e na inclusão da biblioteca nas atividades curriculares, como segue:

Precisamos ser mais proativos, precisamos de maior investimento, conscientização da Direção a respeito da importância deste setor em contribuição ao processo de ensino-aprendizagem. Maior envolvimento do corpo bibliotecário em Seminários e Congressos, publicação de artigos, de forma a obter maior notoriedade externa e, conseqüentemente, interna. (B3)

Reconhecê-la como elemento indispensável nesse processo implica, também, na percepção das necessidades de melhoria no ambiente físico, instalações, aumento no número de funcionários, incentivo ao aperfeiçoamento e capacitação dos profissionais, crescimento e atualização do acervo, disponibilização de horário na grade curricular para atividades junto à biblioteca. (B1)

Em São Cristóvão II, ao serem questionados sobre o mesmo tema, os respondentes salientaram que uma maior divulgação do espaço entre os professores os conscientizariam sobre os benefícios que o envolvimento da biblioteca proporciona ao processo educacional:

Creio que as iniciativas para uma maior divulgação do espaço entre os professores, de modo a transformar a biblioteca em uma extensão da sala de aula, seja extremamente benéfica para todos os envolvidos. Ganham os alunos, com um maior leque de experiências oferecidas; os professores, com novas possibilidades e ferramentas para complementação do conteúdo visto em sala de aula; e, principalmente, ganha a biblioteca, que recupera sua extrema importância no processo educacional e passa a ser reconhecida por isso, deixando no passado o estigma de mero depósito de livros. (B4)

Em resposta à pergunta sobre haver mais espaço para atuação da biblioteca para o desenvolvimento de competências no uso da informação junto aos professores e alunos, os entrevistados do *campus* Centro julgam que sim.

As respostas ao questionamento sobre as sugestões de atividades futuras para o desenvolvimento da Competência em Informação dos alunos, os respondentes envolveram novamente a questão de integração das atividades à grade curricular, parceria com outras instituições e mesmo uma disciplina específica em suas falas:

[...] disponibilização de horário na grade curricular para atividades junto à biblioteca. (B1)

Uma iniciativa desenvolvida, no segundo semestre de 2015, pela bibliotecária Conceição Dias, do Campus Humaitá II, em parceria com alunos da Licenciatura em Biblioteconomia da UNIRIO, sobre Competência Informacional com alunos do 6º ano do Ensino Fundamental. Acho que a Seção de Bibliotecas e Salas de Leitura poderia aproveitar essa iniciativa e tentar estendê-la para todas as bibliotecas do Colégio. (B1)

[...] sou a favor da inserção de uma disciplina para a questão da “INFOLITERACIA” no currículo escolar, assim como já é feito em alguns países da Europa. (B3)

Em São Cristóvão II, sobre existir mais espaço para ação da biblioteca no desenvolvimento de competências no uso da informação junto aos professores e alunos, os entrevistados do *campus* consideram que sim. No entanto, apontam a necessidade de primeiramente investirem na capacitação do espaço: “*Sim. Porém, é necessário que primeiro a biblioteca invista em sua própria capacitação para oferecer mais aos seus usuários*”. (B4)

No que se refere às atividades futuras para o desenvolvimento da Competência em Informação no alunado, os bibliotecários ratificam a necessidade de avaliação e atenção às competências e capacitação da equipe, e também para a necessidade da criação de oportunidades para parcerias com os professores, como atesta as seguintes falas:

Infelizmente, neste momento, o crucial é que a biblioteca dê um passo atrás e analise as suas próprias competências.

É claro que temos muito para oferecer ao nosso público e contribuir para a preparação dos nossos alunos não só para o uso de nosso espaço durante sua vida acadêmica na instituição, mas também para que ele chegue preparado em uma futura graduação. Do mesmo modo, criar oportunidades para trabalharmos em parceria com os professores. Entretanto, estes serão passos a serem considerados futuramente. (B4)

Podemos perceber que há uma compreensão dos bibliotecários sobre a importância de ações que desenvolvam a Competência em Informação no alunado, e que, para que isso ocorra, são necessárias mudanças comportamentais, tanto da equipe da biblioteca quanto da comunidade escolar em geral, e ainda física e ambiental como a renovação do acervo, implantação de recursos tecnológicos, mobiliário novo e manutenção das condições climáticas locais. Parcerias com instituições e pesquisadores também são apontadas como ações para que a biblioteca alcance seu melhor potencial como colaboradora no processo de ensino aprendizagem do alunado.

6.2.6 Considerações sobre as entrevistas

A partir das entrevistas, pudemos verificar que nas duas bibliotecas pesquisadas não existem programas específicos para o desenvolvimento da Competência em Informação dos alunos. No entanto, percebemos que, mesmo que de maneira informal – através de algumas iniciativas durante o atendimento ao usuário e confecção de folhetos –, os bibliotecários procuram chamar a atenção dos alunos para aspectos importantes da Competência em Informação que envolvem a busca e o uso da informação, colaborando, assim, para desenvolver essas competências no alunado.

Através das falas dos bibliotecários percebemos que as bibliotecas dos *campi* Centro e São Cristóvão II são frequentadas quase que exclusivamente por alunos, e que os usos da biblioteca ainda estão intimamente relacionados às atividades de leitura recreativa e estudo. Percebemos também que, para os entrevistados, as questões físicas e estruturais interferem diretamente na frequência, procura e uso da biblioteca.

Notamos também que, mesmo que a procura da biblioteca seja para as atividades de leitura em sua maioria, há procura da biblioteca pelos alunos para pesquisa escolar, mas apenas quando os professores solicitam. Esta não é uma prática habitual e podemos considerar que o pouco conhecimento dos recursos e possibilidades que a biblioteca oferece contribui para essa situação.

Ao analisar os relatos, percebemos que as dúvidas dos alunos quando buscam a biblioteca para a atividade de pesquisa são semelhantes em ambas as unidades, e as questões mais comuns estão relacionadas ao uso do catálogo, à determinação do assunto de pesquisa nas obras disponíveis e à confiabilidades das fontes.

Na biblioteca do *campus* Centro, como não há computadores, o acervo e a orientação dos funcionários são os únicos recursos para pesquisa. Não há espaços apropriados para discussões em grupo, nem acesso às bases de dados, o que dificulta o acesso a informações nos mais variados formatos e o compartilhamento de informações, conhecimentos e estratégias de pesquisa.

A preocupação dos bibliotecários do *campus* Centro em selecionar e separar materiais impressos e online para que todos os alunos tenham acesso à informação quando solicitado um trabalho de pesquisa é válida. No entanto, essa prática não permite aos alunos desenvolverem competências para avaliar a dimensão da informação necessária para a resolução de problemas e avaliar criticamente as fontes usadas; dois fatores apontados pela ALA (2000) como habilidades de alunos competentes em informação.

Essa seleção de material também interfere na autonomia do aluno em escolher as fontes de informação que serão usadas. Acreditamos que outras iniciativas, como o uso dos três folhetos apresentados (ANEXOS A, B e C), eram ferramentas importantes para o desenvolvimento da Competência em Informação nos alunos. Se usadas no momento da dúvida, juntamente com uma explicação do bibliotecário, seriam uma grande contribuição para a mencionada competência.

No *campus* SCII, há computadores com acesso à internet e à base de dados para uso dos alunos e, segundo as declarações dos entrevistados, há preferência do alunado pelo uso destes. Os relatos também nos indicam que as dúvidas dos alunos estão relacionadas à sua frágil compreensão no uso das obras de referência e à identificação dos assuntos pesquisados e sua relação com as áreas do conhecimento. A falta de programas de treinamento para a utilização do acervo e dos recursos em rede compromete o desenvolvimento de habilidades para o uso dos recursos oferecidos pela biblioteca.

A postura do bibliotecário é determinante, sua função de educador é ensinar a aprender, colaborando para o processo do aluno de aprender a aprender (VÁLIO, 1990). Tendo em conta que aprender é mais do que recuperar a informação, subordina-se a interação nos contextos de aprendizagem, do material e ferramentas disponíveis e dos processos cognitivos individuais do educando (LANZI; VIDOTTI; FERNEDA, 2014).

A alta frequência do alunado e a presença dos computadores com acesso à internet proporcionam um ambiente favorável ao desenvolvimento de Competência em Informação dos alunos se associados a treinamentos e programas.

Juntamente com essas iniciativas, as atividades de apresentação da biblioteca são importantes, pois contribuem para integrá-la às atividades do Colégio e para aproximar a comunidade escolar do espaço. No entanto, apuramos que essas atividades são oferecidas principalmente uma vez ao ano para os alunos que iniciam no Colégio ou sob solicitação. Acreditamos que se, por alguma razão, um aluno perder essa apresentação, ele precisará ir pessoalmente à busca destas informações na biblioteca ou aguardar uma nova oportunidade para participar, o que pode gerar um afastamento deste possível usuário.

Consideramos que o uso da Biblioteca Escolar e de seus recursos pelos professores são importantes para que o aluno adquira o hábito de buscar o espaço, tanto para auxiliá-lo nas questões educacionais quanto na busca por material de lazer; e, quando o professor conhece e usa a biblioteca, esta relação constrói-se e solidifica-se no decorrer dos anos da Educação Básica, levando os benefícios para a vida acadêmica futura.

Concordamos com os bibliotecários dos *campi* Centro e SCII, ao apontarem que o primeiro passo para que a biblioteca contribua ativamente no processo educacional dos alunos e no processo de aquisição, desenvolvimento e consolidação de Competências em Informação dos alunos seria a conscientização do seu papel educacional junto ao corpo docente.

A partir dessa conscientização, os professores se tornariam mais receptivos às parcerias, e trabalhariam junto aos bibliotecários para as melhorias físicas e de pessoal, tornando o ambiente mais favorável ao desenvolvimento de Competência em Informação do alunado. Para mudar essa situação, também se faz necessário um posicionamento decisivo e dinâmico da equipe de bibliotecários.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo buscou discorrer sobre a importância da elaboração e implementação de programas que visem desenvolver a Competência em Informação nos alunos do Ensino Fundamental usando a Biblioteca Escolar.

Partiu-se do entendimento de que, na atualidade, é necessário que o cidadão – estudante ou trabalhador – seja capaz de reconhecer suas necessidades de informação, saiba como localizar esta informação e consiga acessar, recuperar, avaliar, organizar e utilizar a informação para a resolução de problemas. E, para que isso aconteça, é necessário adquirir habilidades específicas: Competências em Informação.

A partir desse pressuposto, surgiram algumas questões que foram consideradas em estudo, tendo como campo de investigação bibliotecas do Colégio Pedro II: de que maneira a Biblioteca Escolar e o bibliotecário estão contribuindo ou podem contribuir para garantir que os alunos se tornem competentes em informação? Quais os programas e serviços que a Biblioteca Escolar vem oferecendo à comunidade escolar para o desenvolvimento de Competências em Informação nos alunos? Como os bibliotecários estão lidando com as questões que advém dessa nova postura que a Educação demanda?

Para respondermos a essas indagações, foi necessária uma reflexão sobre o lugar da Biblioteca Escolar na Educação brasileira e a análise da literatura em busca de conceitos norteadores que embasaram o estudo apresentado.

Vimos que os estudiosos do tema consideram que a Biblioteca Escolar está inserida na Educação como um laboratório de aprendizagem, cujos objetivos são apoiar o projeto pedagógico escolar, desenvolver ações que proporcionem o desenvolvimento do pensamento crítico e a autonomia de aprendizado dos alunos, principalmente através do auxílio do bibliotecário às atividades de pesquisa escolar.

A literatura indicou que, através da pesquisa escolar, é possível desenvolver características de uma pessoa competente em informação, enfatizando aprendizagem por questionamento, destacando a ideia de aprender a aprender. Essa atividade proporciona o domínio dos mecanismos e ambientes informacionais através do uso do acervo e das TIC.

O uso de meios digitais e de diferentes mídias atraem os jovens estimulando o uso das demais ferramentas informacionais. Para isso, o usuário deve contar com o profissional bibliotecário atuando como mediador no processo de busca pela informação.

A revisão da literatura nos mostrou também as diferentes concepções da Competência em Informação, e verificamos que, ao longo do tempo, esse conceito foi se ampliando e sua

relevância estabelecia. A Competência em Informação compreende novos valores e atitudes diante da informação, como o *know how*, no manejo da informação abundante e, também, as habilidades necessárias no processo de busca, localização, seleção, acesso, uso e organização da informação visando à resolução de problemas.

Entendemos que a Competência em Informação, na qualidade de competência funcional, torna-se crucial para integração social e profissional do cidadão, e que, quanto mais cedo ele é treinado, mais rápido se dá o processo de desenvolvimento e capacitação do indivíduo para acessar, selecionar, avaliar e usar a informação necessária à realização do cidadão.

Também pudemos identificar, através do histórico da BE, que desde a instalação das primeiras unidades brasileiras há uma variação em relação ao seu papel, sua importância e valorização para Educação. E, a partir da análise de dispositivos legais e programas governamentais, constatamos que estes ainda são – prioritariamente – voltados à distribuição de acervos, e não contemplam a construção de espaços específicos para o funcionamento da Biblioteca Escolar; ainda faltam determinações específicas que garantam o efetivo funcionamento e criação da Biblioteca Escolar.

Como campo de pesquisa para o desenvolvimento da problemática foram selecionadas duas unidades educacionais do Colégio Pedro II, a saber: Unidade Centro e São Cristóvão II. O estudo nessas unidades nos proporcionou perceber que a situação da Biblioteca Escolar brasileira, mesmo em colégio de referência, caminha a passos curtos, e que a compreensão do lugar da biblioteca na escola ainda é pouco conhecida pelo corpo escolar, e, talvez, até pelos seus profissionais. Por outro lado, mostrou-nos o estudo que, mesmo lentamente, há perspectivas de mudanças.

Constatou-se que nas duas bibliotecas pesquisadas não existem programas específicos para o desenvolvimento da Competência em Informação dos alunos. Apenas iniciativas informais que buscam apontar aos alunos alguns aspectos importantes desta habilidade. Os dados apurados sugerem que os ambientes pesquisados não se mostraram favoráveis a discussões, trocas de ideias e ao compartilhamento de estratégias e táticas de acesso e avaliação de fontes informacionais. Notamos ainda pouca ênfase na facilitação das atividades em grupo que propiciam e que favorecem o aprender a aprender.

Um dos aspectos apontados pelo estudo, que é também destacado pela literatura, é o desconhecimento do papel da biblioteca na escola e na Educação dos alunos pelos professores, causando uma desvalorização do espaço pelo corpo docente, o que provavelmente se transfere aos alunos e aos outros departamentos da escola. Crianças que não

frequentam a Biblioteca Escolar tornam-se adultos que não frequentam a biblioteca universitária e, conseqüentemente, não são capazes de estimular o uso do espaço pelas futuras gerações. Essa situação vem se perdurando ao longo do tempo.

O estudo revela que há um esforço dos bibliotecários das unidades para que uma maior conscientização do papel da Biblioteca Escolar seja promovida, envolvendo a noção de que a BE está para além do local de silêncio e promoção da leitura. Vimos que, mesmo quando o espaço é muito frequentado, a procura se dá, sobretudo, para atividades de leitura e o estudo individual. E que, diante das tentativas de promoção e conscientização sobre a importância do espaço, os motivos para que essa integração não ocorra ainda é objeto de especulações.

Constatamos que a falta de entrosamento entre a equipe da biblioteca e o corpo de professores é uma questão que afeta diretamente as iniciativas de execução de atividades que esclareçam o alunado sobre a importância de treinamentos para o uso da informação e da frequência à biblioteca, já que os alunos só buscam os recursos da biblioteca quando solicitados pelos professores.

A falta de estímulo também interfere na continuidade de boas estratégias em desenvolver a Competência em Informação no alunado, como, por exemplo, os folhetos que eram usados na biblioteca do *campus* Centro. A ausência de computadores para os usuários da biblioteca também é preocupante, pois o ambiente virtual é fonte inesgotável de informação para a pesquisa escolar e requer aplicação das técnicas adquiridas pela Competência em Informação.

Na “Biblioteca do Pedrão”, vimos que há perspectiva positivas para o desenvolvimento de ações de promoção do uso do espaço através de assuntos voltados à faixa etária do alunado – como a introdução de quadrinhos para discussão de temas como preconceito e a apresentação de curtas de animação na 2ª Jornada Pedagógica que trabalhou a empatia como forma de compreender as necessidades especiais – tendo como finalidade, segundo os bibliotecários entrevistados, fazer com que os alunos incentivem os professores a fazerem parcerias com a biblioteca.

O estudo mostrou também evidências de que os bibliotecários entrevistados estão conscientizados sobre a importância de oferecer ações que desenvolvam a Competência em Informação para o alunado e que estão buscando executar estratégias para a implantação de programas que favoreçam o desenvolvimento desta, através da requisição de espaço fixo na grade e calendário escolar, tornando as iniciativas esporádicas, atualmente existentes, em definitivas.

Percebemos que o sistema de bibliotecas do CPII é um sistema já consolidado, mas notamos que passa por um momento de grandes mudanças, em busca de oferecer aos seus usuários e a toda comunidade escolar os recursos e a modernidade que a Educação para a Sociedade da Informação exige.

Sugerimos, a partir das evidências colhidas pelo estudo, a busca por parcerias com instituições e pesquisadores externos que podem auxiliar as bibliotecas das unidades no oferecimento de programas de desenvolvimento de Competência em Informação, assim contribuindo para que a biblioteca alcance seu melhor potencial como colaboradora no processo de ensino aprendizagem do alunado.

Sugerimos, também, que a Seção de Bibliotecas e Salas de Leitura do CPII, assuma o seu papel de intermediadora junto a Reitoria do Colégio, no sentido de impulsionar a participação da BE dos *campi* Centro e São Cristóvão no projeto pedagógico de cada unidade escolar.

Um programa básico de treinamento do usuário é outra proposta que fazemos aqui, que, pouco a pouco, contribuiria para sanar as dúvidas iniciais relativas à busca de informações, como o uso do catálogo, o uso de obras de referência, noções sobre a organização do conhecimento na biblioteca e sobre a confiabilidade das fontes.

Concluimos esta dissertação apontando a necessidade de novos estudos para aprofundarmos o conhecimento sobre os motivos que levam ao distanciamento do corpo escolar da biblioteca. Seria interessante realizar uma pesquisa com alunos e demais membros da comunidade escolar e estudos complementares sobre como a relação bibliotecário-professor interfere no desenvolvimento da Competência em Informação nos alunos e quais as suas consequências no processo de aprendizagem.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. Bibliotecário escolar: seu perfil, seu fazer. In: SILVA, Rovilson José; BERTOLIN, Sueli (Org.). **Fazeres cotidianos na biblioteca escolar**. São Paulo:Polis, 2006. cap. 4, p.43-64.
- AMERICAN LIBRARY ASSOCIATION. **Information literacy competency standards for higher education**. 2000. Disponível em: <<http://www.ala.org/acrl/sites/ala.org/acrl/files/content/standards/standards.pdf>>. Acesso em: 15 jun. 2015.
- ANDRADE, Maria Eugênia Albino. A biblioteca faz a diferença. In: CAMPELLO, Bernadete et al. **A biblioteca escolar: temas para uma prática pedagógica**. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. p.13-16.
- AVENA, Magdalena José. **Aprender a pesquisar: desafios da construção de um saber informacional na educação a distância**. 2011. Dissertação (Mestrado em Cultura e Informação) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27151/tde-19122011-224258/>>. Acesso em: 20 jun. 2015.
- BALMANT, Ocimara. Em 72,5% das escolas não há biblioteca; lei prevê obrigatoriedade até 2020. **Estado**. Geral, 23 jan. 2013. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/geral,em-72-5-das-escolas-nao-ha-biblioteca-lei-preve-obrigatoriedade-ate-2020-imp-,987556>>. Acesso em 15 jun. 2015.
- BARROSO, Maria Alice. Um modelo flexível para a biblioteca escolar. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 17, n. 1/2, p. 12-17, jan./jul. 1984. Disponível em: < <http://rbbd.febab.org.br/rbbd/issue/view/51>>. Acesso em: 20 abr. 2015.
- BAUER, M; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 2004.
- BELLUZZO, Regina Célia Baptista. **Construção de mapas: desenvolvendo competências em informação e comunicação**. 2. ed. Bauru: Cá Entre Nós, 2007.
- BEZERRA, M. A. C. A pesquisa escolar nas LDBs e nos PCNs. **Revista CRB-9 Digital**, São Paulo, v. 1, n. 3, p.1-18, dez. 2008. Disponível em: <<http://revista.crb8.org.br/index.php/crb8digital/article/viewFile/15/15>>. Acesso em: 16 abr. 2016.
- BICHERI, Ana Lúcia Antunes de Oliveira; ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco. Bibliotecário escolar: um mediador de leitura. **Biblioteca Escolar em Revista**, São Paulo, v. 2, n. 1, p. 41-54, 2013. Disponível em: <<http://revistas.ffclrp.usp.br/BEREV/article/viewFile/257/pdf>>. Acesso em: 28 abr. 2015.
- BRASIL. **Lei de diretrizes e bases da educação: Lei nº 9.394/96 de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm>. Acesso em: 16 maio 2015.

BRASIL. **Lei n. 10.753 de 30 de outubro de 2003**. Institui a Política Nacional do Livro. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.753.htm>. Acesso em: 26 maio 2015.

_____. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. **Resolução CNE/CEB nº 4**, de 13 de julho de 2010. Define Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica. Disponível em: <file:///C:/Users/Cliente/Downloads/rceb004_10.pdf>. Acesso em: 26 maio 2015.

_____. Ministério da Educação. Ministério da Cultura. **Plano nacional do livro e leitura**. Brasília, DF: Câmara Setorial do Livro, Leitura e Literatura, 2006. Disponível em: <http://www2.cultura.gov.br/upload/PNLL_1185372866.pdf>. Acesso em: 18 jun. 2015.

_____. Ministério da Educação. Ministério da Cultura. **Plano nacional do livro e leitura**. Brasília, DF: Câmara Setorial do Livro, Leitura e Literatura, 2014. Disponível em: <http://www.cultura.gov.br/documents/10883/1171222/cadernoPNLL_2014ab.pdf/df8f8f20-d613-49aa-94f5-edebf1a7a660>. Acesso em: 18 jun. 2015.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral. **Programa nacional biblioteca da escola**. Brasília, DF: 1997. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=12368&Itemid=575>. Acesso em: 30 maio 2015.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica**. Brasília, DF: 2013. Disponível em: <portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&task=doc>. Acesso em: 27 maio 2015.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais**. Brasília, DF: 1997. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro01.pdf>>. Acesso em: 26 maio 2015.

_____. Senado Federal. **Emenda n.1 CE (Substitutivo)**. Projeto de Lei da Câmara n. 28, de 2012. Altera a Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para instituir a obrigatoriedade de criação e manutenção de bibliotecas escolares em todas as instituições de educação básica. Brasília, DF: 1996. Disponível em: <<http://legis.senado.leg.br/mateweb/arquivos/mate-pdf/137345.pdf>>. Acesso em: 15 dez. 2015.

BRUCE, Christine. **Seven faces of information literacy in higher education**. 1997. Disponível em: <<http://www.christinebruce.com.au/informed-learning/seven-faces-of-information-literacy-in-higher-education/>>. Acesso em: 12 abr. 2016.

CAIRES, Fernanda Medeiros. **Biblioteca na educação: práticas colaborativas e apropriação cultural**. 2014. 131 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Escola de Comunicação e Artes. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27151/tde-20012015-111621/pt-br.php>>. Acesso em: 14 jun. 2015.

CALDIN, Clarice Fortkamp. A função social da leitura da literatura infantil. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Florianópolis, n.15, p. 47-58, 1 sem. 2003. Disponível em: < <http://periodicos.ufsc.br/index.php/eb>>. Acesso em: 23 out. 2013.

CAMPELLO, Bernadete. et al. A internet na pesquisa escolar: um panorama do uso da Web por alunos do ensino fundamental. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 19., 2000, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: Associação Rio-Grandense de Bibliotecários, 2000.

_____. A função educativa da biblioteca escolar no Brasil: perspectivas para seu aperfeiçoamento. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 5., 2003, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte, Escola de Ciência da Informação da UFMG, 2003. Disponível em:<gebe.eci.ufmg.br/download/ENANO54.pdf>. Acesso em: 25 jun. 2015.

_____. A competência informacional na educação para o século XXI. In: _____. et al. **A biblioteca escolar: temas para uma prática pedagógica**. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. p. 9-12.

_____. **Letramento informacional: função educativa do bibliotecário na escola**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

_____. et al. Aprendizagem pela pesquisa: busca e uso de informações na produção de conhecimento. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 11., 2010, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro, Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), 2010. Disponível em: < <http://enancib.ibict.br/index.php/enancib/xienancib/paper/viewFile/3443/2569>>. Acesso em: 18 jun. 2015.

_____. (Coord.). **Biblioteca escolar como espaço de produção do conhecimento: parâmetros para bibliotecas escolares**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. Disponível em: <http://www.cfb.org.br/UserFiles/File/projetos/MIOLO.pdf>. Acesso em: 24 mar. 2015.

_____. et al. Parâmetros para bibliotecas escolares brasileiras: fundamentos de sua elaboração I. **Informação & Sociedade: estudos**, João Pessoa, v. 21, n. 2, p. 105-120, maio/ago. 2011. Disponível em: < <http://www.ies.ufpb.br/ojs/index.php/ies/article/view/10451/5965>>. Acesso em: 24 mar. 2015.

CARVALHO, Maria da Conceição. Educação de usuário em bibliotecas escolares: considerações gerais. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, Brasília, DF, v. 9, n. 1, p. 22-29, jan./jun. 1981. Disponível em: <http://www.brapci.ufpr.br/journal_edicao_artigos.php?dd0=8&dd1=1981&dd2=jan./jun.%201981&dd3=v.%209&dd4=n.%201>. Acesso em: 15 abr. 2015.

CASTRO FILHO, Cláudio Marcondes de; PACAGNELLA, Juliana Nascimento. Biblioteca escolar pública, bibliotecário e..... In: CASTRO FILHO, Cláudio Marcondes de; ROMÃO, Lucília Maria Souza (Org.). **Dizeres sobre biblioteca escolar: palavras em movimento**. Ribeirão Preto: Alfabeto, 2011. p. 97-108.

CERDEIRA, Theodolindo. A biblioteca escolar no planejamento educacional. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, Brasília, DF, v. 5, n. 1, p. 35-41, 1977. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/documento.php?dd0=0000001771&dd1=27a7e>>. Acesso em: 20 abr. 2015.

CONSELHO FEDERAL DE BIBLIOTECONOMIA (CFB). **Programa mobilizador:** biblioteca escolar construção de uma rede de informação para o ensino público. Brasília, DF: Sistema CFB/CRB, 2009.

CORRÊA, Elisa Cristina Delfini. et al. Bibliotecário escolar: um educador? **Revista ACB:** biblioteconomia em Santa Catarina, v. 7, n. 1, p. 107-123, 2002. Disponível em:<<http://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/379/458>>. Acesso em: 6 jul. 2015.

CÔRTE, Adelaide Ramos e; BANDEIRA, Suelena Pinto. **Biblioteca escolar**. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 2011.

COUTINHO, Katia Soares; XERXENESKY, Filipe. Biblioteca escolar no século XXI. In: MORO, Eliane Lourdes da Silva. et al. (Org.). **Biblioteca escolar:** presente! Porto Alegre: Evangraf; CRB 10, 2011. p. 177-192.

CRUZ NETO, Otávio. O trabalho de campo como descoberta e criação. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social:** teoria, método e criatividade. 22.ed. Petrópolis: 2003.

DELORS, Jacques. A educação ou a utopia necessária. In: _____ et al. **Educação:** um tesouro a descobrir. Brasília, DF: Faber-Castell, 2010. p. 5-25. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0010/001095/109590por.pdf>>. Acesso em: 27 mar. 2016.

DUDZIAK, Elisabeth Adriana. **A information literacy e o papel educacional das bibliotecas**. 2001. 173 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) - Escola de Comunicação e Artes. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27143/tde-30112004-151029/pt-br.php>>. Acesso em: 14 jun. 2015.

DURBAN ROCA, Glória. **Biblioteca escolar hoje:** recurso estratégico para a escola. Tradução: Carlos Henrique Lucas Lima. Porto Alegre: Penso, 2012.

ERMAKOFF, George. **Bibliotecas brasileiras**. Rio de Janeiro: G. Hermakoff Casa Editora, 2015.

JIMÉNEZ FERNANDÉZ, Concepción María. Estudio sobre el estado de las webs de bibliotecas escolares em Andalucía y Extremadura y propuestas para su mejora. **Investigación Bibliotecológica**, México, v. 27, n. 60, p.27-50, maio/ago., 2013. Disponível em: <http://www.scielo.org.mx/scielo.php?pid=S0187-358X2013000200003&script=sci_arttext>. Acesso em: 20 mar. 2015.

FIALHO, Janaína Ferreira; MOURA, Maria Aparecida. A formação do pesquisador juvenil. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 10, n.2, p. 194-207, jul./dez. 2005. Disponível em: <<http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/343/151>>. Acesso em: 30 jun. 2015.

FRAGOSO, Graça Maria. Biblioteca na escola. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, v.7, n. 1, p.124-131, 2002. Disponível em: <www.acbsc.org.br/revista/ojs/viewarticle.php?id=78&layout=html - 33k.>. Acesso em: 20 abr. 2015.

FURTADO, Cassia. A biblioteca escolar no sistema educacional da sociedade da informação. In: SEMINÁRIO BIBLIOTECA ESCOLAR ESPAÇO DE AÇÃO PEDAGÓGICA, 3., 2004. Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: Escola de Biblioteconomia da UFMG, 2004. p.250-263. Disponível em: <<http://gebe.eci.ufmg.br/downloads/317.pdf>>. Acesso em: 20 abr. 2015.

FURTADO, Denise Aroucha. Políticas públicas e biblioteca escolar a realidade ludovicense. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 24., 2011. **Anais...** Maceió, 2011. Disponível em: <<http://febab.org.br/congressos/index.php/cbbd/xxiv/paper/view/263/682>>. Acesso em: 25 ago. 2013.

GASQUE, K. C. G. D. Arcabouço conceitual do letramento informacional. **Ciência da Informação**, v. 39, n. 3, p. 83-92, set./dez., 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ci/v39n3/v39n3a07.pdf>>. Acesso em: 10 abr. 2016.

HATSCHBACH, Maria Helena de Lima. **Information literacy**: aspectos conceituais e as iniciativas em ambiente digital para o estudante de nível superior. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação)-Escola de Comunicação. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Rio de Janeiro, 2002. Disponível em: <<http://tede-dep.ibict.br/bitstream/tde/49/1/mariahelena2002.pdf>>. Acesso em: 4 ago. 2015.

INTERNATIONAL FEDERATION OF LIBRARY ASSOCIATIONS AND INSTITUTIONS (IFLA). **Manifesto IFLA/UNESCO para biblioteca escolar**. Haia: 2000. Disponível em: <<http://archive.ifla.org/VII/s11/pubs/portuguese-brazil.pdf>>. Acesso em: 15 mar. 2015.

_____. **Diretrizes sobre desenvolvimento de habilidades em informação para a aprendizagem permanente**. Haia: 2008. Disponível em: <<http://www.ifla.org/files/assets/information-literacy/publications/ifla-guidelines-pt.pdf>>. Acesso em: 18 jun. 2015.

KIESER, Herta; FACHIM, Gleisy Regina Bóries. **Biblioteca escolar**: espaço de interação entre bibliotecário-professor-aluno-informação: um relato. 2000. Disponível em: <http://www.geocities.ws/biblioestudantes/texto_28.pdf>. Acesso em: 5 maio 2015.

KLEIMAN, Ângela. **Texto e leitor**. Campinas: Pontes, 1989.

LANZI, Luciene Andréa Catini; VIDOTTI, Silvana Aparecida Borsetti Gregório; FERNEDA, Edberto. Tecnologias de informação e comunicação em bibliotecas escolares: em busca de um espaço dinâmico. **Informação & Sociedade**, João Pessoa, v. 24, n. 1, p. 103-116, jan./abr., 2014. Disponível em: < <http://www.ies.ufpb.br/ojs/index.php/ies/article/view/16327/10884>>. Acesso em: 28 jun. 2015.

LEITE, Serafim. **História da Companhia de Jesus no Brasil**. Lisboa: Portugália; Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1938. Tomo II, livro V, cap. I.

_____, Serafim. **História da Companhia de Jesus no Brasil**. Lisboa: Portugália; Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1940. Tomo V, livro I, cap. IV.

LYMAN, H. H. Literacy education as library community service. **Library Trends**, v. 28, n. 2, p. 193-217, 1979. Disponível em: <<https://www.ideals.illinois.edu/bitstream/handle/2142/7080/library..?sequence=1>>. Acesso em: 10 abr. 2016.

MAROTO, Lucia Helena. A biblioteca escolar no Brasil hoje. In: _____. **Biblioteca escolar, eis a questão!** Do espaço do castigo ao centro do fazer educativo. Belo Horizonte: Autêntica, 2012. p. 57-74.

MARTUCCI, Elisabeth Márcia; MILANI, Maria Regina. Diagnóstico das bibliotecas escolares da rede estadual de ensino do município de São Carlos. **Informação & Informação**, Londrina, v. 4, n. 2, p. 79-94, jul./dez. 1999. Disponível em: <www.uel.br/revistas/informacao/include/getdoc.php?id=225&article=69&mode=pdf>. Acesso em: 17 dez. 2015.

MEDEIROS, Ana Ligia Silva. **Desconhecida pela comunidade e desprezada pelas autoridades**: a biblioteca pública no Brasil na opinião de atores políticos e pesquisadores. 2015. 175 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação/ Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia/ Universidade Federal do Rio de Janeiro/ Escola de Comunicação, Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: <ridi.ibict.br/handle/123456789/802>. Acesso em: 15 fev. 2016.

MORAES, Rubens Borba de. **Livros e bibliotecas no Brasil colonial**. 2.ed. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 2006.

MORO, Eliane Lourdes da Silva; ESTABEL, Lizandra Brasil. Bibliotecas escolares: uma trajetória de luta, de paixão e de construção da cidadania. In: _____. et al. (Org.). **Biblioteca escolar**: presente! Porto Alegre: Evangraf; CRB 10, 2011. p. 13 - 70.

MUELLER, Suzana P. M. Perfil do bibliotecário, serviços e responsabilidades na área de informação e formação profissional. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, Brasília, DF, v. 17, n. 1, p. 63-70, 1989. Disponível em: <<http://www.brapi.ufpr.br/documento.php?dd0=0000002584&dd1=a43f3>>. Acesso em: 15 abr. 2015.

PAIVA, Jane; BERENBLUM, Andréa. Programa nacional de biblioteca na escola (PNBE): uma avaliação diagnóstica. **Pró-Posições**, Campinas, v. 20, n. 1, p. 173-188, jan./abr. 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pp/v20n1/v20n1a10>>. Acesso em: 20 abr. 2015.

PEREIRA, Maria de Nazaré Freitas. Estudo anotado de nível 1 – Autor: Christine Bruce. In: _____. **Carpintaria do trabalho acadêmico**. Rio de Janeiro, 2004. p. 129-132. [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <gisele.cmonteiro@gmail.com> em 29 fev. 2016.

PEREIRA, Rodrigo. **Desenvolvendo a competência em informação: resultados da prática no ensino fundamental**. Rio de Janeiro: Interciência, 2015.

PERUCCHI, Valmira. A importância da biblioteca nas escolas públicas municipais de Criciúma - Santa Catarina. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v.4, n.4, 1999. Disponível em: <<http://www.acbsc.org.br/revista/ojs/viewarticle.php?id=39>>. Acesso em: 15 dez. 2015.

PINTO, Adélia de Moraes; OLIVEIRA, Lúcio Luís Almeida. Biblioteca escolar e a educação no Brasil. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 25., 2013, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: FEBAB, 2013. p. 214-224. Disponível em: <<http://portal.febab.org.br/anais/article/view/1243/1244>>. Acesso em: 22 abr. 2015.

RAMALHO, Maria Olinda Horta. O silêncio na biblioteca escolar: necessidade ou mito? **Revista de Biblioteconomia e Comunicação**, Porto Alegre, v. 3, p. 87-90, jan./dez. 1988. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/documento.php?dd0=0000003489&dd1=16e2d>>. Acesso em: 20 abr. 2015.

SANTOS, Inácia Rodrigues dos. A biblioteca escolar e a atual pedagogia brasileira. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, Brasília, DF, v. 1, n. 2, p. 145-150, jul./dez. 1973. Disponível em: <<http://164.41.105.3/portaldesp/ojs-2.1.1/index.php/RBB/article/view/24/16>>. Acesso em: 15 abr. 2015.

SILVA, Jonathas Luiz Carvalho. Perspectivas históricas da biblioteca escolar no Brasil e análise da Lei 12.244/10. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v. 16, n. 2, p. 489-517, jul./dez. 2011. Disponível em: <<http://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/797>>. Acesso em: 20 abr. 2015.

SILVA, Mônica do Amparo. Biblioteca escolar: uma reflexão sobre a literatura. In: SEMINÁRIO BIBLIOTECA ESCOLAR: espaço de ação pedagógica, 3., 2004, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: Escola de Biblioteconomia da UFMG, 2004. Disponível em: <<http://gebe.eci.ufmg.br/downloads/324.pdf>>. Acesso em: 15 abr. 2015.

SILVA, Rovilson José da; BORTOLIN, Sueli (Org.). **Fazeres cotidianos na biblioteca escolar**. São Paulo: Polis, 2006.

SILVA, Waldeck Carneiro da. **Miséria da biblioteca escolar**. São Paulo: Cortez, 1994.

STRAUSS, Anselm; CORBIN, Juliet. **Pesquisa qualitativa: técnicas, procedimentos para o desenvolvimento de teoria fundamentada**. 2.ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.

TAKAHASHI, Tadao (Org.). **Sociedade da informação no Brasil: Livro Verde**. Brasília. Ministério da Ciência e Tecnologia, 2000. Disponível em: <http://www.mct.gov.br/upd_blob/0004/4795.pdf>. Acesso em: 18 dez. 2015.

VALIO, Else Benetti Marques. Biblioteca escolar: uma visão histórica.

Transinformação, Campinas, v. 2, n. 1, p. 15-25, jan./abr. 1990. Disponível em:

<<http://periodicos.puc-campinas.edu.br/seer/index.php/transinfo/article/view/1670> >. Acesso em: 15 abr. 2015.

VIANNA, Márcia Milton; CARVALHO, Natália Guiné de Mello; SILVA, Rosana Matos.

Entre luz e sombra...: uma revisão da literatura sobre biblioteca escolar. In: SEMINÁRIO

BIBLIOTECA ESCOLAR: espaço de ação pedagógica, 1., 1998, Belo Horizonte. **Anais...**

Belo Horizonte: Escola de Biblioteconomia da UFMG, 1998. Disponível em:<

<http://gebe.eci.ufmg.br/downloads/104.pdf>>. Acesso em: 20 mar. 2015.

VIEIRA, Leonardo; LINS, Letícia. Censo: 65% das escolas brasileiras não têm biblioteca. **O**

Globo. Sociedade: Educação, 25 maio 2014. Disponível em:

<<http://oglobo.globo.com/sociedade/educacao/centso-65-das-escolas-brasileiras-nao-tem-biblioteca-12594751#ixzz3bBIQM0BP> >. Acesso em: 25 abr. 2015.

APÊNDICE A - Roteiro de observação



INSTITUTO BRASILEIRO DE INFORMAÇÃO EM CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
Pesquisa sobre Bibliotecas Escolares do Rio de Janeiro
Gisele Camargo Monteiro Orientadora: Dra. Gilda Olinto

ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO

Data:

Biblioteca:

Horário inicial/final:

Aspectos a serem observados:

- Ambiente externo da biblioteca
 - localização dentro da escola;
 - condições de acesso;
 - sinalização.
- Ambiente interno da biblioteca
 - recepção/balcão de referência (receptividade, sinalização);
 - mobiliário (conforto, estado de conservação, tipos);
 - acervo (tipos, acesso, catálogo, classificação, organização, sinalização, estado de conservação);
 - equipamentos e tecnologias (computadores, internet e outras tecnologias);
 - cartazes, panfletos e avisos (usos do não, ações culturais e projetos desenvolvidos na biblioteca);
 - decoração;
 - condições do ambiente (limpeza, conservação, pintura, ventiladores, ar-condicionado);
 - outros ambientes dentro da biblioteca (espaços reservados para leitura, estudos, refeição, banheiro).
- Características dos usuários, da equipe da biblioteca e a interação entre eles
 - tipos de usuários (características de gênero, idade e cor);
 - como os usuários utilizam os espaços da biblioteca;
 - como os usuários interagem com o acervo (facilidade e familiaridade);
 - como se dá a interação entre usuários e profissionais (harmonia, confiabilidade, cordialidade, reciprocidade);
 - contextos de interação (ajuda para usar o acervo, equipamentos, informações gerais, bate papos informais);
 - interação entre usuários (aspectos e contextos que ocorrem);
 - interação entre profissionais (aspectos e contextos que ocorrem);

APÊNDICE B - Roteiro de entrevista semiestruturada bibliotecário(a)



INSTITUTO BRASILEIRO DE INFORMAÇÃO EM CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
Pesquisa sobre Bibliotecas Escolares do Rio de Janeiro
Gisele Camargo Monteiro Orientadora: Dra. Gilda Olinto

ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA BIBLIOTECÁRIO (A)

Data: _____ Biblioteca: _____
Entrevistado: _____ Horário: _____

Apresentação:

Esta pesquisa faz parte do projeto de dissertação sobre biblioteca escolar, desenvolvido junto ao PPGCI – IBICT/UFRJ, sob a orientação da Prof.^a Gilda Olinto. Agradeço a abertura e disponibilidade do Colégio e de seus profissionais em participar desta entrevista - etapa importante do levantamento de dados desta investigação.

- **Caracterização do uso e dos usuários da biblioteca**

Que tipo de usuário mais frequenta a biblioteca?
Como você caracterizaria o uso da biblioteca pelos alunos?
Para quais atividades os alunos mais utilizam a biblioteca?
Os alunos veem mais para realizar atividades em grupo ou sozinhos?
Há registros de uso e frequência dos usuários?

- **Mediação do bibliotecário nas atividades de pesquisa escolar**

Há solicitação dos alunos aos bibliotecários para auxílio nas atividades de pesquisa escolar?
Para que tipo de pesquisa escolar esse auxílio é mais solicitado?
Quais as solicitações ou dúvidas mais recorrentes dos alunos ao fazerem pesquisa escolar?
O/A bibliotecário/a ajuda a escolher as fontes para pesquisa escolar? De que forma isso acontece?
É frequente a vinda dos alunos à biblioteca com pedido de material/fontes para pesquisa pré-selecionados?
Como isso se dá? Você apresenta novas opções de fontes/materiais para os alunos que chegam com essa pré-seleção? Qual a receptividade às suas sugestões?

- **Atividades de familiarização do usuário com a biblioteca e seus recursos**

Quais as atividades planejadas pela biblioteca para familiarizar o público da escola quanto ao uso da biblioteca e seus recursos?
Quais são elas?
A quem são oferecidas?
Com que frequência?

A biblioteca oferece aos alunos treinamento para o uso e reconhecimento de recursos e/ou base de dados disponíveis em rede? Se sim, descreva.

Há recursos oferecidos envolvendo o uso da internet?

Qual o retorno recebido por parte dos alunos e professores quanto aos resultados dessas atividades?

Há registros desses resultados?

- **Uso da biblioteca pelos professores e parcerias bibliotecário-professor**

Como caracterizaria o uso da biblioteca pelos professores?

Se considerar a frequência de professores baixa, em sua opinião, quais seriam as razões?

Você recebe solicitações dos professores?

Quais? Em que ocasiões?

Existem atividades desenvolvidas em parceria com professores no espaço da biblioteca e/ou fora dela?

Se sim, por favor, descreva.

Se não, o que você acha que poderia ser feito para incrementar a parceria entre biblioteca e professores?

Você desenvolve atualmente alguma atividade de familiarização ou treinamento no uso da biblioteca junto aos professores?

Nas reuniões de planejamento pedagógico há participação de representantes da biblioteca?

Se, sim. Como é essa participação?

Se não, em sua opinião, por que isso não ocorre?

Como se dá o planejamento e aquisição de acervo? Há envolvimento de professores, pais e alunos?

- **Últimas questões**

O que você sugere para que a sua atuação na biblioteca contribua mais para que os alunos e professores utilizem a biblioteca, e as fontes de informação que ela oferece, de forma eficaz?

Quais as melhorias que você gostaria de fazer para melhor atender seu público?

Você sugere alguma atividade que possa contribuir para a competência em informação dos alunos e dos professores?

Você considera que pode haver mais espaço nesta escola para a sua atuação no desenvolvimento da competência no uso da informação junto a alunos e professores?

O Colégio Pedro II é composto de diversos *campi*, há troca de experiências entre as bibliotecas dos *campi*?

- **Características do entrevistado**

Algumas perguntas sobre a sua formação profissional:

Curso de graduação: _____ Ano de formação: _____

Fez algum curso de especialização ou pós-graduação?

Teve experiência fora do Pedro II?

Onde?

Que tipo de atuação?

Sobre sua experiência no Pedro II

Qual o seu cargo?

A quem você se reporta diretamente?

Há quanto tempo está no colégio?

Há quanto tempo nesta biblioteca?
Gostaria de fazer algum outro comentário ou sugestão finalizando esta entrevista?

Muito obrigada pela colaboração com a minha pesquisa!

ANEXO A – Uso de bibliotecas

COLÉGIO PEDRO II
BIBLIOTECA*Enfim,*

material na mão ... 50% do trabalho
feito! O resto é com você...

ALGUMAS DICAS

- *Pesquisando por autor:* procure sempre pelo último sobrenome. Filho, Neto, Sobrinho, Júnior são indicações de parentesco e não sobrenome, procure pelo sobrenome que os precede.

- *Pesquisando por título:* procure pela primeira palavra significativa do título, ignorando os artigos iniciais - o(s), a(s), um(a), uns, umas.

- *Pesquisando por assunto:* de modo geral, as obras de literatura não possuem fichas de assunto com os gêneros literários (romance, suspense, aventura, etc.)

CP II / UEC / BIBLIOTECA
Maria de Fátima Prada Melo - Bibliotecária
CB87 3615

Título

155 Adolescência...
5123a Silva, José

Adolescência : aspectos psicológicos /
José Silva. -- Rio de Janeiro : Agir, 1997.
97 p. : il. : 21 cm.

Assunto

155 PSICOLOGIA DO ADOLESCENTE
5123a Silva, José

Adolescência : aspectos psicológicos /
José Silva. -- Rio de Janeiro : Agir, 1997.
97 p. : il. : 21 cm.

Sabendo disso,

você já é capaz de, em qualquer biblioteca, dirigir-se direto aos catálogos ou terminais de computadores; pesquisar conforme sua preferência (autor, título ou assunto); identificar o livro; copiar sua localização; ir direto a estante e pegá-lo, no caso de bibliotecas de livre acesso, ou solicitá-lo ao responsável, em bibliotecas de acesso restrito as estantes.

Uso de Bibliotecas

USO DE BIBLIOTECAS

1. Biblioteca

a. Definição

Local que reúne, de forma ordenada, o material bibliográfico para suprir toda e qualquer necessidade informacional, através da consulta e pesquisa, além de possibilitar a formação e desenvolvimento do hábito de leitura.

b. Tipos

As bibliotecas se diferenciam, principalmente, em função de sua finalidade e tipo de clientela:

- nacionais: são as depositárias da memória de um país, reunindo toda produção bibliográfica e documental. Apenas para consulta e, ainda assim, limitada a pesquisadores especializados;
- públicas: reunindo acervo diversificado, destina-se a atender as mais diversas necessidades seja de estudo, consulta ou lazer de uma comunidade em geral. Não tem restrição de público, atendendo do pré-leitor ao pesquisador especializado;

- especializadas: sua finalidade é atender às necessidades de um grupo restrito de usuários, tendo seu acervo constituído e direcionado em função desses interesses dentro de um campo específico do conhecimento;

- escolares / universitárias: têm como finalidade servir de complemento e apoio ao programa didático-co-pedagógico dessas instituições de ensino. A universitária se destina, ainda, ao desenvolvimento de atividades de estudo e pesquisa do corpo docente.

c. Organização

A disposição dos livros na biblioteca segue, de modo geral, a seguinte organização:

- obras de referência;
- acervo geral;
- coleção de periódicos;
- coleções de material especial (discos, mapas, manuscritos, etc.).

Na biblioteca escolar, para facilidade do aluno, os livros didáticos são separados do acervo geral e agrupados por grandes assuntos, de acordo com as disciplinas da grade curricular.

2. Onde encontrar a informação

a. Fontes (ver folheto anexo)

b. Localização

Cada obra tem sua identidade e endereço próprios.

Sua identidade se constitui num conjunto de fichas de autor, título e assunto que descrevem a obra e se encontram arquivadas, em ordem alfabética, nos respectivos catálogos da biblioteca.

O endereço do livro nada mais é do que sua localização nas estantes. Ele é composto por números e letras que representam o assunto do livro, e se encontram no alto do canto esquerdo das fichas. Sua ordenação nas estantes é em ordem sequencial crescente.

Modelo de fichas:

Autor

155

S123a Silva, José

Adolescência : aspectos psicológicos
/ José Silva. -- Rio de Janeiro : Agir,
1997.

97 p. : il. ; 21 cm.

1. Psicologia do adolescente I. Título

ANEXO B – Onde encontrar a informação que preciso?

Escuto muito falar sobre privatização, globalização, liberação do uso da maconha, mas as informações e opiniões são tão diferentes umas das outras ... Afinal, quem tem razão ?

Esses são assuntos atuais e poêmicos, que, talvez, você ainda não encontre nos livros. Consulte, então, os jornais e revistas, comparando as informações e forme sua própria opinião sobre o assunto.

Chega! Agora eu quero relaxar ...

Procure, então, as obras de literatura. Você pode "passear" pelos mundos da aventura, ação, suspense, romance ... e descobrir, enfim, o prazer da leitura.

COLÉGIO PEDRO II
BIBLIOTECA

Onde encontrar a informação que preciso?



CPII / UEC / BIBLIOTECA
Maria de Fátima Prôa Melo - Bibliotecária
CRB7 3615

Onde encontrar a Informação que preciso ?

Você deu o primeiro passo na direção correta ao procurar a Biblioteca. Agora, para obter o que precisa, você tem que saber a informação que cada tipo de obra pode lhe oferecer.

O que quer dizer "Biblioteca"?

Para saber o significado das palavras, nada melhor do que um dicionário; nele você encontra, sempre em ordem alfabética, o que quer dizer cada palavra.

Ex: Biblioteca, S.f. - 1. Coleção pública ou privada de livros e documentos...

Como é "Biblioteca" em inglês ? O que quer dizer "Library" ?

Para saber o equivalente de uma palavra em outra língua, é melhor consultar um dicionário bilingüe.

Ex: Biblioteca, f. - Library (dicionário português-inglês)
Library - Biblioteca (dicionário inglês-português)

Eu sei que o saci é um personagem do folclore brasileiro ... Só isso ? Quero saber mais ...

Procure, então, um dicionário especializado - nesse caso, dicionário de folclore -, ele dá o significado das palavras e informações específicas de um determinado assunto.

Ex: Saci - pequeno negrinho, com uma sêperna, carapuça vermelha na cabeça ...

Agora quero saber informações básicas sobre um assunto qualquer. Onde achar ?

Para isso, existem as enciclopédias, que são obras que tratam de todos os assuntos relativos à cultura e conhecimento em geral.

Esses assuntos são apresentados, também, em ordem alfabética e, no final de cada verbete (artigos nos

quais os temas são tratados) estão apresentadas as relações desses assuntos com outros, através da nota "Veja também..."

Ex: Abolicionismo. Veja também: Escravidão.

Ameba. Veja também: Protozoários

Se a forma que você procura não for a mais correta, também estará indicado, através da nota "Ver"

Ex: Guerra do Paraguai. Ver: Paraguai, Guerra do.

Se você quiser saber, ainda, "quem foi Zumbi dos Palmares", encontrará essa informação na enciclopédia, porque ela também apresenta biografias de pessoas célebres.

Ontem assisti o filme *O que é isso, companheiro*. Achei tão interessante, que gostaria de saber um pouco mais sobre esse período da história do país.

Procure, então, qualquer livro didático sobre esse assunto. Esses livros complementam o programa curricular.

ANEXO C- Como fazer uma pesquisa

COLÉGIO PEDRO II BIBLIOTECA



Como fazer uma pesquisa

- analise criticamente para que depois, *em conjunto*, se organize a pesquisa. Por incrível que pareça, é mais fácil se pesquisar e dominar um tema partindo do começo / meio / fim, do que tentar "adivinhar" o que fazer com aquele pedacinho de assunto que te sobrou na divisão do trabalho.
- Não deixe para pesquisar de "véspera", você pode não conseguir um trabalho correspondente à sua capacidade, apenas por falta de tempo
- Procure escrever com **clareza**, **objetividade** e **simplicidade**, evitando "palavras difíceis" e "frases feitas", usadas para impressionar - isso não torna seu trabalho mais interessante... muito pelo contrário!
- Sempre que possível, **ilustre seus trabalhos**, apresente gráficos, etc.
- Respeite o prazo de entrega dos trabalhos

CPTII / UEC / BIBLIOTECA
Maria de Fátima Prôa Melo - Bibliotecária
CRB7 3615

- Deve ter, no mínimo, as seguintes informações:
 - . **Capa / folha de rosto** - *no alto*, o nome do Colégio, disciplina e professor; *no centro*, título, nome do aluno, série, turma, número; *embaixo*, local e data. Não deve ter ilustrações
 - . **Índice / Sumário** - apresentação dos capítulos e ilustrações, com sua respectiva localização (página)
 - . **Capítulos** - devem ter título e/ou numeração sequencial, podendo ser dispostos cada um numa folha, ou, seguidamente, desde que, com espaço proporcional e maior entre eles
 - . **Bibliografia** - indicação das fontes utilizadas para a pesquisa, em ordem alfabética, seguindo o padrão abaixo:

SOBRENOME, Nome. Título da obra : subtítulo. Edição. Local : Editora, data. N.º pág. ou vol.

ALGUMAS SUGESTÕES

- Ao trabalhar em grupo, divida *igualmente* todas as etapas do trabalho: todos pesquisam e

O QUE PESQUISAR?

Defina claramente seu tema de pesquisa (TP), delimitando seus aspectos:

- dentro de que assunto está seu tema de pesquisa?
- TP. - Peixes
- ASS - Ciências (seres vivos)? Lazer (criação de peixes para aquários)? Economia (indústria pesqueira)?
- qual o aspecto desse assunto lhe interessa?
- TP. - Indústria pesqueira
- ASP - Tipos de embarcações? Crescimento econômico? Relações entre a indústria pesqueira e pesca predatória?
- qual o período e delimitação geográfica?
- TP. - Crescimento econômico da indústria pesqueira
- LIM - Desde quando? Até quando? No mundo? No Brasil?

ENFIM,

Tema de Pesquisa:

O crescimento econômico da indústria pesqueira, no Brasil, na década de 80.

ONDE PESQUISAR?

- Escolha das fontes:

- Pessoas (através de entrevistas, questionários, etc.)
- Material impresso (enciclopédias, livros didáticos, jornais, revistas, etc.)
- Outros recursos (CD-Rom, Internet, etc.)

COMO PESQUISAR?

- Utilize o maior número de fontes, para permitir comparações e escolha do material, não esquecendo, também, da bibliografia indicada pelo professor
- Faça a avaliação e seleção do material encontrado, levando em conta a cobertura, atualidade e profundidade de abordagem do assunto desejado (TP)
- Releia o material selecionado, fazendo anotações ou grifando as partes mais importantes

Não faça cópia, nem substituições de palavras por sinônimos para modificar uma frase copiada
Dê a sua interpretação do que leu

- Pare, pense e, então, organize o material

COMO ORGANIZAR?

- Siga o roteiro ou esquema indicado pelo professor
- Se não houver roteiro, faça a divisão de seu trabalho em:

- Introdução - apresentação sucinta do tema, com suas definições e como será desenvolvido

- Desenvolvimento - apresentação detalhada do tema, procurando, sempre, o encadeamento lógico das idéias - o que é, suas causas, princípios, efeitos e consequências - subdividindo em capítulos, para maior clareza na apresentação

- Conclusão - é o arremate do trabalho, sendo uma síntese dos pontos de vista do autor, suas interpretações e conclusões com relação às idéias apresentadas

COMO APRESENTAR ?

- Sempre que possível, o trabalho deve ser datilografado
- As páginas devem ser numeradas